

de Sacerdotes, & Letrados descobrio depois o tempo, quando por colher a este sóminino mandou matar quantos auia em Belem, & em todos seus derredores. Queria saber o lugar onde naceria aquelle de quem profetizara Balaam pollas conjecturas da estrella; para que sabendo dos Hebreos o lugar, & dos Magos o tempo, lhe não escapasse das mãos. A este parecem todos os hereges, que estudam nas escrituras, para que com sophisticas subtilezas perfigã a Christo, & a sua Igreja. Donde vem que os peruersos Lutheranos, & mais hereges do Norte em nenhũa cousa tanto cabedal mettem, como no estudo da Biblia sagrada, com os lugares da qual infestam aos Catholicos, & matam espiritualmente aos innocentes, & simplices. Etãbem saõ a este Herodes semelhãtes os hypocritas, que no habito exterior mostram desejo de saber a vontade de Deos pollas escrituras, & suspiram pollo descanso eterno, tratando, & conferindo duuidas espirituales; & na realidade não fazem mais que enganar, & adquirir animos singellos, tratando no interior, só de seu regalo, interesse & honra ambiciosamente. Fazem escrupulo de pisar no chaõ duas palhas feitas em Cruz, & não receam conculcar por seu appetite, & ambição toda a lei diuina; & de crucificar outra vez a Christo consigo (como diz o Apostolo) de uendo antes crucificar-se asi com Christo. E destes raes como Herodes, dixe hem S. Gregorio, que o hypocrita quer saber, mas não fazer as diuinas palauras; quer falar, mas não uiuer doutamente.

17 E diz que chamou a concelho os Principes dos Sacerdotes, & Letrados da lei, por authorizar assi melhor sua dissimulação. Porque os Principes dos Sacerdotes por authoridade, & os Letrados por sabidoria, diziam a verdade sem sospeita, ou ignorancia. E nisto differem os Principes dos Sacer-

dotes, dos Letrados, (que as escrituras chamam Scribas) porque os Principes dos Sacerdotes eram só do tribu Sacerdotal de Leui, cabeças das vinte & quatro familias, que delles distinguio o Rei David; & estas cabeças se chamauam Principes dos Sacerdotes: E os Scribas eram de qualquer tribu indifferentemente, como em muitos lugares se ve. Ainda que naquelle tempo os mais eram do tribu de Symeon. E chamam se Scribas, não por officio, que tiuessem de escreuer, se não polla authoridade de interpetrar a lei, & explicar os sentidos das Escrituras. E por tanto se chamam Scribas, quasi escriturarios ou interpretes da Escritura. Polla qual razão se não deuem chamar escriuãos, se não Scribas, ou Letrados, & Rabinos ou Mestres. E perguntaualhes, em que lugar Christo naceria. Onde (como diz Remigio) se ha de attentar, que não dixe: onde Christo naceo; se não onde Christo naceria; porque os perguntaua com astucia, para que pudesse conhecer se se alegrauam do Rei nacido. E chamalhe Christo, porque sabia que se auia de ajuntar Rei dos Iudeos. Em o qual parece bem, que Herodes Presidente daquelle junta, representa viuamente a Synagoga reprovada; pois nunca se cansam em saber, & inquirir por Fé, onde Christo naceo; se não, onde Christo nacerã. E assi nunca acabam de chegar ao presente, porque andam em busca de hum futuro, que de tantos annos atraz ha passado em preterito.

18 Elles (vistos os textos, & discutidas as razoens) aueriguaram, que em Belé de Iudã; porque assi està escrito pollo Propheta: Et tu Belem terra de Iudã, em nenhum modo serãs auida polla mais pequena nas principaes de Iudã, porque de ti sahirã o Capitaõ que reja o meu pouo de Israel. Este Propheta de quem os Letrados de Ierusalem tiraram a resposta da questão de Herodes, he cousa clara ser Mi-

cheas

1. Paril. 24.
C. 15. C. 2.
Par. 36. n.
14.

Rem. in car.

Mich. 5. n. 2.

Heb. 6. d. 6.

Greg. 15.
Mor.

cheas em o capitulo quinto. E ainda que entre as palauras deste testemunho citado dos Letrados, em S. Matheos pareça ter algũa diuersidade das do texto vulgato, que trasladou S. Ieronymo: toda via facilmente se concordam, ou polla variedade das liçoens, ou polla diuersidade dos sentidos. Os quaes todos concordam em que de Belem auia de nacer o Messias promettido, que era o ponto principal que se preguntaua. Polla qual tambẽ callaram as palauras que se seguem em Micheas, a saber: E saida sua serà do principio dos dias da eternidade. Se ja não foi, que de malicia callaram as taes palauras, por não darem a entender a Herodes que se jaçtauam, & alegrauam do nascimento doutro Rei mais poderoso, que reinasse sobre elles. O qual segundo S. Chrysostomo, fizeram como lizonjeiros Letrados; & segundo o Imperfeito, deram causa à morte dos Innocentes, que pode ser não succedera, se a Herodes declararam que o reinado do Messias era eterno. E he o sentido da profecia: Tu Belem pequena entre tantas grãdes cidades como tem a terra de Iudà, ainda que tal sejas, não ficaràs para sempre pequena, & acanhada; antes honrada, & illustre, porque de ti sairà o Messias verdadeiro, que para gloria de seu Padre eterno domine, & reja o pouo de Israel, junto dos crentes de todas as naçoens do mundo.

Chrysost.
hom. 7. in
Matth. &
Imperfec. hic

Chrysost. in
acten.

Gen. 31. n. 3.

Abul. q. 79.
Matth. apud

19 E bem aduertio S. Ioaõ Chrysostomo, que o Propheta não dezia que o Messias seria de Belem natural, se não que sairia de Belem, isto he, que naceria naquelle lugar. Porque o lugar da principal criação, he de que se chama o homem natural, & não ô de seu nascimento. E Iacob chamaua a terra de Palestina patria de seus Auôs, sendo que Abraham naceo em Caldea; mas porque em Palestina se auia criado, Por onde Christo, conforme a Abulense, & outros se

chama Nazareno pollo lugar onde se criou, como o Euangelho o testemunha; & não Belemita do lugar onde naceo. Posto que bem he verdade que para se aproueitar da honra, & lustre de fogeitos grandes, contendem por proprias as alheyas cidades, & terras, por algũa acção, ou façanha, que se nellas fizeffem; quanto mais a propria patria, & lugar certo do nascimento. E a terra de Sodoma compara a Escrittura com o paraíso, deuendo antes comparalla com o inferno; foi porque passaua por ella o Iordam, que a honraua. E por isso o Propheta pronosticou ao pequeno lugar de Belem tanta honra, & gloria resultada do nascimento de Christo em ella; ainda que ahi se não criasse, nem se lea que a ella algũa dia tornasse. Pois chorem agora os Iudeos sua desgraça, pollo que delles neste passo diz S. Agostinho, Que semelhantes foram estes aos officiaes da arca de Noe, que deram aos outros em que se saluar, & elles pereceram no diluuiio. Semelhantes aos marcos de pedra, que mostram as milhas em as estradas, & elles nunca puderam andar. Ouuiram, & não foram os que buscaram; dixeram, & ficaramse os que ensinauam. Ou choremos nòs antes a nossa, aquelles que temos por officio ensinar aos outros, mostrarlhes pollas escrituras, onde haõ de achar a Deos, & muitas vezes ficamos nos sem ir a elle. Destes taes dixe S. Gregorio: Se desprezas fazer o que ensinas, para os outros semeas a ceara, & tu mesmo ficas em jejum da participação do pão. E aguçandose así mesmo na pedra da humildade dizia: Tomei para mi por certo o officio da pedra de afiar, a qual aguça o ferro, ficando ella sempre inutil para cõrtar: pinteí hum fermoso homem, pintor feo. Leuo aos outros à praya da perfeição, & ficomme ainda nas ondas dos peccados.

20 Segue se em o texto. Entãõ Herodes chamando aos Magos à parte, sorbe delles

Suar. tom. 2.
3. p. dif. 17.
ff. 5.

Gen. 13. u.
10.

Aug. ser. de
Eph.

Greg.

Greg. idem
in fin. Pastor.

Terça

delles o tempo da estrella, que lhes avia apparecido. (Para se assegurar do tempo, como estaua seguro ja do lugar.) E mandandoos a Belem dixelhes: *ide, & inquiri diligentemente do menino, & tanto que o achardes tornaimo a dizer, para que eu indo tambem o adore.* Ia aqui se não chama Rei Herodes, porque mal assenta o titulo de Rei, & a dignidade de Prelado em o que tratta enganar. Mais lhe conuê o de Rapoza, o que Christo lhe chamou. Bem esperariam os Magos, que respondesse Herodes, que naquella real cidade era o lugar do nascimento do Messias; mas segundo diz S. Leão, Essa cidade tinha elle guardado para morrer, escolhendo húa pequena para nacer. Mas desenganarãse vendo que Herodes os encaminhou a Belem; ainda que se enganaram na fingida deuoção, em que afiaua o cutelo de sua crueldade, como fala o Imperfeito. Sobre o qual diz S. Ioaõ Chrysofomo; Para que melhor os induzisse, fingia deuoção, & por ella aguçava a espada, & pintava com a cor da humildade a malicia do coração. Tal he o costume de todos os maos, quando querem offender a alguem às escondidas mais graüemente, fingemlhe humildade, & amizade. O de cima he de S. Ioaõ Chrysofomo. Oh quam semelhantes são a Herodes os falsos Christãos, que buscam a Deos para mais a seu saluo peccarem. Andam sabendo do lugar onde o Senhor está, não para o adorem, & reuerenciarem; se não para o offenderem. & aggrauarem. E não lhe chamou Herodes Rei, se não menino; porque a inueja concebida lhe não sofria a acertar nome algum honrado, como nota Theophilato.

LIÇAM IV.

Da jornada que os Magos fizeram a Belem

21 **R**Eferido o que com os Magos passara Herodes, conta-se em quarto lugar a jornada, que os Magos fizeram a Belem, dizendo

em o texto *E em elles ouuindo do Rei Tex. se foram: & logo a estrella, que auiam visto no Oriente, lhes tornou a ir diante.* E como he certo que a companhia dos maos impede a estrella aos bõs. E falta o Ceo com seus faoures, & sinaes quando sobejam as maldades da terra. No Apocalypse se diz, que o Sol se escureceo no Ceo, do fumo que subia de hum poço da terra. Sobre o qual diz S. Agostinho, Que o poço são os homens, isto he, o pouo dos peccadores da Igreja. Tal aconteceu aos santos Magos em quanto andaram embarçados com a corte de Herodes em Ierusalem; mas despedindo se della, logo lhes tornou a apparecer a mesma estrella que em o Oriente auiam visto. Sendo costume dos Prophetas todos declarar no principio de suas profecias o tempo dos Reis, que viuiam, & reinauam, só Isaias assignou tempo da morte do Rei Ozias, dizendo: No anno, em que morreo Ozias, vi o Senhor assentado sobre hum Trono alto & leiãrado. Onde S. Ioaõ Chrysofomo; Cella o espirito da graça, porq̃ no tempo daquelle impuro, não auia graça, nem vinha Deos, nem apparecia. E S. Ieronymo diz: Vivendo o Rei leproso, & quanto em si era dissipando o Sacerdocio, não pode Isaias ver visão; porem tanto que elle morreo, se mostrou com claro lume, tudo quanto mostraram as seguintes palavras. Assi tambem aos Reis santos tornou a apparecer o lume claro da noua estrella, tanto que lhes faltou a companhia, & presença do Rei maluado, & do pouo incredulo. Ou tambem se lhes escondeo a estrella, (segundo S. Bernardo) para nos ensinar, que a quem busca os conselhos humanos, se esconde a luz celestial.

22 E he aqui muito de notar com S. Leão, que fazendose concelho, reuoluêdo se escrituras, aueriguando se dellas que Belem era o lugar onde auia de nacer o Messias, & finalmente admirãdo se o final da noua estrella q̃

trazia

Luc. 13. n. 32.

Leo ser. de Epiph.

Imperf. hom.

Chrysof. h. m. 7.

Theoph. h. c.

Apoc. 9. n. 3.

Aug. ibid.

Isai. 6. n. 1.

Chry. hom. 4. de verb. Isai.

Hier. ep. 142 ad Damasc.

Ber. ser. 3. da Epiph.

Leo. ser. 4. de Epiph.

trazia a homens sabios, & Principes de tão longas terras: com tudo nenhũ dos Iudeos, ou moradores da cidade de Ierusalem teue espirito para ir com elles a Belé, sendo tão perto. Adulação foi de huns, & medo de outros. E por ventura que fosse não tanto por falta de espirito, & curiosidade, quanto por prohibição do mac Rei, que mandaria que ninguem saísse naquella occasião da cidade para Belem. Porque dada liberdade disso todo o pouo iria, & por ventura se faria algum motim delle em q̄ acclamassẽ ao minino por Rei natural; & ficaria mal do partidoo Rei tyrano. A elle tãbẽ não permittio a diuina Providencia ir com o Magos, não s̄o representãdo lhe muitas razões de estado; mas porque (como ensina S. Odolonio.) Não consente Deos chegar a achallo, quem fingidamente o busca. E ainda nisto são moralmente significados os peccadores do pouo, que ouuindo as vozes dos pregadores, os sinaes, & maravilhas dos santos varoens, não fazem mais que admirar-se, & dizer que roguẽ a Deos por elles, sem elles quererem sair das occasiões de seus peccados, & ir a buscar a Deos a Belem, à casa do pão, que he à Igreja onde se ministram os Sacramẽtos. Destes dixe o Propheta que tudo lhes hia em adorar, & por fim sempre ficauam caídos na terra. Sobre o qual S. Agostinho: Nem se ouueram como os pobres, & se fartaram à sua imitação: mas somente adoraram. E o mesmo Senhor Iesus Christo ensina que tanto montaua, como terẽ atado ao pescoço algũa grãde m̄de de atafona, com que não quizessem, nẽ pudessem sair da torpeza de suas occasiões, & vicios. A proposito do qual diz S. Ambrosio: Não vos parece que aquelle volue algũa grande m̄de de atafona, em quanto anda no erro de sua paruuíte, cheyo da cegueira do entendimento tapado. para que não saiba levantar o rosto a Deos, & abrir os olhos do coração? E assi anda

*Odolon. ser.
de Epiph.*

Esai. n. 30

*Matth. 18.
n. 6.*

*Ambrosio. lib. 8.
Luc. 6. 18.*

sem algum gosto pollos mesmos passos sempre trabalhando em que lhe pez para o alheyo seruiço. E S. Ioaõ Chrylostomo diz: Assi como as feridas incurauẽis nem com medicamentos fortes, nem com brandos se curam; assi a alma hũa vez cattiuã, se se logeitar ao peccado, & não quizer considerar as cousas q̄ he são proueitofas: ainda q̄ alguẽ inculque a suas orelhas innumerãeis cousas, nenhũa a proueitara; como se tiuesse mortos os ouuidos, nenhũ proueito tira da amoestação; não porque não pode se não por q̄ não quer. O sobredito he de S. Ioaõ Chryl.

*Chryl. hom.
19. in Gen.*

23 E para que a estrella assi lhes tornasse a apparecer, & seruisse de guia para Belem, dá Iansenio duas razões. A primeira, porque como quer que a Fé solida dos Magos ja estiuẽsse bem tentada; por quanto em a real cidade não só não achassem o que buscãuam, mais ainda vissem todos os Iudeos turbados a seu nome: & que aquelle quem buscãuam totalmẽte lhes estaua escondido, de tal modo, que com razão poderião cuidar que se auiam enganado; ja era tempo que aquelle Senhor fiel, que faz com a tentação proueito, lhes estorçasse a Fé, para que pudessem perseuerar, & quasi como em premio a louuasse, & aprouasse. A segunda causa foi, para que não fossem constrangidos a andar sollicitamente inquirindo em Belem do minino nacido, & aos Belemitas escondido. E assi manifestado o minino polla pesquisa dos Magos, fosse alguem entregar o Rei descuberto ao Rei maluado. E para que vindo os Magos a Belem não se offendessem por amor da humildade, & baixeza do minino nacido: Assi que aquella mesma estrella, que auia significado o tempo do nacimẽto, fosse a que lhes mostrasse tambem o lugar. E em chegando à paragem do presepio parou a estrella, Theophylãto diz, Que de ceo, ou se abaixou. O Imperfeito, que parou sobre a cabeça do minino

*Theoph. hic.
Imperfect.
ubi sap.*

Iesus

Max. ser. de
Epiph. p. 1 c.
21.
Paulin. ep.
378.

Jesus. S. Maximo, que multiplicou rayos, que sintillando estaiam mostrando o lugar dittofo Mais ao intento que todos S. Paulino, que a estrella fazendo hum resplandecente, & comprido rayo desde o araté o prespio, estaua como com o dedo mostrando o lugar onde se queria adorando o nouo Rei que a buscar vinham.

Text.

24 Segue-se em o texto. *E vendo a estrella os Magos se alegraram com prazer mui grande.* Com encarecidas palavras notou a Glossa, que o Euangelista descreueo a alegria dos Magos tornando a ver a estrella. Conuem a saber, com gosto grande, & com prazer muito, quasi dobrando palavras, para exprimir o dobrado gosto E bem parecia nisto conforme a mesma Glossa, que o gosto era verdadeiro, & celestial.

Glossa hic.

Glossa ibidem

Ansel hi.

Donde São Anselmo: Gosto grande goza quem por amor de Deos se alegra, que he o verdadeiro contentamento; assi como vive vida aquelle, que em virtudes vive; & morre morte o que esta em peccados. Porque os gostos caducos, & mundanos como fazem alegrar só apparentemente, não alegrã. cõ gosto que cõserue, se não cõ tristeza que deixã Mas os gostos espirituales, & celestes não só alegam. mas deixã o coração cercado & coroado de alegria grãde, & muito grande quanto à duração em que são perpetuos: & muito quanto à segurança, em que são perfeitos. P. nderou Ruperto que a mesa do Tabernáculo tinha duas coroas, ou cercaduras ao redor. Das quaes a superior não se declara medida algũa que tivesse, ainda que bem a inferior se affinasse. Porque como aquella significasse o gosto, que da mesa da contemplação, & descanso espirital resulta este he sem medida, & sem termo. E este he o muito sobre grande, que no gosto dos Magos encarece o Euangelho. E ainda deste grande gosto dos Magos se podem affinar tres causas. A primeira he, segundo Iansenio, porque viam não ser frustrado

Exod. 10 n.
34 35.
Rup. lib. 4 in
Exod. c. 5.

Iansen. ubi
sup.
19. Thom. hic

seu trabalho, mas auerse alcançado o fim de sua trabalhosa jornada; principalmente entre tantas difficuldades, & quasi desesperado intento Porque verdadeiramente todo o trabalho se dá por bem empregado, quando o fim da pretensão se alcança. A segunda conforme o mesmo Iansenio. Porque viam concordar as escrituras dos Hebreos com o final, que os Ceos lhes dauam. E razão he grande de alegria achar conformes os concelhos com o desejo de quem os pede. A terceira, conforme S. Remigio, porque mais costumam folgar os homens de gozar os bens depois de cobrados, que os continuamente possuidos. Porque a mesma difficuldade affia o appetite, & o desejo de alcançar acrecenta o gosto de possuir. Que por isso para a fazer mais appetitosa diz S. Basilio que cercou a natureza a rosa de espinhas. E por isso diz S. Bernardo, que o esposo não quiz voltar quando a esposa o chamaua; para lhe fazer crescer mais com a difficuldade da pretensão o gosto da posse. E Iacob diz Theodoro, que Deos lhe interropeo com desgraças a prosperidade, por que mal sabe que be goza, quem não padeceo priuação d'elle.

Remig. ep.
Caten.

Bas. ep. 142.
Ber. in Cant.

Theod. q. 82.
in Gen.

25 Segue-se em o texto. *E entrando na casa acharam ad minino com Maria sua Mãe.* Marauilhosa cousa he que exprimindo o Euangelista o gosto grande, que os Magos tiueram quando cobraram vista da estrella: nada diga da alegria que receberam quando alcançaram o fim de sua jornada, o termo de sua peregrinação, & a glória de seu trabalho. A verdade he que o gosto foi tão excessiuo, que se não atreuo a comprehendello com palavras o Euangelista discreto; E por isso o fiou mais do sentimento deuoto, que de simples palavras. Chegados os Magos à pobre casa, ou desemparedado alpendre, nenhũa necessidade mais tiueram de perguntar pollo minino, que buscavam. Porque a estrella com a lingua repetida se muda, de seus

Qij rayos

rayos, estava fazendo sinal, & mostrando o lugar onde seu desejado minino estava. Sua luz, & resplendor era o mostrador, & indicio da hora divina do tempo da graça. Avia Deos antigamente dado ponto do certo tempo em que os homens viessem a elle, para se assentar, & ordenar o negocio da salvação; & este era o tempo do nascimento do Messias. Mas como todos andassem perdidos, & desencaminhados, nenhum atinava com o tempo, nem sabia que hora era para buscarem a esse Deos, & se acharem com elle. Os Gentios não acabavam de sair da noite da idolatria & os Iudeos se deixavam estar, cuidando que ainda estavam de vagar para chegar ao tempo desse Messias. Porem estes santos Reis com o mais sabios, só mereceram achar o sinal, & mostrador do ditoso tempo, que foi a estrella milagrosa, que lhe estava com o dedo mostrando a hora que era ja do que saia dos dias da eternidade.

26 E acharam ao minino com Maria sua Mae. Onde he de notar, que não se fez menção de Ioseph. Porque corforme a Rabano, & outros, por divina disposição foi feito que ahi não estivesse o santo Ioseph, porque não viesse aos Magos alguma suspeita de que aquelle seria o pae do minino. Mas como não proveria nessa suspeita o que proueo na do lugar tão pobre, & baixo em que o achavam? Porque ou fosse ainda o mesmo em que naceo, como parece mais veresimil, & mostra a tradição da Igreja, & Padres: ou fosse ja alguma estalage de muitas que se aueriam despejadas, como querem S. Ephihanio, & Euthimio, que por isso cuidam que o Evangelho lhe chama casa. Que lugar tão decente era para hum Rei que vinham a adorar que não tivesse muita necessidade de esforço a Fé dos Magos. Donde diz o Doutor Angelico, que se não escandalisaraõ da vileza do lugar, porque

criam que era celestial, & não terreno o Rei que á adorar vinham. De crer he que não faltasse o Ceo com tão particular mimo ao santo Ioseph; & que se se não faz delle menção, foi por mostrar o estado em que achará o minino, que era no collo de sua divina Mae a Virgem Maria. Porque como vinhã tam allumiados de Deos, bem seriam por elle informados das principaes circunstancias do mysterio. O mais certo seria, que fora da Mae, & quando muito de Ioseph, nenhũa outra pessoa humana estaria presente à mysteriosa adoração, porq̃ não se diulgasse com tanta publicidade o nascimento do minino, & o mexircassem a Herodes, como ô advertio Iansenio. E diz, que acharam ja o minino cõ sua Mae, por confirmar mais aos Magos nas profecias das Sybillas, & outras de que lhes não faltaria noticia, que deziã que naceria de hũa Mae Virgem. Pois viam a Mae aos treze dias saã, fermosa, & alegre. & com todos os sinais de que não tiuera lesão, infirmitade, ou ainda alguma leve dor em seu parto.

LIÇÃO V.

Da adoração, & volta dos Magos.

27 **R**elata a jornada que os Magos fizeram a Belem, concluse referindo em ultimo lugar á adoração, que esses Magos fizeram ao Deos minino; dizendo em o texto. *E lançandose por terra adoraram, & abertos seus thezouros lhe offerceram ouro, incenso, & mirra.* Esta mysteriosa adoração per boas conjecturas foi feita a sexta feira à tarde, à hora da morte, & sepultura, que depois foi do Senhor. E a resolução de que em Belem naceria, devia ser dada a mesma sexta feira polla menhaã, à hora que depois foi da sentença de morte de Cruz do mesmo Senhor. Porque ainda que não consta quantos dias os Magos se detiveram em Ierusalem; consta que em lhes dando a resolução dos

Mich. 5. n. 2.

Raban & Iansen. hic.

Epiph. bar. 31.

D. Thom. hic.

dos Letrados se vieram, & que em Bellem se detiveram pollo menos aquella noite da sexta feira, pois diz o texto, que em sonhos foram auisados, que não tornassem a Herodes, & por outro caminho se foram a suas terras: & deuia ser logo ao seguinte dia do Sabbado sua partida. Aquem não admirará a Fé excellente destes Magos? Adoram Reis a hum minino de treze dias, no collo de hũa donzella pobremente vestida, em hũ lugar baixo, & indigno de suas purpuras se arrastarem. Sem duuida que aquelle que foi seruido reuelarlhes o tempo, & descobrirlhes o lugar, pollo final maravilhoso da estrella; os fez tambem dignos do conhecimento verdadei o da diuidade, que de baixo do sayal humilde da humanidade tenra se disfarcaua. A cerca do qual diz S. Leão: O admiravel Fé de perfeita sciencia, a qual não ensinou a sabedoria terrena, mas instruyo o Espirito Santo. Porque donde veyo a estes varoens guardar tal razaõ de trazer dadiuas desde sua patria, donde partiram; sem de antes auerem visto a Iesus, nem auer aduertido em algũa vista sua, que taõ ordenadamente o deuiam de adorar? Se não que alem daquella especie da estrella, que incitou sua corporal vista, outro rayo mais resplandecente da verdade ensinou seus coraçõs para que primeiro q̄ comecassem o trabalho da jornada entendessem que se lhes daua a conhecer aquelle, ao qual o outro era deuidaa honra de Rei, no incenso a veneração diuina, & na mirra a confissão da mortalidade.

28. Mas se aos Magos podia bastar a illuminação da Fé para serem & perfeitamente entenderem o mysterio; para que buscam com tanta ancia, & pretendem ver com os olhos o que com plenissima vista da alma alcançauam? Responder do a isto prosegue o mesmo S. Leão: A diligencia do cuidado officio, que perseverou até

ver o minino; aos pouos do vindouro tempo, & aos homens de nossa idade seruia. Para que assi como a todos nos aproueitou que depois da Resurreição do Senhor a mão do Apostolo Thome especulou os sinaes das chagas em sua carne: assi tambem aproueirasse para nossa saude, que a vista dos Magos prouasse a mininice do mesmo Senhor. Viram pois os Magos, & adoraram ao minino do tribu de Judá, geração de David segundo a carne, nacido de mulher, feito debaixo da lei, a qual não vinha a desmanchar, se não a pertazer. Viram, & adoraram hum minino na quantidade pequeno, necessitado de alheya ajuda, impossibilitado para falar, & em nenhũa cousa dissemelhante da generalidade da humana mininice. Porque assi como eram fieis os testemurhos, que nelle affirmauam a magestade da inuisivel diuidade; assi conuinha que fosse cousa mui aueriguada, que o Verbo fora feito carne, & aquella sempiterna essencia do Filho de Deos, auia tomado a natureza de homem. Até qui são palauras de S. Leão.

29. Das quaes se pode colligir, que os bemaenturados Reis foram não só allumiados polla Fé para conhecerem perfeitamente a obra singular da Encarnação do Verbo eterno; mas ainda todos os mais mysterios concernentes a essa mesma Fé. Qual era o da Trindade diuina, da Virgindade da santissima Mae; & por ventura que os futuros dos Sacramentos, da Paixão, Resurreição, Ascensão, & final Juizo. E se verdadeira he a relação de muitos, estes santos Reis foram depois pollo Apostolo S. Thome baptizados, & instruidos com os mais Sacramentos. Desta vista assi dos olhos do corpo, & da alma se gloriaua ja antigamente o Propheta Balaam ascen-
 Num. 246
 Num. 246
 Num. 246

naõ taõ cedo. O qual explica Nicolao de Lira: Naõ agora, nem taõ cedo, porqueo naõ vio em propria pessoa, mas em seus descendentes. Mas como não importaria que claramente vissem os Reis Magos a Christo, quando vinham por procuradores dos despoorios, que entre elle, & a Igreja se auia de celebrar? Por tres vezes chamou o Espoço diuino a sua santa Esposa, que viesse a coroarse de se o monte Libano. No que foi ser tres vezes, naõ só quis significar as tres leis, da natureza, escrita, & da graça; mas tambem foi darlhe authoridade para que pudesse fazer tres procuradores seus para os despoorios, que por nome de coroaõ aq. i se entende. Porque tres foram estes santos Reis Magos, conforme o commum sentimento, ainda que de certeza nada conste; mas justamente se deue deferir a taõ antiga tradiçaõ. E nos sinas que traziam de incenso, mostrauam que se entendiam vir do Libano, & da gentildade; porque Libano em Grego soa (incenso) Donde Tertuliano: Elegantemente foi feita mençaõ do Libano o qual entre os Gregos se diz, incenso, porque da idolatria de'posara a si a Igreja.

30 Nem se deue passar por alto, que para o Evangelista exprimir o modo, com que os Magos adoraram a Christo diz, que caõdo em terra (que he lançandose por ella) o adoraram. Porque ainda que bem seja verdade que he frasi, & modo de falar da Escritura; até nessas podemos achar mysterio. Porque se bem atrenamos ja esta pedra diuina, tirada do monte virginal sem mãos de obra de varão vai mostrando que derriba por terra diante de si a desmedida estatua da antiga idolatria. Cuija cabeça se era de ouro, bem o vemos hoje posto aos pés de Christo, na authoridade das coroas, & na riqueza das mãos. E concorda bem com isto o que se le que acõtecco ao Idolo Dagon com a Arca

do Testamento. Acharam polla mã-nhaã ao Idolo Dagon prostrado sobre sua face na terra, diante da Arca, & a cabeça, & as duas mãos estauam cortadas sobre o portal. O qual diz Rabano, que significa o fim, em que auia de cessar a idolatria. Entaõ pois a idolatria cessou, quando a vimos nestes seus Reis prostrada diante da Arca do Testamento, que he o Filho de Deos feito homem: sua cabeça, & mãos no portal, isto he, no portal de Belê arrojando da cabeça as coroas por humildade, & offerecendo das mãos os tesouros per deuõçaõ. Ia agora finalmente se ve o Sol, o mais resplandecente titulo da Gentildade, & naõ só hum, mas tres, com a authoridade, fermosura, & riqueza de seus rayos, prostrados diante do Santuario. Em fé do qual parece que acõtecco o que do tempo do nascimento de Christo muitos referem a saber, que appareceram tres soes: & por outra vez hum Sol entre tres circulos, ou coroas.

31 Seguese em o texto. E abertos seus tesouros offerceram ao Senhor ouro, incenso, & mirra. La offeras dos Magos Gentios se faz mençaõ, naõ das dos pastores Iudeos. Nada falaram, & deram muito: & offerceram ouro, incenso, & mirra; porque eram as mais preciosas drogas de suas terras: para nos ensinarem a offercer a Deos o espirito com poucas palauras, o melhor de nossas posses. E porque era taõ minino o presenteado, a Virgem Mae foi a que em suas mãos recebeu as offeras: & todo o que as quizer fazer gratas ao Filho, offerçaas primeiro nas mãos da Mae, como o aconselha S. Bernardo. Pois considera tu, com que gosto ficaria aquella Mae; & com que humilde vergonha receberia aquella Virgem a visira dos Reis. Considera com que authoridade aquella Senhora responderia pollo Filho, & os instruiria dos mysterios. Estes tesouros que os Magos abriram

saõ

Eyr. ibid.

1 Reg. 5. v.

Cant. 4. v. 8.

Rab. ibidem.

AA. Apud Baron. in Appar. c. 20.

Tertull. 4. cont. a Marcionem. c. 11.

Dan. 2. v. 35. 45.

Ser. sup. vi. effine.

Aug. 3.
Mir. c. 4.
Gen. 2. n. 11

saõ os que enriquecem a Igreja da Fé da Gentilidade, & deixam ricos de devoção a todos seus fieis. Da terra de Euilath he parecer de Santo Agostinho, que estes adoradores de Christo vieram. E se assi he, pollo menos ficaremos tirando, que elles saõ as correntes riquissimas do celebrado Phison, de quem diz a Escritura, que cerca toda a terra de Euilath, & que a terra, que elle rega, toda a deixa cheya do mais fino ouro, & das mais preciosas pedras. Pollos pés das fertilissimas arvores de suas venturosas ribeiras deixa amontoadas excessiuas riquezas. Porque quem ouuo a perseverança dos Magos, que se não admirasse? Quem conheceo sua Fé, que se não edificasse? Quem leo sua liberalidade, que a não louuasse? E quem aduertio sua devoção, que se não animasse? E bem diz que offererem, abertos seus tesouros; porque offererem como liberaes, & desejosos de dar. Porque muitos ha que offererem com os tesouros fechados, com os quaes nunca chegã a aproueitar, ou dam tão pouco como quem não quer que se lhe despeje o tesouro. Com o tesouro fechado offerere a Deos o Christão, que vendo a seu irmão em necessidade fecha suas entranhas, & não remedeia, como diz Saõ

Ioan 3. n. 17.

Ioão em sua Canonica. Não prometteram, não perguntaram se queriam; mas abertos os tesouros deram com effeito, com a vontade, & mãos abertas. Com o tesouro fechado offerere a Deos o Religioso, que tendo por profissão obrigada a vontade ao Prelado, se fecha por propriedade de animo, & amor proprio cõsigo mesmo, & não dà pollos preceitos, & ordês de seu Prelado. Porq̃ este de tal modo se dà, q̃ se deixa cõsigo, nem poem nas mãos do Senhor todos quantos tesouros de liberdade, que lhe elle deu, aqual he mais preciosa que todo o ouro.

32 Da qui se vema concluir, que toda a mais offerta he para Deos fero.

dia, & fora de sação, como a de Cain, que offerreco depois de muitos dias. E Deos nosso Senhor mais se paga da largueza de animo com que se lhe dà, que do preço da offerta, que se lhe faz. Donde diz S. Ambrosio: Não se busca só quanto, mas de quanto, & com que animo se dà. E S. Paulo afirma, que o que alegre dà, he do que Deos se obriga. Sobre o que S. Bernardo acrescenta, que não só o que dà alegremente, mas também o que dà em simplicidade. Para a fabrica do Tabernaculo mandou Deos, que se recolhessem as primicias do pouo. Sabido o que eram primicias, diz Rupertto, que eram conforme ao texto, aquelles doens, que de vontade, & sem coacção cada hum offerencia; & esta fazia igualar as pelles dos animaes com o ouro, & pedras preciosas. Tal era a dos santos Magos, de quem se diz que deram com os tesouros abertos. Que por isso o holocausto era o mais grãto sacrificio, porque à vontade do fogo se consumia largamente. E bem diz que offererem de seus tesouros, por mostrar a pureza da offerta. Porque (como diz S. Ioão Chrysostomo) se Cain prouocou a Deos, porque offerreco o peor do seu: como não o prouocará o que offerere o alheyo? Liberal foi logo, & sobre liberal pura a offerta, dos Magos quanto a sua forma. Sobre o que diz a Glossa: Abrem os tesouros em quanto polla confissão mostram a Fé do coração: & fizeram bem em ser dentro na casa; ensinando, que não assoalhemos o tesouro da boa consciencia jactandonos della. E quanto a sua materia, diz, que offererem ouro, incenso, & mirra. Onde S. Remigio: Hãse de saber que estes não offererem cada hum sua cousa; se não que cada hum delles com seus doens o prégou Rei, Deos, & Homem. E S. Ioão Chrysostomo: Ainda que elles entãõ não entendiam estas cousas; toda via nenhum inconueniente he que ellas signi-

Gen. 4. n. 3.

Ambr. sup.
Corinth. 2.
Cor. 9. n. 7.

Ber. ser. 71.
in Cant.

Exod. 25. n.

Rup. lib. 4.
in Exod. c. 3.

Chrysost.
hom. 71. in
Ioan.

Remig. bic.

Chrysost. in
Caten.

gni-

gnificassem todas, & cada hũa dellas algum mysterio. Porque a graça que os amoestaua a elles fazerem tudo isto, essa mesma ordenaua todas as cousas. Conforme pois a sentença de todos os Padres, o ouro offerciam, como a verdadeiro Rei, por quanto o ouro he a mais propria, & ordinaria offerra, que se presentaua, quando se adorauam os Reis, segundo o geral costume de todas as gentes. O incenso lhe offerciam como a Deos, porque este he proprio dos sacrificios. E a mirra como a verdadeiro homem mortal; porque da mirra se vsaua no enterro dos mortos. E assi o confessauam não só Rei temporal, mas eterno, não só Deos immortal, mas homem verdadeiro. Porem medita tu, com o Doutor Seraphico, que recebendo o minino com festiuas gestos aos Reis, & mostrando aceitar suas dadiuas, logo viraua o rosto ao ouro, & mostraua desprezallo com amor da santa pobreza. E até para receber esses magnificos doens (diz S. Valerio) que não quis estar senão em habito de pobreza, em panos pobres, & lugar humilde.

33 Falando segundo moralidade, polla estrella que mostrou o lugar onde Deos estaua com a Virgem sua Mae, se entende, ou a graça interior do Espirito Santo, ou a voz exterior dos pregadores, & confessores: ou finalmente as vozes mudas dos exemplos, & acontecimentos. E então se alegram com grande gosto, quando saem da corte de Herodes, & lhes torna a apparecer a estrella; porque polla penitencia, ou aproueitamento da vida, acquirem direito a maior gosto essencial, & eterno. E a mesma penitencia he boa estrella do peccador, para o qual tem Christo em sua mão direita sette estrellas. Porque conforme a Guerrico; se sette vezes cae o justo, sette vezes tambem o leuanta essa diuina mão. E chegam a Belem onde está o minino com sua Mae; por-

que por intercessão da Virgem Maria, & sua deuocão acham a Deos frequentemente nos Sacramentos. E entrando em casa adoram ao Senhor; porque no recolhimento secreto de sua consciencia estudam na deuocão, & piedade religiosa, & adoram ao Senhor em espirito, & em verdade. E abrem seus tesouros dentro da casa; & não antes no caminho; guardandoos per cautela, & manifestandoos somente a Deos; quando de seu coração tiram como discretos cousas novas, & velhas, isto he, a dor dos antigos peccados, & o feruor da noua vida. E offercem a Deos dadiuas delles; quando per actos de interior pensamento & de exterior obra dirigem a Deos todas suas acçoens; poem a seus pés a vontade, & em suas mãos as obras de charidade com esse Deos, & com o proximo. Offercem lhe ouro, incenso, & mirra; quando poem a seus pés diuinos a fazenda entendida no ouro, a honra entendida no incenso, & a vida entendida na mirra. Ou (conforme S. Gregorio) Quando o feruem por sabidoria, de que he symbolo o ouro; & por oração, de que he final o incenso, & por mortificação, de que he figura a mirra. Finalmente se tornam a sua região por caminho, que Deos lhes mostra diferente do de Herodes: quando se vam a sua patria celestial por caminho, que o mundo ignora, & não tornam mais à corte, & turbulencia do mundo.

Peroração exhortatoria.
34 **O**Lha tu pois, ô alma, qualquer que estás a guardando o tempo, em que deues ir a Deos, & obseruas a estrella da graça celestial, & diuino resplendor, & allumiamiento; como importa deixar totalmente a occasião antiga, que pode embarçar, & deter, que não venhas em busca de teu Deos. Guardate de te deter demasiado nas cortes, & reboliços mudanos; porque ahi se perde a estrella, & se não ganha ventura. Vecômo
dei-

Bon: in me-
dit. 4. 9.
Valer homil.
7i

Apoc. 1. n. 16.
Guerric ser.
14.

Paschal. lib.
4. in Matth.

Greg. hom.
Euang.

deixada a corte mundana torna o gosto, por verdadeiro, & perpetuo, grande: & vai seguindo a estrella da graça perseverante, até chegares a Belem da meditação, & contemplação, com frequentação do mantimento diuino, que em a casa do pão se acha. E ahí contempla, & considera recolhida, & sossegadamente os mysterios do Filho, & da Mae. Abre os tesouros de teu coração, & offerecelhe liberal, quanto de teu podes auer. Porque

Chrysol. ser. 103 in fin.

(como diz S. Pedro Chry(ologo.) Afaz indeuoto he o adorador vazio, como proua o Mago carregado de ouio, aceso em incenso, sagrado com

mirra.. Não cuides, ò alma Religiosa, não cuides, que fazes muito em offercelhe o ouro dos bens temporaes, o incenso da honra, & a mirra da vida. Porque esse Deos minino, que agora recebe alegre essas dadiuas nos braços da Mae; aguarda ser perfeito varão, para melhor pagartas liberal nos braços da Cruz. E te taõ Religioso adorador te ouueres, por caminho, que Anjos te mostraram liure de todo o humano embaraço, tornarás à patria celestial. & gloria eterna, onde esse Deos como Padre, & Espirito Santo viue, & reina para sempre. Amen.

REFEICAM SPIRITVAL.
CAPITULO OITAVO.

De como o Minino Iesus se perdeu, & foi achado em Ierusalem.

Luc. 2.



ORAVA a purissima Virgem Maria, em companhia de seu santo Eiposo Ioseph, na cidade de Nazareth patria da criação do Saluador do mundo Iesus Christo. Criauase o minino, & hia crescendo, & era confortado, & cheyo de sabedoria, & graça, & a graça de Deos estaua em elle. (Porque vsemos das palavras do Euangelista) E como seus paes eram taõ perfeitos obseruadores da lei, não faltaram em Ierusalem festa algũa da Paschoa em todos os annos.

L I Ç A M I.

Da occasiã porque se perdeu o minino

EM hũa destas festas da Paschoa aconteceu, que o minino Iesus se perdeu de seus paes, & foi delles achado em Ierusalem entre os Doutores. Isto he o que conta o Euangelista S. Lucas em seu cap. segundo, apontando em primeiro lugar a occasiã porque o minino se perdeu, quando diz em o texto. Como o minino

Tex.

Iesus fosse de doze annos, subindo seus paes a Ierusalem segundo o costume do dia da festa, & acabados os dias tornando se, ficou o minino Iesus em Ierusalem De doze annos era o minino Deos, & poucos auia que estaua em Nazareth, para onde tinha vindo tornando do Egypto E aconteceu isto na occasiã da Paschoa, dizem que a quinze de Abril em quarta feira. Minino era, & como minino procedia em todas suas accões, ainda que desde o instante de sua beatissima Conceição tiuesse perfeitissimo o vso de razão & summa sabedoria, graça, & gloria, toda a q̄ Deos podia dar a algũ sogeto. Mas para fazer mais verdadeira a carne q̄ a ia tomado, como minino choraua, & como minino cal'aua, & como minino brincava Posto q̄ a brandura de sua cõdição, a mansidão de sua criação, & a belleza nunca vista de sua presença parecia que estaua pregoando, que algũa coisa peregrina, & mais que ordinariamente humana, se escondia naquelle gracioso minino.

Baron. in
Anal. ann.
48
Postill
Guill. hic.

R

2 E assi

2 E assi como hia crescendo em idade, nos limites em que os outros mininos mostram discrição, & auiso; hia elle tambem mostrando o mesmo, se bem com marauilhofo, & mais que ordinario modo. Pollo que chegando a fazer doze annos, idade em que os moços costumam ja mostrar claramente seu engenho, & o para quanto podem vir a prestar com sua habilidade; mostrou o diuino moço hum natural excellente, & como tal começou a declarallo ao mundo. Donde o Padre Grego diz: Não passou o juizo da sabedoria alem da medida da idade; mas no tempo, em que entre nós a razão da discrição se costuma a perfeiçoar, (isto he os doze annos) tambem a sabedoria de Christo se descobre. E isto he o que o Euangelista acima dizia: que o minino crecia, & era confortado, & cheyo de sabedoria, & a graça de Deos era em elle. E a baixo diz que aproueitaua em sabedoria, & idade para com Deos, & para com os homens. O qual não se ha de entender só que aproueitaua em apparencia, nem que só parecia que aproueitaua, como contra os Apollinaristas conuence S. Agostinho. Mas que real, & verdadeiramente hia crescendo, não na sciencia habitual infusa, que esta teue perfeita desde o instante de sua Conceição; mas na actual, & experimental, que adquiria de cousas, que hia vendo, & experimentando, como diz o Doutor Subtil. Donde se pode colligir quanto valha a experiencia, ainda na mais qualificada sabedoria. A cerca da qual diz do mesmo Senhor o Apostolo, que das cousas que padeceo, aprendeo obediencia: Onde o aprender se toma por experimentar. Porq̃ Christo não aprendeo dos outros a sciencia adquirida, mas per proprio engenho a alcançou; & com tudo coroou a sciencia com a experiencia. E isto parece que quiz o Apostolo Propheta significar quando daquelle que lhe appareceo seme-

lhante ao filho de homem dixee, que os cabellos de sua cabeça eram aluos como laã mui branca, & como neuue. Que outra cousa he cabeça com tantas caãs, se não hum symbolo da experiencia, que nos mais velhos se acha mais ordinaria? Porque como diz Aristoteles, O moço não pode ser sabio, porque a prudencia requer experiencia, aqual necessita de idade. Pois coroar-se a cabeça de caãs, he coroar sua sabedoria com experiencia. Conforme aquillo que sobre isto mesmo, do Sabio aduertio Clemente Alexandrino. A coroa dos velhos he a muita experiencia.

3 Como pois nosso Redemptor ouesse feito doze annos, subio com seus paes à cidade de Ierusalem. No que diz, que subio, he ordinario na Escriitura, por quanto Ierusal em esta situada em alto em respeito das outras terras de Palestina; & ainda o Templo em respeito da cidade. Esta festa, a que foi, era à da Pascoa, à qual sempre como mui deuotos, costumaua ir a Senhora com seu Esposo Joseph, & o bendito minino. Se bem ella por molher, & elle por pequeno não eram obrigados de preceito a ir a ella. Para entendimento do qual he de saber que as festas daquelle pouo eram de duas sortes. Hũas continuas, & perpetuas, como eram os Sabbados em cada hũa das semanas, & as Neomenias, que eram o primeiro dia do mes, que se começaua na Lua no ua. Outras eram anniuersarias, & em numero cinco as principaes antigas. A primeira era a da Paschoa, que se celebrava aos quinze de Lua do primeiro mes, conuem a saber de Março; E esta era em memoria do liuramento do pouo do cattiveiro do Egypto. A segunda era a de Penthecoste, que se celebrava aos cincoenta dias depois da Pascoa; em memoria da lei, que foi dada a Moyses em o monte Sinã. A terceira era a das Trombetas o primeiro dia do mes de Settêbro em aqual

Apo. 1. n. 14.

Arist. 6. Ethic.

Clem. Alex. lib. 3. pedagog. cap. 3. Eccl. 25. n. 8.

Grac. in Ca. ten.

Luc. ibid. n. 40.

Aug. lib. 13. quasi q. 9.

Scot. 3. d. 1. q. 3. lit. e. n. 8.

Hebr. 5. n. 8. Estell. hic.

aqual tangiam com as buzinas, que costumam aos gados; em memoria de que naquelle dia foi liure Isaac do Sacrificio, & substituido hum carneiro em seu lugar. A quarta era a festa da Propiciação, & se celebraua aos dez dias do mesmo mes de Setembro; porque naquelle dia veyo a elles Moyses com o perdão do peccado do bezerro. A quinta era a festa da Scenophegia, ou dos Tabernaculos, aos quatorze dias do mesmo Setembro, em a qual faziam cabanas de ramos, & debaixo dellas morauam, & comiam; em memoria de que seus antepassados viueram assi quarenta annos em o deserto. Depois se instituyo outra solemnissima, que chamauam Encenias aos quinze de Dezembro; em memoria da renouação, que os Machabeos fizeram do Templo: da redificação, & restauração do qual no tempo de Nehemias tambem auia outras festas.

4 Estas festas eram as mais solemnes da lei, fora das quaes auia outras. Mas de todas cinco as mais principaes erã tres: a saber Paschoa, Pentecoste, & Scenophegia. As quaes se solemnizauam como com oitauario por sette dias; & nestas conforme o preceito da lei, tinham obrigação de assistir, no lugar onde Deos determinasse, que era Ierusalem; todos os homens. E quando morauam mui longe, por essa causa se dispensaua com elles em as de Pentecoste, Scenophegia; porem na da Paschoa em nenhum modo: saluo estiuesses manifestamente impedidos por doença, ou semelhante occasião. As mulheres a nenhũa dellas tinhaõ obrigação de ir, se bem por deuocão hiam ordinariamente, & por essa mesma não faltaua a Senhora Virgem Maria em algũa Paschoa, como no Euangelho se affirma. Das outras se não faz menção; poré São Boaventura cré que todas as tres vezes cada anno leuariam o minino a Ierusalem, & iriam elles. Porque effa he a virtude, que não cumpre

muitas supererogações. Donde veyo a maldiçoar Christo a figueira em que não achou figos, aduertindo o Euangelho que não era tempo delles. Pois que obrigação tinha a triste arvore de ter fructo naquelle tempo? S. Ioaõ Chrystostomo a diz, que porque o Senhor não só espera dos perfeitos que guardem as virtudes; mas tambem que sobre os mandamentos fructifiquem. Obrigação que contrahem os mais chegados ao Senhor, como são os Sacerdotes, & Religiosos, que quanto mais andam com elle nos braços, mais diuida tem de subir com elle muitas vezes à perfeição da pacifica Ierusalem.

5 Da qui parece bem claro segundo Lyra, quanto Deos estima as primicias da idade, & quanto aproueite a seu dono o temporaõ emprego da virtude. A maio maldiçoão, que o sentimento de Dauid pode inuentar aos desastrados montes de Gelboe, foi dizerlhes, que nunca elles chegassera fer campos de primicias. Isto he (conforme a Abulense) que nunca dessem fructo de que se pudesse fazer a Deos offerta de primicias. A toda a multidão dos Israelitas encomendou muito Moyses, que apartassem as primicias para o Senhor; & que todo o voluntario, & de bom animo, & liure as offerecesse. Origenes lé naquelle lugar: Tomai de vos mesmos a redempção para o Senhor; todo o que concebo no coração offereça ao Senhor principios. Como se o mesmo fosse offerta primitiua, & virtude temporaã; que voluntaria, & liure. E assi he que a virtude na velhice he offerta de rebusco & serodia, como a de Cain: he mais força, que seruiço: mais impossibilidade, que offerta. Pondo Dauid a outros Psalmos no titulo; Até o fim, no Psalmo quatorze faltou com elle. A razão do qual dá S. Ioaõ Chrystostomo dizendo, que por quanto naquelle Psalmo falla da justiça, & mais virtudes, por amor disso não leua,

Marc. ii. n. 13.

Chrysof. in caten. ibid. hom. 60. in Math.

Lyr. lib.

2. Reg. 1. n. 21.

Abul. ibid.

Exod. 35. n. 5.

Origen. in Gloss.

Gen. 4. n. 31.

Ps. 14. n. i. Chrysof. ibidem.

Exod. 23. n. 14. Dent. 12. n. 5.

Bon. bis & Beauxam. & aliq. quos refert. & sequitur Silu. som. 2. lib. 2. c. 10. q. 2.

até o fim. Porque não aconteça que passando a mocidade em peccado, referue para a virtude a velhice fraca, & impossibilitada; & queira temperar com a sabedoria as fezes da vida.

Theod. 9. 60.
Exod.

O nouo Sol, era o que Deos queiria em seu Templo, & por isso fora feito de intento com a porta para o nascente. E se Christo morreo virado para o fim do dia, & velhice do Sol, foi por mostrar que ja a força do amor o obrigaua a pagar-se até do rebotalho da idade.

6 Isto he o que diz em o texto: Que indo os paes a Ierusalem, hia tambem com elles o minino. Para naquella tenra idade ja prégar mudo o que hoje nas Religioes se experimenta, que se querem desde mui moços acostumados os fogeitos. Conforme aquillo que Ieremias diz: Bem vai ao varam quando toma o jugo desde sua mocidade. E Salamaõ diz: O moço conforme o caminho que tomar, tambem depois quando for velho se não apartara delle. Onde Caetano le do Hebreo: Acostumai o minino sobre a boca (isto he, entrada, ou principio) de seu caminho; que depois que enuelhecer ainda se não apartará della.

Thren. 3. n.
27.
Prov. 22. n. 6

Caet. ibid.

E Cassiano diz: Mal se deixa de saber, o que aprendeo a idade mais tenra. Por este respeito nosso Redemptor Iesus Christo, Mestre, & regra de toda a perfeição, de sette annos por diante comçou a ir ao Templo, a assistir às festas, & honrar a seu pae celestial. Ensinando com seu exemplo a consagrar primitiuos fructos de razão humana ao dador liberal della. E aduertidamente aponta a idade de doze annos, como aquella que he a mais accommodada para o primitiuo emprego da virtude; & por tanto fausta ao futuro na Igreja. Sobre o qual diz

Cassian. lib.
2. Epist.

S. Boaventura: Principalmente se faz menção do anno duodecimo; porque entao começa o tempo da discrição de se conuerter ao bem. Donde de S. Martinho se le, que como fosse de

Bon. hie.

doze annos desejou o ermo; & semelhantemente se diz de S. Bento. O de cima he de S. Boaventura. Nem carece de copia de virtude dizer, que o minino hia a Ierusalem com seus paes, quando elles hiam; obrigação por certo de todos aquelles que a seu cargo tem a doutrina dos inferiores, & subditos. Porque como irá a Igreja o filho, que ve a seu pae ficar em casa ocioso? E como irá ao coro o subdito, que ve ficar na cella a seu Prelado preguiçoso? Eis aqui a occasião porque o minino Deos se perdeu de seus paes, & ficou em Ierusalem. Porque como tinha idade ja digna de se empregar em algum estado, & occupação; razão era que fosse na escola da virtude, & casa de Deos, ouuindo, & experimentando as authoridades da Escriitura, que alli se descutião. Reprouando a indigna lição com que muitos moços incõsiderados se criam, de liuros, que mais danam, que aproveitam.

LIÇÃO II.

Como seus paes acharam menos o minino Iesus:

7 **A** Pontada a occasião porque o minino Iesus se perdera de seus paes, declara-se em segundo lugar o como elles o acharam menos, dizendo em o texto. *E acabados os dias, como se tornassem, ficou o minino Iesus em Ierusalem. E não o souberã seus paes, cuidando hum que elle hia na companhia do outro.* Isto he que acabados os dias da solennidade da Pascoa, que eram sette, se tornauam seus paes para sua casa a Nazareth: segundo aquillo do liuro de Iudith: Acabada a festa cada hum se tornaua para sua casa. *E tornando-se todos, ficou o minino Iesus em Ierusalem:* Desejoso ja de dar algu pequeno rayo a mundo taõ desalumado. Ia as gentes começam a andar a esta escassa luz da madrugada da Igreja. E os Reis (isto he, os grandes, & sabios) ao resplendor tempor aõ de seu nascimento. Enfadado da

Iudith. 16. n.

E tor. 21.

Isai. 60. n. 3.

longa

longa noite da ignorancia se levanta a caminhar para a saluação o homem peregrino: & Deos desembaraçado dos braços de Iacob, lançando bençãam de despedida ao importuno pouo, vema ser antes aurora, que desculpa-do com ella, para alumiar o peregrino genero humano vniuersal. Ficou se em Ierusalem, não sófrendo ja mais tempo as ataduras da idade, & os impedimentos do tempo; porque ja o era que a palaura do Senhor arreben-tasse de Ierusalem. Ainda que os an-nos não eram mais que doze, bem podia dizer o elegante minino o que Heliud no liuro de Iob arrebetando por falar, dizia: Estou atalhado de palauras, & apertame o espirito de meu ventre. Estã meu bojo como mosto sem respiradouro, que faz arre-bentar os vasos novos. Falarei, respi-rarei hum pouco. De Abrahaã se con-ta que de quatorze annos começou a tratar de Deos estranhando ao pae os idolos, que fazia: mas o ardimen-to do nosso minino Deos anticipa a figura, & começa de doze annos.

8 E ficou se o minino Iesus em Ierusalem. Fataes saõ estas idas de Iesus a Ierusalem, & sempre para padecer elle, & dar que sentir a sua Mae. Ba-staua serem idas à Corte, qual foi a de Dauid à Corte de Saul, onde logo achou enuejas, & lançadas. Foi o mi-nino, & ficou só, sem dar conta a seu paes, do que determinaua fazer; para mostrar, que nas materias dos mysterios da Redempção, que a obrar vinha, não necessitaua de ajuda, com-panhia, ou conselho. Porque quem entendeo o sentido do Senhor, ou quem foi seu conselheiro? Hum pae era eterno, que com elle estaua sem-pre, & nunca o deixaua só: de quem aprendeo quanto sabia; & a cujo be-neplacito obraua sempre. E pouco ne-cessita de paes humanos quem pollo espirito de Deos como filho he guia-do. Antes parece que para obrar ma-rauilhosas cousas, he necessario ca-

recer de outro pae que o diuino. Por- q̄ não acerte de puxar pollo natural, o q̄ só deue ser sobrenatural. Donde em louuor do tribu sacerdotal se dezia; q̄ dixe a seu pae, & a sua mae: não vos cõ-heço, & a seus irmaõs: não sei quẽ sois. E aquelle grande Sacerdote Melchise-dech para ser Rei de justiça, & Rei de paz, foi necessario a S. Paulo pregoal-lo por homẽ sem pae, sem mae, & sem parentesco. E dos varoẽs grandes, & excellentes diz Christo, que o que quizer ser tal ha de aborrecer pae, & mae, & parentes, & apartarse o filho do pae, & o pae do filho. Pois que mal tem o amor do pae, quando he tanto bem o amor dos inimigos? Por ventura com o amor de hum filho santo, não se pagaua a diuida de hum natural honrado? Porque os affi re-generados (segundo Francisco Geor-ge) somos filhos de melhor pae que o carnal, a saber daquelle do Ceo; & ju-sto he que anteponhamos o pae mais rico, por cujo respei o só podemos dei-xar o pae carnal, porque daquelle ce-lestial, esperamos maior herança.

9 Ficou se pois o minino Iesus em Ierusalem deixando o Pae, & a Mae, segundo S. Gregorio, para começar por obra a mostrar o que depois auia de ensinar que se deixassem. Ficou se sem companhia, conselho, ou con-sentimento de seus paes: como aquel-le que ja vinha a dar regra, & forma da perfeição religiosa. Sobre o qual diz o Doutor Seraphico: Entregaua-se o Minino Iesus ao culto Diuino sem companhia dos paes, sem conselho, & sem beneplacito. Sem companhia, porque ficou só: & a figura disto pre-cedeo em Samuel, do qual se diz que foi Elcana para sua casa, mas o mini-no era ministro diante do Senhor. Sem conselho, porque o não soube-ram seus paes; & outro si em Samsão, o figurou, que não quis descobrir a seus paes que achara o mel no co-po do leão morto. Sem beneplacito, pois buscauam com grande dor aquelle

que auiam perdido. Até qui he de S. Boaventura. E assi fomos nisto ensinados, que por amor do Pae, & Mae, ou parentes não deuemos deixar o estado da Religião, nem ainda esperar seu consentimento, ou beneplacito, quando este se tema que se negará Quando os Pães vão para o Templo vai com elles, quando se tornam delle para sua casa não os acompanha, & ficase; para nos ensinar moralmente que aos paes, & maiores não deuemos seguir mais que em quanto caminham à Deos; mas se do Templo se afastam, os deuemos deixar. Donde S. Ioão Chrysoftomo diz: Em todas as cousas se ha de obedecer aos paes fóra daquellas que pertencem à verdade da piedade. E S. Ieronymo diz: Ainda que o pequeno neto penda do pescoço: ainda que a Mae com o cabello solto, & rasgados os vestidos, mostre os peitos cõ que te criou; ainda que o Pae esteja deitado no portal da porta: vai por diante por cima do Pae; & com enxutos olhos voa à bandeira da Cruz. Só he genero de piedade nesta materia ser cruel. Isto parece que queria significar o que no Levitico se ordena ao Summo Sacerdote; que auia de entrar no Santuario: Não se contaminará sobre seu Pae, ou sobre sua Mae. A proposito do qual diz o mesmo S. Ieronymo: Muitas cousas nos obriga a fazer a afeição; & em quanto attendemos aos parentes dos corpos, offendemos ao Senhor, & criador do corpo, & da alma. Mas o que ama ao Pae, & a Mae mais que a Christo, não he digno delle. Muitos Religiosos perderam a alma, em quanto se occupam na compaixão dos parentes. Não he licito contaminarse sobre o Pae, ou sobre a Mae; quanto menos pois sobre irmão, irmã, sobrinhos, familia, seruos, & outras muitas cousas, que o santo profegue.

ro E porque se não attribuisse a descuido esta perdida, se acrescenta em o texto: Que perderam os cuidadosos

Paes o Minino, cuidando cada hum que elle hia na companhia do outro. Para entendimen o do qual, he de saber. Conforme a opiniaõ commum dos mais dos Padres, que quando em semelhantes festas auia muito concurso, nem os homẽs vinhã pollo caminho com as molheres, nẽ as molheres cõ os homẽs. Mas cada hũ dos generos vinha com seu semelhante; & os mininos, & mininas liuramente podiam ir com quem se acertasse. Assi como no lugar da oração no Templo tinham distinctos lugares os homens das molheres. No qual costume louuaue temos bom exemplo do risco, que se corre em semelhantes companhias nas conuersações ainda de pessoas mui qualificadas em virtude, & chegadas em sangue. Donde parece que se passou a nossos tempos o costume santo de se fazerem em as Egrejas frequentadas teas, ou repartimentos de taboado, que diuida as ordinarias estancias dos homens, & das molheres. E S. Bernardino de Sena foi o primeiro que o introduzio em Italia nos grandes concursos, que costumaua auer em seus Sermoẽs. Porque (como) diz o Sabio: Por ventura pode alguem ter o fogo em seu seyo, & não se abraçar? Ou pode andar sobre as brasas, & não queimar as plantas? Da qui vinha tanta cautela, quanta se le do Sol da Igreja S. Agostinho. E o Seraphim della, costumaua dizer, que não era licito ver, nem tratar o que não he licito desejar; & que nenhũa molher conhecia de vista. Porque não he seguro meter dentro na memoria as imagens daquellas formas, que podem acender a pequena faísca da sensualidade. E S. Ieronymo encomenda a Nepotiano a cautela desta maneira: A vossa pobre casinha, ou raramente, ou nunca, pizem os pés de molher. Todas as moças, & Virgens de Christo, ou igualmente ignorai, ou igualmente as amai; & não fiqueis com ellas só em hum lugar; nem confieis

Silueir ubi
sup. q. 8.

Chrysoft.
hom. 36. sup.
Matth.

Hieron. apud
Ben. hic. vid.
epist. 2. ad
Heliod.

Leuit. 21. n.
ii.

Hieron. ad
Fabiolam.

PP. Apud.
Silueir. q. 10.

Chron. Min.
3. p. lib. 2. c.
12.

Prov. 6. m.
16.

Possidon. in
vita Aug. c.
16.

Chron. Min.
1. p. lib. 2. c.
23.

Hieron. ad
Nepot. de vi-
ta cleric.

feis na castidade passada. Nem vos podeis ser mais santo que David: nem mais forte que Samsoão; nem mais sabio que Salamaão. E S. Basilio diz: Se alguem me dixer que nenhum mal lhe faz o continuo falar, conuersar, & viuer com mulheres; este sem duuida, ou não he participante de natureza de varaão, ou he algum portento desacostumadissimo & admirauel, fora da opiniaão de todos, & posto (para que diga assi) nos confins de hum, & outro genero.

11 Isto he o que sente S. Basilio, & o que consente toda a verdadeira Philosophia. A qual toda pretende desmentir quantos portentos, & monstros vemos hoje, querem metter em cabeça a outros mais tontos ainda que elles; que podem morar a seu saluo com os escorpioes, & habitar com o fogo abrasador, & com os ardores sempiternos, sem se queimarem, & tocar continuamente o pez sem se sujarem. Que fiador pode dar qualquer fraqueza humana por mais bem disciplinada que se presume; quanto mais húa mal mortificada idade? O que sem offensa da consciencia, ou quando menos sem lesaão da fama presumir semelhantes trattos, ainda que na verdade sejam encaminhados à virtude: como se tiuesse algum mais obrigação de scodir à conuersão alhea, que ao perigo proprio; ouça a S. Ambrosio, que assi fala: Quantos não deram lugar à culpa, & o deram à sospeita? As principaes destruiçoens dos Ecclesiasticos, são as frequentes visitas de mulheres. Este sexo faz reprehensuel o estado Ecclesiastico. O ditto he de S. Ambrosio. Se com tanta diligencia pois entre os Hebreos se obseruaua que os homens, & mulheres fossem apartados, cada hum por seu caminho; não foi muito, que o minino Iesus se perdesse de seus Paes, cuidando a Senhora que elle hia com Ioseph, & Ioseph que elle hia com sua Mae. Ou segundo outros Doutores,

o minino se perdeu, porque ainda que vinham juntos, a mesma multidaão não deixaua aduertirse vinha em companhia dos homens com seu Pae Ioseph, ou das mulheres, & parentas com sua benditta Mae. Porque o minino por sua graça de todos era querido, & por sua brandura com todos os que o afagauam, se daua. Onde nota, que muitas vezes perdemos a Deos por nos contentarmos de elle ir em companhia dos outros Taes são muitos dos Religiosos, que se prezam dos grandes santos, & afamados sogeitos de sua Religiam; descuidandose elles na virtude, & ficandose a traz na opiniaão. Oh, que claramente desengana a estes o Propheta Ezechiel da parte de Deos dizendo que por mais que o pouo se jacte da santidade de Noe, de Daniel, & de Iob, & estes tres viam por fama, & por celebridade da virtude entre elles; não haõ de aproueitar para liuallos dos males, de cujo remedio por confiança delles se descuidaram.

12 E quando os bendittos Paes no fim da primeira jornada se ajuntaram, achará menos ao minino, cõ incomparauel dor de ambos; nem por isso dandose culpa hum a outro se puzeram a pelejar. Que os que a Iesus cordialmente amam, não daõ lugar à ira; mas passando quando muito com húa ambiciosa queixa como a de Martha, se animam a buscallo para o seruirem, & melhor guardarem. E buscavamo entre os parentes, conhecidos. Oh, que facil he de perder a Deos, entre as confianças do caminho: & quantos por cuidarem que no caminho da virtude leuauam a Deos seguro, o acharam menos no fim da primeira jornada. Por isso auisa S. Paulo que o que està veja não caya. E quanto hum cuida que tem a Deos mais de assento, tanto deue com mais cuidado procurar não se lhe ir Deos dentre as maõs. De assento estaua Deos no Apocalypse, mas nem por isso dei-

Basil. in
const. Mens.
sic. c. 4.

Ezech. 2. n.
6.
Isai 33. n. 14.
Ecc. 13. n. 1

Ambrosio. lib. 1.
de offic.

Silueir. cit.
9. 10.

Ezech. 14. n.

1. Cor. 10. n.

Apoc. 4. n. 3.

deixava de estar cercado com hum muro de esmeralda. A qual pollo que tem de verde, está ensinando que ninguém se deve confiar de ter a Deos; antes para o não perder lhe deve lançar hũa cerca, ou cordão de esperança continua, & de solícito cuidado.

Cant. 3. n. 1. E dentre do proprio leito achou a Esposa menos a seu amado; que tal vez se perde Deos dentre os braços. Por isso o leito de Salamão com tanto cuidado, & armas he guardado; maiormente que em quanto Deos he minino, o espirito tenro, & a alma principiãte; cõ mais facilidade se perde & por isso com mais cuidado guardar se deve. Em quanto a irmãzinha da esposa era pequinina, trattauam seus cuidadosos irmãos de aguardarem com portas de Cedro, & com muros de prata; que depois della grande a mesma era a si propria muro, & ella propria era a si mesma torre. Em quanto não ganha forças a labareda noua, qualquer ar basta para mattalla; mas depois que as acquire, a maior vento a guarda.

13 E diz que o acharam menos no fim da jornada; porque entãõ se encontraram os dous santos Esposos, & se desenganaram do pensamento que trazia hum, de que o minino viesse em companhia do outro. E sem duvida he mui certo o acharse Deos menos no fim da jornada, quando os pensamentos em hum mesmo aposento da consideração se encontram, & conferem entre si o pouco fruto do passado, & muita pena do presente, & graue receyo do futuro. E entãõ se desenganam os pensamentos das causas por onde perderam a seu Deos. Donde para assegurar a Deos, que se lhe não perca por muito tempo, se deve cada dia no fim da jornada das occupaçoẽs, fazer exame da consciencia, & conferencia do estado em que está com esse Deos. E ainda ditoso aquelle que pollo menos, no fim da jornada teue sentimento de si, &

desengano de que auia a Deos perdido, para tornar a buscallo. Em o qual (moralmente falando) se denota o peccador que no fim da primeira jornada, que he no fim da mocidade, cae sobre si, & achando menos a Deos, o torna a buscar mettendoe em Religiaõ. Mas nem ainda assi o acha de todo, porque o busca entre os parentes, & conhecidos; antes em vez de acharem a Deos, que perderam, se perdem a si mesmos, & mais a Deos. Porque os Religiosos verda leiramente são bem comparados ao sal (& sal chamou Christo aos seus discipulos) porque assi como o sal he nacido da agua do mar, & pollo calor do Sol tirado & coalhado della; assi o Religio o pollo calor do espirito he tirado do mar amargo do mundo, & posto na marinha segura da Religiaõ. Mas assi como o sal se o tornam a agua se desfaz logo, & se conuerte em ella; assi o Religioso se perde, se torna a embarçarse com os negocios mundanos de seus parentes, & conhecidos. E querendo guardar a vinha dos irmãos, deixam de guardar a sua Pollo qual diz S. Isidoro: Muitos dos Religiosos por amor de seus parentes não só se embarçam com os cuidados da terra, mas ainda com negocios, & demandas dos tribunaes; & por amor da saude temporal dos seus perderam suas almas.

LIÇAM III.

De como seus paes deram com o minino Iesus.

14 **A** Chado menos o Minino Iesus; conta se em terceiro lugar o como seus Paes deram com elle, dizendo o texto. *E não o achando, tornaram se a Ierusalem em busca delle. E acontecco, que depois de tres dias, o acharam no Templo em meyo dos Doutores.* Desenganados os santissimos Paes que o seu minino nem com elles, nem com algum dos parentes, ou conhecidos auia vindo: assentaram consigo que não podia ser se não auer se ficado em Ierusalem. E assi
acor-

Matth. 5. 13

Stell. in Luc.

Cant. 1. n. 5

Isid. de sum. bono lib. 1.

Tex.

acordaram de tornarse no segundo dia à cidade a buscallo cada hum por seu caminho. E sem duuida que deuiam de assentar lugar, em que na cidade se vissem, para saber hum do outro o que auiam feito; & por ventura, que o lugar assinado fosse o Templo, como discretos, pois vão buscar a Iesus à fonte limpa, & à paragem certa. Muitos buscam a Deos nos mōtes, & nos desertos, & não o acham; porque dado que desterrem os corpos da patria, não alheam a vontade propria de si mesmos. E muitos buscam a Deos em os caminhos, & estradas, & não o acham; porque nunca assentam em estado de vida, que hajam de tomar, & seguir. E muitos buscam a Deos nos pouoados, & tumultos das pousadas, & não o acham; porque confiados vão mais adiante nos progressos do que a seu estado conuem, & assi lhes fica Deos a traz ainda. Pois tornate à cidade de Ierusalem, & ao Templo sagrado, que he a paragem certa onde se dà com Deos, na pureza, & pacificação da consciencia.

Orig. in Cat.
hom. 19. in
Luc.

15 Sobre o qual diz Origenes: Não logo que se busca, se acha; porque não entre os parentes, & chegados da carne se acha Iesus; porque nem o humano parentesco podia ter em si a Iesus; nem se acha entre os conhecidos; porque he maior que o mortal conhecimento. Não pode ser achado na companhia de muitos; nem em qualquer parte o acharam; mas no Templo. Tu pois tambem busca a Iesus no Templo de Deos; buscao na Igreja, aonde acharàs a palavra, & sabedoria de Christo, que he o filho de Deos. Atéqui Origenes. Pois olha agora com que ancias a sacratissima Virgem, & amorosissima Mae buscaria aquelle amado de sua alma. Porque se bem era verdade, que sabia ella mui bem que o não podia perder; pois elle se auia de manifestar primeiro por sua pregação, & milagres ao mundo; temia com tudo como quem verdadei-

ramente amaua. Oh que olhos tão longos leuaua, mais compridos, que as mesmas estradas. Cada vulto lhe parecia o filho; & até os proprios troncos se lhe afigurauã gente. Quem encontrou pollos caminhos, a quem não perguntasse pollo seu adorado Minino? Vistes por ventura aquelle, a quem tanto quer a minha alma? Se achardes ao amado dizeilhe que morro de saudades. Desde que naceo até quella hora não teue igual, nem semelhante pena aquella alma de amores. Ia de agora se ensayou para o tempo da paixão; que quem auia de fazer tão viuua figura em aquella tragedia, não esculaua vinte annos de ensayo. Esta era ja, (segundo Timotheo Antiocheno) a agudeza da espada, que Simeão lhe profetizara. Espada de dor amorosa, porque não so sentia as desconmodidades do filho (mas segundo Ailredo) a ausencia do que tanto amaua. Quem pode queixarse de ter no mundo perdas, & desgostos, se à propria Mae de Deos não se perdoaram? Não nos turbemos pois (diz S. Boauentura) de padecer tribulações, quando à sua propria Mae não perdoou o Senhor.

Cant. 3. n. 3.
Cant. 5. n. 8.
Luc. 2. n. 35.

Timot. ibid.

Ailred. homi
hic.

Bon. Medo
cap. 14.

16 Chegada aos arrabaldes da cidade, marcando as paragens por donde viera, & não achando nouas do que buscava, sentarsehia, mais de suspenso, que de cansado: descansando por cansar com mais alento. Perguntava a sua alma porque parte tomaria em busca de si mesma; & essa alma com vozes mudas derritida em lagrimas, pollas janellas dos olhos decida a seu virginal seyo lhe diria; que dentro em seu coração o acharia. Mas que amor soube algũa hora descansar? São por ventura de balde suas azas? Leuantarmehei, & cerearei com amorosas queixas a cidade, por quantos bairros, & ruas tem buscarei aquelle a quem ama minha alma. Oh quem alli fora hum dos espiritos companheiros, que compade-

Cant. 3. n. 2.

Cant. 5. n. 17.

cendo suas faudades, a consolara dizendo: Para onde se foi o vosso amado, ô mais fermosa que todas as mulheres? Para onde se foi, & buscallo hemos com vosco? E daqui podes aprender, se de sua companhia te prefas, que ainda que saibas de certo que os trabalhos, & desgostos ham de parat em bem; nem por isso deixando à divina Providencia, às de deixar de fazer a diligencia possivel humana? Porque por mais certo que Jacob estava, & seguro, de que lhe não auia de succeder mal com seu irmão na jornada; não deixou por isso de mandar presentes, repartir à gente, & acautelar perigos, & recorrer à oração.

Gen. 31. n. 32.

17 Na paragem acertada entre ambos, que deuia ser na primeira entrada do Templo, se vieram a encontrar ao terceiro dia os dous lastimados esposos sem nouas que darse hum ao outro, mais que de multiplicadas faudades. Mas entrando mais dentro, & aduertindo ao espanto da gente, & ao admirado borborinho, viram o minino Iesus que estava assentado no meyo dos Doutores. Excessiuo sem duuida, & maior que as forças humanas deuia ser o gosto, que aquellas duas bemdittas almas de amores tiueram com a vista do seu Minino perdido, & do seu Deus achado. Porque são em fim as faudades em hum coração firme, hum cristal finissimo onde os rayos do Sol se multiplicam,

Ps. 42. n. 1.

& se incendio o que só era luz. Ditoso o espirito, que com a de David seguioso suspira polla agua, & com as securas se lhe acrescenta a sede, para que depois lhe pareça de mais regalo, & de melhor sabor. E ditosa a alma, que como a Esposa entre os desdens do esposo goza com mais regalo seus braços depois de hum pouco trabalho passado. Tudo o qual dixé assi junto S. Gregorio: O amado se busca de noite em o leito: porque em os secretos do coração na tribulação do es-

Gregor. 27. mor. 1.

pírito se deseja. Ao qual com tudo a esposa buscando não acha: porque qualquer alma escolhida, se bem ardeja em chamas de amor, ainda com tudo se lhe nega a presença de quem busca, para que creça o desejo da amante. E quasi na sede se lhe tira a agua: para que a força dessa sede se lhe acrecente. E para que quanto mais seguiosa deseja tanto com mais gosto, quando a achar, a logre. Até qui S. Gregorio.

18 No que diz, que depois de tres dias o acharam no Templo; se denota grande mysterio de cousas futuras suas, & moralidades nossas. Pollo qual diz S. Ambrosio: Depois de tres dias he achado em o Templo; para que fosse final, que depois de tres dias de sua triumphal paixão se mostrasse a nossa Fé em assento celestial, & honra diuina resurgio o que se imaginaua morto. E conforme a Glossa, por estes tres dias se entendem as tres leis; porque na da natureza foi buscado pollos Patriarcas, & não achado; & semelhantemente em a da lei escrita; finalmente em a da graça foi buscado, & achado pollas gentes. E assi como segundo São Ambrosio, no numero duodecimo dos annos de Christo se significauam os doze Apostolos, & no dia de sua perda, & de sua Paixão, & no seu achado sua Resurreição: assi tambem, para todas as cousas concordarem, por ventura que o dia, em que o minino se perdeu, seria sexta feira; & o em que se achou, Domingo. Por não faltar nisto a este dia algũa prerogatiua das muitas que alcança por maravilhosas obras nelle succedidas, como em outro lugar se dirá.

Ambr. hic.

Gloss. hic.

Ambr. ubi sup.

Refeição. 29. n. 10.

19 E acharam ao Minino Iesus, não occupado em algũas obras pueris, como daquella idade se pudera noutro esperar: mas no Templo onde era a da lei sentado entre os Doutores. No lugar se denota a deuocão, no assento a gravidade, & no sitio a humildade, conforme ao Doutor Seraphico; por-

Bon. hic.

que

que alli os ouuintes costumauam estar sentados no chão aos pés dos Mestres.

Prou. 13. n. 10.

Como quem sabia que nos Prouerbios se diz: Quem com os sabios anda, sabio será; & o amigo de necios tarfe-lheha semelhante. E não estaua entre os Doutores entremettido, & attreuido, como costumam os moços presumidos de engenho, & temporão saber: mas ouindoos, & perguntandoos. Conforme aquillo que está escrito: Ouue callado, & perguntando: & polla reuerencia se te acharà a boa graça. Sobre o qual diz Origenes:

Eccl. 32. n. 9.

Orig. in Cat.

Estaua sentado entre os Doutores, & perguntaua, por officio de piedade, para nos ensinar o que conuinha aos moços, por mais sabios, & doutos que sejam, que antes ouçam aos Mestres, do que desejem ensinar; & se não jaçtem com vã ostentação. E perguntaua, não para que aprendesse, se não para que perguntando ensinasse. Porque de hũa mesma fonte de doutrina mana o perguntar, & responder sabiamente. E o venerauel Beda diz: Para mostrar que era homem, ouuia com humildade aos Mestres homens; mas para prouar q̄ era Deos, lhes respondia soberanamente. Eis aqui a primeira vez, & a primeira gēte a q̄ falou Deos feito homem, & com os Doutores, & aos sabios. Isto he o q̄ Pythagoras encōmendaua a seus discipulos, q̄ se cōpuzessem no espelho não ao lume da candeia escasso; mas à luz do Sol mais clara. Queria dizer (como explica Rhodigino) que trattassem seus negocios não com indiscretos, & idiotas; mas com os prudentes, & doutos. Nem aos pastores falou, nem ainda aos Reis, sendo entre elles achado; mas achado entre os sabiosahi fala com elles, & por elles.

Rhodig lib. 29. Var. lect. c. 13.

Tix.

Sap. 8. n. 10. Bon. in Luc.

2o Segue se em o texto. *Epasmauam todos quantos o ouuiam, sobre a prudencia, & respostas suas.* Isto parece, conforme a S. Beauentura, que estaua ditto delle no liuro da Sabidoria: Terei por esta claridade para com o

pouo, & entre os mais velhos terei honra sendo moço; E serei tido por agudo no juizo, & à vista dos poderosos serei admituel; & as faces dos Principes me admirarão. E no Ecclesiastico se diz: Gloriar se ha a sabidoria no meyo de seu pouo, & nas Igrejas do Altissimo abrirà sua boca, & à vista da virtude se gloriará, & no meyo de seu pouo será exaltada; E no ajuntamento santo será admirada, & na multidão dos escolhidos terá louuor, & entre os abendicoados será abendicoada. E o que alli perguntaua o minino era, conforme a Brixiano, a

Eccl. 24. n. 1.

Brixian hic.

cerca do Messias, & do tempo de sua vinda. Não tem logo desculpa os Iudeos, nem escusa os Letrados da lei, pois não repararam então em sabidoria tão sobre as forças do engenho humano; para que quando grande, ignorassem donde tal fogeito sair. A cerca do qual diz Cassiense: Não quiz em tudo esconderse Christo na idade de minino antes que chegasse a aquella, que se chama de mancebo; mas antes quiz mostrar de si mesmo algũa cousa sobre aquella idade; & que fosse mais nelle que em todos os outros seus coetaneos. E assi se fizesse minino conhecido para com os Letrados, & Pontifices do Templo, por amor de algum grande sinal de virtude, para que quando fosse de perfeita idade, lhe não pudessem lançar em rosto, como a desconhecido, & dizer: quem he este? E por isso dixeu bem S. Ioaõ Chrysofomo, que nenhum milagre o Senhor fizera quando minino, porem que elle nesta occasião fora hum puro milagre. E não foi muito pasmarem quantos o ouuiam, pois até a propria Mae, & Ioseph, que sabiam que elle era sabidoria mesma do Padre, se espantaram, como neste lugar se diz.

Cassien lib. 1. in Euang. c. 17.

Chrysof. in Caten.



L I Ç A M I V .

Do que seus Paes passaram com o Minino Iesus no Templo.

21 **A**chado o minino Iesus, refere-se em quarto lugar o q̄ passaram com elle depois de achado, dizendo em o texto. *E dixe-lhe sua Mae: Filho para que nos fizestes assi? Eis aqui andauamos vosso Pae, & eu, buscando-vos com muita dor.* Com estas palauras rompeo a amorosa como confiada Mae o silencio que lhe fazia guardar a admiração ja de gosto, & ja de espanto, que de vello, & ouuillo ganhara. Donde Cassiense diz: Palma no Filho a Mae, & alegrase em seu acrescentamento: não atalha as palauras dos Doutores, antes presta o ouuido curiosamente, amando, & admirando; considerando, & alegrandose. E pondose fim a prattica, fala a piadosa Mae piadosamente ao Filho, pondo em primeiro lugar seu esposo pollo respeito que lhe deuia, dizendo: Filho para que nos trattastes assi? Eis aqui andauamos vosso Pae, & eu com grande sentimento a buscaruos. Vsou a Virgem de authoridade de Mae, quando ao Filho de Deos chamou seu, presumindo não a diuidade, mas a humanidade: se bem hum mesmo he o Filho de Deos, & de Maria. Não pode mais represar o affecto, quando em palauras de tão excessiuo amor rompeo. O de cima he de Cassiense. Donde parece quam ignorantemente procede o maluado Lutero, & os outros sequazes, em quanto blasfemam, que estas palauras dixeram a Virgem com agastamento, & paixão, reprimendo o Filho pollo trabalho, que lhes fizera passar. Sendo antes palauras de amor, & amorosa queixa, ou humilde espanto do altissimo segredo, que nisto com ella tivera, quem em tantos outros benignamente alumiaua. Nem o que trazem alguns de São Boaventura em quanto diz que estas palauras foram como de repre-

tao, os pode fauorecer, ou parecer excessio: porque só diz o Doutor Seraphico, que ella falou com mais confiança como Mae, & lhe perguntou a causa de sua ficada.

22 Eis aqui vemos que a primeira palaura em que a Senhora rompeo, foi a de Filho; porque nos repentinos, dor, alegria, espanto, & semelhantes paixões fala mais a alma, que a boca; & o natural, que o adquirido. E como no coração, & natural desta benditta Senhora não auia mais que amor, que palaura outra podia largar se não a de Filho? Da abundancia do coração fala a boca; & o coração que viuuo arde, por força ha de arrojar labaredas pollo porta. E filho he palaura tenra de amor verdadeiro, & ordenado. E he de notar que esta he a primeira vez, que nos Euangelhos a Virgem Mae se introduz falar a seu Filho Iesus Christo. E chamalhe Filho por muitas razões. A primeira para mostrar a verdade de sua maternidade, & realidade da natureza humana de Christo, de mulher verdadeiramente recebida. A segunda para com aquella palaura fazer prologo aos que a vissem falar com o moço, & significasse, que falaua com confiança de Mae. A terceira para com aquella palaura captar a beneuolência para o q̄ queria dizer. Que he genero de cortezia vsar de titulos de brandura, & charidade com quem se pode julgar sombra de reprimido. E tambem lhe chamou Filho nesta occasião, porque como era de tanta honra, & credito de Christo, & a primeira acção que elle fazia de Messias, & Mestre diuino; quiz a Senhora ser intitulada Mae da doutrina, & sabidoria. Conforme a *Eccl. 24. n.* quillo, que o Espirito Santo della diz: *24.* Eu sou Mae do conhecimento, (isto he) da doutrina santa. E outra vez *Ibid. n. 10.* diz: Eu tiue em todo o pouo, & em toda a gente o primeiro lugar. E bem primeiro, pois no primeiro acto de sabidoria diuina, apparece ella intitulada

Matth. 12. n.
34.

Tex.

Cassiens. lib.
2. c. 24.*Apud Cassi-*
ens. de B.
v. lib. 4. c. 15.
Agid. Lus. de
B. v. lib. 4.
q. 1. n. 87.

Bon hic.

tulada Mae. Boa estrea parece que foi da sabedoria, & pregação do mesmo Christo, que na primeira acção della apparecesse a Virgem com o titulo de Mae glorioso. No qual podes ver quanto te aproueitará para todas tuas acções, principalmente nas das letras ter esta boa estrea da inuocação, & auxilio da Mae de Deos, qual a teue o Subtil Doutor Scoto, que encomendando seu engenho à Senhora no principio de seus estudos, foi milagrosamente por ella allumiado com a pensão, que ella lhe poz, & elle bem pagou; de auer de ser seu perpetuo defensor.

23 E como esta Senhora era Princeza de toda a cortezia, & auiso; poem em primeiro lugar ao esposo dizendo: Olhai que vosso Pae, & eu vos andauamos buscando. Porque, como diz S. Paulo: O varaõ he cabeça da molher, como Christo da Igreja. E se bem era verdade que Ioseph não era Pae de Christo natural, se não putatiuo; toda via era real, & verdadeiramente esposo da Virgem, & como a tal lhe deuia ella todo o respeito, & cortezia que lhe cataua. Porque a differença q̄ vai do Sol à Lua, essa vai do esposo à esposa, cõforme aquelle sonho do outro Patriarcha, que o Sol, & a Lua se lhe ageolhauam; que eram o Pae, & a Mae: & do Santo Ioseph, com sua santissima esposa o allegorizou S. Ambrosio. Nem se pode achar louuor maior da grandeza deste esposo escolhido entre milhares, que saberse delle que he verdadeiro esposo da Mae de Deos. E por tal tem tanto direito a ser Pae de Christo, que assi como foi disposição eterna, que o Messias nacesse só de molher; a ouuera que nacesse de ordinario modo de molher, & varaõ; sem duuida que em tal caso fora Ioseph Pae natural do Salvador, como Maria de feito he Mae natural. E pollo menos bem se mostra sua grande dignidade, em que em toda a terra se não achasse ou-

tro taõ feito à medida do coração de Deos (que he sua santissima Mae) se não este varaõ, aquem fizesse parceiro da mais perfeita criatura, dono da maior belleza, guarda do melhor tesouro, Pae emfim na terra daquelle que só tem Pae no Ceo.

24 E diz, que o buscauam com dor; não da fadiga propria, se não da com paixão d'elle mesmo. Porque bem considerariam, que o minino só, & sem abrigo, seria forçado a mendigar de dia para sua sustentação, conforme aquillo que della está escrito: Pobre fou eu, & em trabalhos criado desde minha mocidade. E de noite seria constringido a buscar algum lugar commum aos pobres, onde se agazalhasse. E qualquer destas considerações seria bastante para cortar os corações dos dous, q̄ o buscauam. E ainda tinham esta taõ grande dor, porque não sabiam que tempo se lhe ausentaria. Porque se bem he verdade que tinham por certo que não se podia perder aquelle que vinha aganhar a todos os homens; toda via, teme tudo quem ama muito, & sospeitauam que lhes durasse mais tempo a ausencia, & os permitisse desconfolados muitos dias. Ou por ventura sospeitariam se dalli se iria para o deserto, como o auia antes feito seu Precursor o Baptista. E se as breues ausencias de Deos causam tanto desgosto em hũa alma, que hũa so noite, que a Esposa o achou menos, a fez sobre desgostada taõ acautelada para ao diante, que propoz de hũa vez achado o não tornar a deixar perder; que dores sentirá hũa alma (se he que sente) perdendo por muito tempo? Quanto mais que hũa coufa he o achar a Deos menos de noite, & outra perdello de dia. Por quanto o achallo menos de noite, succede por ignorancia, ou descuido; porque o entendimento não alcança mais, ou a vontade vigia menos. Mas o perdello de dia succede por malicia, ou por costume; porque sabendo, & ad-

Vit. Scoti.

1. Cor. n. 3.

Gen. 37. n. 9

Amb. lib. de Ioseph. c. 2.

Pf. 87. n. 16

Cant. 3. n. 1.

vertindo que faz mal, se não aparta d'elle. E de hum, & de outro diz Dauid, que liura a verdade de Deos como escudo do coração lançando o temor da noite, & a setta do dia; & liurando do negocio que anda em treuas, & do encontro, & demonio do meyo dia.

25 Conforme a isto somos moralmente ensinados como Deos se perde, como Deos se busca, & como Deos se acha. Perde-se nos caminhos, por destrahimento da alma, inconstancia de estado, & inquietação de espirito. Buscase com dor por contrição de coração, confissão de boca, & satisfação de obra. E estes são os tres dias, segundo S. Antonio de Lisboa, que seus Paes buscaram ao minino; a saber, o pedaço, que ficou do primeiro quando na pouxada o acharam menos; & o segundo, q̄ gastaram inteiro em buscallo; & grande parte do terceiro, ainda que não foi todo, em que o acharam. Porque a contrição basta que seja menos, & a que os Theologos chamam attrição, que chegando se o Sacramento fica sufficiente: & a satisfação também se não requer com toda a intereiza, & igualdade nesta vida, porque no Purgatorio se acaba de cumprir o que falta. Mas a confissão ha de ser necessariamente dia inteiro, & por encheyo, sem falta, ou deminuição da verdade, & clareza della. Achase finalmente no Templo por deução da alma, por repouso do espirito, & por fogação da vontade. Que por isso diz que o minino estaua no Templo, & estaua sentado, & estaua ouvindo, & perguntando. E ainda neste caso fazem estes dous bendittos figura da Religião em a qual por qualquer leve sombra de occasião de perderse Deos em algum ponto della, deue auer grande dor de penitencia, & reprehensão. Porque como sua obrigação he andar sempre em busca de Deos, & diante de sua diuina magestade, disforme cousa será buscallo com negligencias, & entre dissolu-

ções seculares, se não com gemidos de saudosa rola, cuja voz he que só se deue sempre ouuir em nossa terra, isto he, na Religião. Donde conclue Origenes, que conuem logo buscallo não negligente, nem dissolutamente, se não com trabalho, & dor. Tres vezes diferentes pondera o Doutor Seráfico que o minino Iesus foi achado: dos pastores no presepio, dos Reis nos braços da Virgem, de seus Paes no Templo. Os pastores, que são os Prelados, achão no na vigilancia, & no estudo; os Reis, que são os que sabem domar suas paixões, acham o na quietação da consciencia; seus paes, que são os que de continuo trattam de buscallo, acham o na companhia dos bons. Ou conforme a Hugo Cardinal, os contemplatiuos o achão na oração entre os Religiosos.

26 Segue-se em o texto. *Que he o Texto para que me buscaeis? Não sabeis vós que me importa occuparme nas cousas, que são de meu Padre?* Confiada foi a pergunta da Mae, porem nada menos resoluta a resposta do Filho. Esta foi a primeira palavra que se acha escrito falar a sabedoria humanada, & logo foi tão alta como a da geração eterna, chamando Pae a Deos, para que ficasse mais honrado o titulo de Filho, que a Mae lhe dera. Por palavra dixe que era Filho de Deos; mas o ser Filho de homem provou por infinitas obras. E foi como se dizerihes quizerá: Muito me espanto. Mae minha, de que vos cançasseis em buscarme pollos caminhos, & lugates; de uendo saber que minha occupação, & estancia auia de ser na casa de meu Padre eterno, & não no regaço de meus paes temporaes. Diuersos tempos, diuersas idades, & diuersos cuidados, & occupaões. Não he todo hum o tempo, mas ha tempo de regalar, & tempo de fugir longe dos regalos, como diz o Sabio. O tempo de regalar nas ternuras dos paes he o da mininice, & o tempo de fugir he o da mocidade

re-

Ps. 90. n. 5.

Orig.

Bon. hic.

Paduan. ser
huius Dom.Hug. Card.
hic.

Cant. 2. n. 12.

Eccl. 1. n. 1.

resoluta em empregar-se em seruiço de Deos, & alongar-se ate dos proprios paes. Onde o Padre Grego diz: Deste passo podemos conseguir algũa utilidade, porque em quanto o Senhor reprende a sua Mae pollo andar buscando entre os parentes; lhe dà a entender bellamente o como se hão de deixar as ataduras do sangue. Mostrando que ainda não chega a termo de perfeição o que ainda anda entre aquellas cousas, que pertencem ao corpo; & que o homem falta da perfeição polla affeição dos parentes. E S. Gregorio diz: Aquelle quer saber mais familiarmente do Senhor, que por amor da piedade deseja não saber aquellas que carnalmente soube. Porque com graue dano se diminue a diuina sciencia, se se poem a partilha com o conhecimento da carne. Deue se logo fazer longe dos parentes, & chegados, se quer mais verdadeiramente ao Pae de todos ser junto. E S. Ioão Climaco acrescenta; Melhor he entristecer aos paes, que entristecer ao Senhor Iesus; porque este nos criou, & saluou; & estes muitas vezes amando aos seus os botaram a longe. O amor de Deos, & seu santo desejo apaga na alma o carnal amor dos paes: & o que cuida que pode compreender ambos os amores em hum coração, aquelle se engana a si mesmo.

Tex. 27 Segue-se em o texto. *E elles não entenderam a palavra, que lhes falou.*

O qual se não deue entender dos circunstantes, se não dos mesmos com quem falaua, Ioseph, & Maria. Não porque deixasse de saber cada hum delles que era Filho de Deos verdadeiro, & que daquelle Pae podia falar; mas por outras razões: das quaes a primeira he pollo descostume, que tinham de ouir-lhe falar de sua diuindade, porque até aquelle tempo nunca chamara Pae, se não a Ioseph. A segunda, porque ainda que criam bem firmemente que elle tinha Pae celestial, toda via ouuiam falar em

negocios de seu Pae, & não entendia quaes estes fossem, por quanto não sabiam ainda do modo com que auia de obrar os diuinos mysterios. A terceira, porque a palavra de si era tão occulta, & alta que não era muito que os entendimentos creados a não alcançassem perfeitamente. A quarta, porque não entenderam se falaua real, se mysticamente, & trataba dos negocios do templo material de seu Padre eterno; ou do templo espiritual que he a alma humana, no meyo da qual se se tratta de Deos, elle assiste. A quinta, porque por ventura não cuidauam por então de sua diuindade & outros negocios de seu Pae putatiuo não entendiam. A sexta, porque tanto era o gosto que tinham de o auer achado q̄ absortos nelle, nem em o q̄ lhes respondera aduertiram. E he muito de ponderar com Iansenio a veneração, & respeito que seus Paes tinham a Christo, que ainda que por então não alcançauam o que queria dizer; nem por isso lho perguntaram, ou dixeram, que lho declarasse. E ainda he de louuar a humildade delles, porque não presumiram saber mais do que importaua saber. E finalmente seu auiso, porque em materia de segredo não se ha de querer saber mais que o que seu dono quizer que se saiba.

LICAM V.

Como o Senhor se veyo com seus Paes para Nazareth.

28 **R**elatado o que seus Paes auuiam passado com o menino Iesus, concluese em quinto lugar como o Senhor se veyo com elles a Nazareth, dizendo em o texto. *E de ceo com elles, & veyo para Nazareth, & estava lhes sujeito.* Não duuidou a sabedoria do Padre mudar de conselho, & de exercicio, à voz daquelles a quem como moço tinha obrigação de obedecer em quanto homem. Deixou o Templo, & o negocio do Padre eterno, & veyose a Nazareth a pro-
uar

Greg. in Ca. ten.

Greg. 7. mor. 14.

Climach. grad. 3.

Iansen. conc. 6. 12.

Iansen. ubi sup.

Bon. hie.

Orig. ubi sup.

Bed. hie.

Stell. hie.

Iansen. ubi sup.

Tex.

uar com a verdadeira fogueira sua real humanidade; como na liberdade tinha prouado a verdade de sua diuidade. Quando importou deo vista do rayo de sua sabedoria; & logo o escondeo debaixo da nuem da fogueira: como veio, que lançaua, para que sendo diuino pudessem conhecello como homens humanos. Donde diz Landulpho: Torno-se o Senhor a diligencia da Mae com elles por sua consolação para Nazareth, onde fora concebido. & criado, & por onde foi chamado Nazareno. Que porque era Deos, & homem, por isso aqui nos encômmenda hũa, & outra natureza; & hora lança diante os altos da diuidade, hora os baixos da humana fragilidade. E assi como homem subio a Ierusalem com seus Paes; & como Deos se ficou, sem elles o saberem em o Templo. Como homem perguntaua aos mais velhos; mas como Deos respondia cousas, que os mais velhos admirassem. Como Filho de Deos se fica no Templo do Padre, & seu; & como Filho de homem se torna com seus Paes, porque lho mandam. Assi pois tu, se subdito por amor delle, para que pollo trabalho da obediencia tornes a Deos, do qual pollo descuido da inobediencia te auias afastado. O ditto he do Carthusiano.

29 E bem se diz, que decco daquelle de quem se tinha ditto, que subira; porque pollo humidade da fogueira deu lastro a alteza da sabedoria, que nos humanos as mais vezes perigabada do vento da presumpção, & vaã gloria, se não lhe faz bom lastro a humidade. Porque (como diz S. Isidoro) quanto são maiores os estudos das letras, tanto mais o animo se incha com o fasto da arrogancia, & com maior inchação de jactancia. E S. Paulo diz: A sciencia incha; que he, que incha de modo as velas do animo, que se não leuar bom lastro de humidade, se perderá facilmente. Pollo que diz de si mesma a sabedoria ver-

dadeira. O meu trono (isto he o meu vigor, & segurança) está em hũa columna de nuem. A nuem pollo officio, que tem de cobrir os rayos da luz, he symbolo da humidade. Que ^{Isai. 60. n. 8.} por isso às nuens comparou o Espírito Santo os Apostolicos pregadores, dizendo: Quem são estes, que como nuens voã? E diz que seu assento, & trono he em columna de nuem, por que officio he proprio da humidade levantar, & honrar. E sobre columnas costumauam deixar as grandes, & honradas memorias os antigos, como sobre vistosas peanhas. Pois por isso o sapientissimo Iesus subido ao Templo per manifestação de diuina sabedoria, decca a Nazareth per fogueira de profunda humidade. E no que diz que decco se denota o sitio da cidade de Nazareth, que em respeito de Ierusalem ficaua mais baixo; ainda que ella em si fosse situada na coroa de hum monte, tres dias de jornada de Ierusalem. E até este não carece de mysterio, porque o lirio diuino naturalmente ama os lugares mais humildes. Eu (diz) sou flor do campo, ^{Cant. 2. n. 1.} & lirio dos valles. Donde aquelle branco lirio de Claraual ordenaua a seus monges até os sitios mais humildes, mandandolhes fundar seus Mosteiros nos valles, como lirios diuinos. Dos quaes não he alheyo entender o que Balaam profetizou dos Tabernaculos de Israel: Galhardos são como ^{Num. 24. n. 6.} os valles frescos. S. Bonaventura diz: ^{Bon. hic.} Decco o Senhor, que he final de humidade. Deci (diz) à minha horta, para ver os fructos dos valles, isto he, dos humildes. Donde tambem diz S. Antonio: Oh cruel soberba, que pretendes subir sobre a altura das nuens; ^{Padu. ser. huius Do. in fine.} decco, porque Iesus decco.

30 Tapem pois as bocas blasfemas os hereges, porque o perfeitissimo Mestre de toda a virtude, & Religião, como deixaria de o ser na perfeita obediencia? A obediencia (diz S. ^{Gregor. 35. mor. sup. illud, melior est obed. etc.} Gregorio) he aquella só virtude, que
 en-

Landulph. 1.
p. c. 15.

Isid. lib. 3. de
sum. bono.

Ecc. 24. n.
7.

enxerta na alma as mais virtudes, & enxertadas as conserva. E sem duvida que do Paraiso Terreal veyo este enxerto ao jardim da Religiao, depois que nelle vio Deos que era escusado por falta de quem o cultivasse. Muito de notar he, que creando Deos no Paraiso Terreal tantos fructos, & dandoos liberalmente ao homem, só hum lhe vedasse entre todos. Mas foi (diz S. Agostinho) querer dar manjares, & fructas juntamente a alma, como daua ao corpo. Se ao corpo daua outros, a alma daua o da obediencia, que he o manjar della, de testemunho de Christo: O meu manjar he que faça a vontade de meu Padre. Na Cruz estaua o Senhor, & só se queixava de sede, & não de fome, porque estaua farto de afrontas, & farto de seu manjar, que era a obediencia. Donde S. Ambrosio diz: Não pode Deos mostrar mais perfeitamente quão grande bem seja o da obediencia, se não quando prohibio aquillo que não era mais: só a obediencia teue ahi a palma; só a obediencia achou ahi a cea. Pois esta diuina planta trouxe Christo à terra levando às proprias costas a aruore da Cruz para enxertalla nas Religioes de sua Igreja. E assi se faz em forma, & exemplo de Religiao, subdito aquelles, que eram menos, & não mais que elle.

31 Segue-se em o texto. *E sua Mae guardaua todas estas palauras, confirmando em seu coração.* Palauras se tomam aqui por tudo o que passaua, como he costume das Escrituras. E he como se dixerá: Guardaua, & recolhia a Mae benditta tudo quanto o Filho dizia, & obseruaua todas suas accoes, como rezoureira dos mysterios, & reliquario da diuindade, & mestra futura da Igreja. A cerca do qual diz o veneravel Beda: Recolhia a Virgem em seu coração tudo o de Christo, assi o que entendia, como o que alcançar não podia; ruminando, & com diligencia escuadrinhando. E acrescenta

S. Boaventura: Para que em seu lugar, & tempo desse testemunho. E he de aduertir que ja outra vez este mesmo o Euangelista S. Lucas dixe da mesma Senhora as proprias palauras, quando foi na occasiao de seu nascimento. Porque como quer que este sagrado Chronista escreveu com mais particularidade a historia da mininice do Saluador, cousas que mais em secreto passaram; quasi dando a razao donde as seubera sendo raõ miudas, diz o que em o texto se refere: que sua Mae guardaua tudo isto, conferindo em seu coração: confrontando mysterios, & fazendo memoria de acontecimentos, para os ensinar depois como Mestra dos Euangelistas. E ainda quiz com isto engrandecer a grauidade, & silencio desta benditta Senhora que em nenhũa de raõ altas, & novas cousas falou, se não constrangida do bem publico de se auer de escrever o Euangelho.

32 Segue-se em o texto. *E o minino* ^{Text.} *aproueitaua em sabedoria, & idade, & graça para com Deos, & para com os homens.* Disto fica ditto algũa cousa na Lição primeira: & sempre se ha de dizer, que nem mais sabedoria, nem mais graça em subitancia de habito acqueria o Redemptor. Mas que nos actos assi de sabedoria, com o da graça hia crescendo, multiplicandoos, & explicandose cada dia mais com manifesto progresso. Não só nos olhos dos homens, se não tambem para com Deos; porque por cada hum acto hia merecendo mais do perdão, & redempção do genero humano, a que trazia dirigido seu intento. A maneira do Sol, cuja substancia sendo a mesma, se vai explicando, & manifestando por pontos conformemente. E aqui pode ver o Religioso o pouco que monta aproueitar em idade, se não aproueita em sabedoria, & graça. Porque não faz muito sabio o muito tempo, se não o muito estudo; nem faz mui santo os muitos annos de habito,

Gen. 2. n. 16.

Aug. sup. Gen.

Ioan. 4. n. 34.

Ioan. 19. n. 28.

Thren. 3. n. 30.

Amb. in Pf.

Tex.

Bid. hic.

senão os muitos habitos de virtudes. E não erraríamos se dixeramos que todo este aproueitamento de Christo era effeito da foygeição, & obediencia, que a seus Paes mostrava. Porque se os aproueitamentos da gloria accidental de Christo, que S. Pedro chama glorias posteriores, foram fructo da obediencia; que muito he que os aproueitamentos da sabedoria, idade, & graça sejam dessa mesma obediencia fructo? Desse Senhor diz assi por Isaias seu Padre eterno: Em sua sabedoria justificou elle a muitos seruos meus. Sobre o qual diz Ruperto: Que cousa he sua sciencia, se não sua obediencia? Logo em sua sciencia, que he, em sua obediencia, justificou elle a muitos seruos meus, diz o eterno Padre.

33 Com isto consta dos Euangelhos, que Christo nosso Salvador esteve em Nazareth desde os doze annos de sua idade, ate os trinta, sem d'elle se escreuer cousa alguma, que entretanto fizesse. E assi he apochrifo, & fabuloso tudo quanto d'elle se conta, pois nem do Euangelho, nem de tradiçãõ constar pode. Pollo qual diz o Padre Grego: Esta he a primeira demonstraçãõ da sabedoria, & virtude do minino Iesus, porque o que chamam os seus pueris, temos por cousas de consideraçãõ diabolica; salvo se alguẽ quizer só aceitar aquellas, que em nenhum modo se encontram com as que temos. O mais conforme com os ditos dos Prophetas he, que elle era mais fermoso que todos os filhos dos homens; & obediente a Mae, & lindo nos costumes, & no aspecto não pouco venerando, & sedudo: no falar facundo, doce, & attentado: mui conhecido na virtude; como aquelle que fora cheyo de sabedoria: & de conuersaçãõ, & pratica humana, assi como nas demais cousas; ainda que o termo, & razão fosse mais que de homem; porque a mansidãõ era o principal de que tratava. O de sima

he do Padre Grego. Mas bem serà que inquiramos nós por nossa deuoçãõ, & doutrina, o em que se occupava o benditto Iesus estes dezasette ou dezoito annos, em que ja era mancebo robusto, & incapaz de indisposiçãõ por sua perfeitissima complexãõ. E primeiramente sabemos que elle se não occupava em estudo de letras algũas; pois que os Iudeos lhe lançauam admirados em rostro, como sabia letras, pois nunca as aprendera. E menos se deue dizer que elle viuia ocioso, & sem occupaçãõ certa em que exercitasse a vida: maiormente quando seus Paes se exercitauam em obras de mãos para ganhar a sustentaçãõ quotidiana.

34 Por respeito do qual se deue sentir, que o minino Deos que por amor de nós se fez pobre, sendo mui rico, começou da idade accommodada a aprender, & exercitar o mesmo officio de seu Pae Ioseph, de Carpenteiro, ou qualquer que elle fosse, comprehendido debaixo do nome de official. Donde S. Basilio diz: Como que na sua primeira idade estiuese foygeito ao mando de seus Paes; tambem soffreo de boa vontade juntamente com elles, todos os trabalhos do corpo. Porque veresimil cousa he, que com ferem aquelles homens amadores da justiça, & da piedade; toda via eram costumados a andarem em continuos trabalhos do corpo, & a grangear em desta maneira a sustentaçãõ quotidiana. Pollo que o Senhor Iesus, foygeito a seus Paes (como as diuinas letras o testemunham) declarava sem duvida sua perfeita obediencia, em soffrer com elles juntamente os trabalhos. Até qui S. Basilio. E assi tem ordinariamente todos os Doutores com S. Boaventura, que Christo nosso Redemptor, exercitou o officio de seu Pae Ioseph. Donde assi allegoriza Theophilo Antiocheno: Quizse o Senhor Iesus deixar chamar filho de official, até dos proprios murmuradores;

Basil. in
Const. Mon.
ast. c. 5.

Bon. lib de
med. vita
scrip. c. 15.
Baron. Suar.
ubi sup.
Theod. An-
tioch. lib. 1.
Allegor.

Petr. 1. n.
2.

Isai. 33 n. 11.
Rup. in Isai.
lib. 2. c. 19.

Grego in Ca-
ten.

dores; porque as cousas terrenas nos ensinam as celestes. E como bom official da alma corta ao redor nossos espirituaes vicios, ensinando a cortar as cousas pequenas, & a guardar as altas em suas alturas, & abrandar os rijos das almas com o fogo do espirito; & formar o genero humano para varios usos com diuersa qualidade de ministerios. E por ventura, que depois de sua morte ficasse elle com a tenda, & cabedal do officio para sustentação sua, & da Virgem Maria sua Mae. Ainda que por boas conjecturas parece que Ioseph viveria quasi aos trinta annos do Senhor; porque a diuina dispensação da pregação, & mysterio da redempção, o ordenaria tudo em hum tempo.

35 Donde se pode collegir, que o Senhor Iesus Christo, para em tudo representar a verdadeira, & geral forma da vida da Igreja; não viuco até os trinta annos de esmolas, mendigando, sem proprio algum: como no tempo seguinte de sua vida, & todo o resto della procedeo, saluo conseruando algũas esmolas pecuniarias. Porque ainda que fossem seus paes pobres como de muitas partes do Evangelho pode constar; toda via eram officiaes, & não costumam os taes viuer mendigando. De mais que os Paes da Virgem Maria auiam sido mui nobres, & ella cabeça de casal de propria herança, aqual ainda que por ventura arrendasse, & vendesse tudo junto o usufruto della para dar aos pobres, & gastar em obras de misericordia: toda via não a podia de todo vender, nem escambar, como advertio bem Eusebio Emisleno. E Nicephoro diz, que tornaram os Paes de Christo de Belem para Nazareth, por amor da fazenda, & possessão, que ahi tinham. E em hũa, & outra parte morauam, porque em hum, & outro lugar deuiam ter algum rendimento. Verdade seja que empregados todos em obras de piedade, em oração cõti-

nua, & altissima contemplação, curauam menos dos exercicios corporaes, mais que em quanto fosse de precisa necessidade para a escassa sustentação. Nem com tudo se deue negar que Christo neste tempo muitas vezes mendigasse por amor da pobreza, & exercicio de virtude; como em os tres dias que se ficou em Ierusalem, como depois de S. Bernardo o afirma Alexandre de Ales; & algũas vezes quando andou em terra de Egypto. Antes exercitando se toda aquella santissima, & pobre familia (como diz S. Boaventura) o S. Ioseph em seu officio, a Virgem Maria na agulha, & roca, & seruiço de casa, que não auia alli criada nem seruente; o bom Iesus ajudaua, & seruia nõ que conuinha, & lhe encõmendauam, o Pae, & Mãe. Muitas vezes faria cruzes, & muitas lhes applicaria os pregos da obra; & muitas vezes sobre semelhantes instrumentos choraria os peccados dos homens, que o auiam de obrigar a padecellos.

Devoração exhortatoria.

36 **C**onsidera tu pois, ô alma Religiosa, a pontualidade com que teu Redemptor por ti acode com seus Paes santissimos às obrigações da lei. E olha o q̃a ti te cõuem fazer por ti mesmo, quando teu Deos por ti fez tanto. Quanto te conue esperar, quanto teu Deos por ti tãto madruga, & mostra seus diuinos rayos. Dizeme para quando guardas o aspirar à perfeição, se nem ainda com tanta idade, quanto mais em tua mocidade; negas, & differes como Cain, a Deos os fructos? Desuellase Deos de pressas de buscar-te, & tu dormes sem cuidado de a ti mesmo aproueitarte? Se es Religioso, considera, que por Deos deixaste tudo, nem te conuem mais negocio que o de teu Pae celestial, que trocasse na profissão pollo da terra. Pondéra como Deos se perde para guardallo, como Deos se busca para aceitallo, como Deos se acha para gozallo.

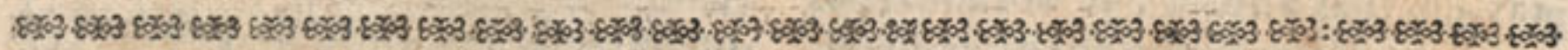
*Alex. 8. p. 9.
11 mem. 2.
n. 2.*

Bon. ubi sup.

*Euseb. Emis.
hom. Nat.
Niceph. lib
1 c. 3.*

zallo. Se fouberes recolhelo contigo, & obrigallo com amor, tambem Deos obedece à voz do homem. Virà contigo, & te terà fogueição de amante, se tu fouberes crescer em sabedoria de

temor seu, em idade de tempo bem gastado, & em graça de obras virtuosas, com que se alcança o fruto, que as flores de Nazareth promettem de gloria. Amen.



REFEIÇÃO SPIRITUAL

CAPITULO NONO.

Do Baptismo de nosso Salvador Iesus Christo.

DOs tres mysterios, que por tradição da Igreja se celebram em hum mesmo dia da Epiphania do Senhor, he o segundo o de seu sagrado Baptismo; que se chama Theophania, que quer dizer, Manifestação diuina. Do qual faz festa a mesma Igreja o dia oitauo da principal Epiphania, que foi a manifestação aos Gentios Magos; como comprimento, & conclusão da mesma solemnidade. Porque de balde se manifestata por Senhor à Gentilidade, se pollo baptismo lhe não fora Mestre, que ensinasse a porta da salvação verdadeira. E quanto ao historial deste mysterio, suppondo como mais certo com a tradição assentada da Igreja, que succedeo a seis de Janeiro; ha grande duvida da idade do Senhor. A cerca do qual primeiro que tudo se haõ de assentar por certas duas cousas. A primeira, que o baptismo de S. Ioaõ começou aos quinze annos do Imperio de Tiberio Cesar, enteado, & herdeiro de Augusto. O qual recebeu o imperio logo depois da morte de Augusto, aqual foi a dezanoue de Agosto. A outra he, que o Redemptor Iesus Christo começou a sair de Nazareth, & a manifestarse por Messias, sendo quasi de trinta annos, como fala S. Lucas no mesmo terceiro capitulo. Porem como aquella particula (quasi) se haja de entender, não conuem todos.

Luc. 3. n. 1

Luc. ibid.

2 Sem embargo das opinioes, cujos fundamentos a este lugar não importam; se deue dizer com a commum dos Doutores que o Senhor era de vinte, & noue annos, & treze dias feitos entrado nos trinta quando veyo ao baptismo. E a isto chama S. Lucas ser quasi de trinta, porque ja era entrado nelles. E como o Baptista fosse mais velho seis mezes, & tiuesse começado a prégar no principio daquelle inuerno, seria o principio de sua prégação aos vinte & noue, & dous mezes pouco mais. E ja auia tres meses pouco mais, ou menos que o Baptista exercitaua seu officio, quando o Redemptor veyo a baptisarse. Porque como notou o Doutor Angelico, nem foi Christo primeiro, nem dos derradeiros baptizados de S. Ioaõ. E foi o que quiz dizer S. Lucas, que como se baptizase todo o pouo, isto he, na força do baptismo, quando ja de mui diulgado, se continuaua, & estaua longe de acabar-se. E entrado foi o Cordeiro de Deos, que tira os peccados do mundo receber a marca de humano, & ainda de peccador; para que os peccadores com mais confiança se chegassem a sua companhia, & com menos estranheza se lhe juntassem. Pollo que diz S. Gregorio Thaumaturgo: Chegouse Christo como hum dos do pouo, & metese o Redemptor entre os cattiuos; & juntase o pastor com as ouelhas per-

Barrad. tom. 2. c. 1.
Quos refert
& sequitur
Soar. tom. 2.
in 3. p. disp.
26. sess. 2.
contra Ians.
Pereir. &
Bayon. Ann.
31.

D. Tho. 3. p.
q. 39. n. 3.
ad 4.

Thaumaturg.
hom. de Bap-
tist.

Cassien lib.
de vit.
Christ. c. 3.

Matth. 3 n
3.

Chrysoft in
Cat. hom. 4.
Imperfect.

Bon. in med.
c. 16.

perdidas. E Simão Cassiense. Foi lavado o Salvador nas aguas ja em idade perfeita, como chegasse aos trinta annos, conuidando à necessaria sozeira da purgação, a todo o que a quizesse seguir com seu exemplo. E o Evangelho diz, que indo Christo a baptizar-se, & recusando S. João fazello, como aquelle que conhecia bem quem era o que lhe pedia o baptismo; replicou o Senhor: Deixai hora, que assi importa que cumpramos toda justiça. Isto he, segundo S. João Chrysofomo, mostrar primeiro por obra aquillo que aos outros se ha de mandar por palavra. Este he o mais cabal comprimento de justiça, & virtude ser exemplo ao que deue obedecer.

3 Como pois Christo Senhor nosso visse chegado o tempo de cumprir com a disposição eterna de se declarar ao mundo, deliberou sua divina prudencia começar pollo mysterio do baptismo de S. João seu Precursor. Compridos pois vinte & nove annos de sua idade, nos quaes (como ditto fica) taõ trabalhosa, & humilmente avia viuido; dixe o Senhor Iesusa sua Mae, segundo o meditta S. Boaventura. He tempo de ir, & glorificar, & manifestar a meu Pae, & mostrar-me ao mundo. & obrar a salvação das almas, polla qual meu Pae me mandou ao mundo. Esforçaiuos pois, boa Mae, que cedo tornarei a vos. E posto de geolhos o Mestre da humildade lhe pedio a benção. E ella do mesmo modo ageollhada, & abraçando com lagrimas lhe dixe com muita reuerencia. Filho meu benditto, ide com abenção de vosso Pae, & minha; lembraiuos de mi, & tende cuidado de tornardes de pressa. Recebida pois assi alicença com reverência della, & de seu amo Ioseph, tomou o caminho de Nazareth para a parte de Ierusalem ao Jordam, onde estava Ioaõ baptizado. O qual lugar dista de Ierusalem dez-oito milhas. E vai só o Senhor do mû-

do, porque ainda não tinha discipulos.

4 Em as quaes palavras mostra o Doutor Serafico ter para si que ainda neste tempo não era morto S. Ioseph. E por mui prouavel se deue ter, que o Senhor não deixaria só sua querida Mae perto de dois meses que fez de ausencia. Mas que tornando do deserto, onde esteve os quarenta dias continuos; naquelle meyo tempo falleria S. Ioseph em dezannos de Março, como o apontam os Martylogios Latinos com mais conveniencia que os Gregos, que o assina a vinte seis de Dezembro. Nos primeiros dias do qual mes de Março, ou ultimos de Fevereiro o Senhor tornou do deserto, & assistio à morte, & exequias de seu santissimo Amo. Para que tendo o Senhor pollo baptismo posto o fundamento, & principio da lei da graça, viesse S. Ioseph a pertencer a ella, & a honrar as primicias da que entaõ hia como Sol diuino nascendo. De modo que quando aconteceu no seguinte Janeiro o milagre das vodas de Canã, ja a Senhora andaua seguindo a Christo viuua de dez mezes.

5 Grande pois, & soberano edificio promette taõ espaçoso, & profundo fundamento de humildade. Quasi trinta annos gastou o Senhor em o estudo da santa humildade nas escolas da sozeira, mortificação, & trabalhos corporaes, para vir a prégar tres annos. Como que por cada anno de prégação prouava dez de mortificação, & humildade, & exercicio de obras religiosas. E nós pobrezinhos, & miseraveis, escassamente acabamos tres annos de exercicio de Religião, presumindo trinta annos de prégação, descontando as auessas por dez annos de prégação hum anno de exercicio. Prouando elle pollos restemunhos do Padre eterno, & Espirito Santo quasi trinta annos de escola de humildade, vem a receber o grao da mão do grande Baptista Cancellario diuino da vni-

Baron in
Martyrol.
vide cum
Annal an.
1. c. 6. & 7.

versidade da lei noua. Em aquelle lugar dittolo, & que o Senhor foi baptizado ficou perpetuada a devoção, & a memoria de grandes milagres. Do qual escreue S. Gregorio Turonense, que em hũa volta que faz o rio Iordão, se reuolue a mesma agua, em que foram os leprosos, & dalli a cinco milhas se mette no mar morto. E o veneravel Beda diz, que em aquelle lugar está hũa Cruz de pao de altura de hum homem até o pescoço, aqual nas cheas se cobre da agua. E na ribeira do rio da outra parte para o nascente sobre hum outeiro se fez hum nobre Mosteiro com titulo de S. Ioaõ Baptista: & delle por hũa ponte de muitos arcos se vaia adorar aquella Cruz em o lugar onde foio Saluador baptizado. Alli entrou a verdadeira Arca do Testamento, pollo proprio lugar por onde a figurativa entrou no mesmo Iordão segundo affirmam graues Authores. E por deuota memoria do mysterio deste baptismo do Senhor, & polia virtude maravilhosa, que tinha naquelle lugar o santificado Iordão de sarar os enfermos; muitos seruos de Deos se baptizarã tambem alli, como se escreue de S. Basilio, & de outros.

6 Esta he aquella cabal, & perfeita justiça que vem cumprir no baptismo, a saber, a da humilidade, como com S. Bernardo diz largamente o Doutor Serafico. Porque ha humilidade he hum todo de toda a justiça, & virtude Christã. A seu Filho, diz S. Paulo, que mandou Deos ao mundo em semelhança de carne de peccado. Para que qual a serpente de Moyses, que sô tinha semelhança de mordedora serpente; sarasse com a semelhança de carne de peccado os peccados do genero humano. E porque esses peccados, que vinha a sarar, eram de duas castas, original, & actual: quiz tambem por duas maneiras tomar a marca, & semelhança da carne do peccado para apagar diante da justiça

diuina astorpes marcas, que o demonio tinha posto nas cattiuas almas. Hũa polia Circumcisaõ, outra polio Baptismo. Porque a Circumcisaõ particularmente foi dada para remedio do peccado original, & o baptismo de S. Ioaõ para remissaõ dos peccados actuaes, de que protestauam fazerem penitencia os adultos que a recebello vinhã, na Fé daquelle que como verdadeiro Messias auia de alimpar todos polio baptismo de agua, & Espirito Santo.

7 Em final do qual parece que o pouo saindo do catineiro, duas vezes passou a pé enxuto polio profundo. Hũa no salgado mar vermelho figura da Circumcisaõ; outra no doce rio Iordão figura do baptismo. E ambos passou Christo, hũa quando sahio do ventre da Virgem aos oito dias de seu nascimento polio vermelho do seu temporam sangue amargamente derramado: Outra quando ouue de começar a ir mettendo aos homens de posse da terra de Promissaõ por sua diuina pregação, no baptismo que nas sagradas aguas do Iordão quis receber. Passouse o mar vermelho da Circumcisaõ, & não deixou final de si, nem rastro como diz o Psalmista. Porem ao passar do Iordão, & baptismo mandou Iosue que tomassem doze grandissimas pedras, & as lançassem no meyo delle para testemunho da gloriosa maravilha que Deos usara com seu pouo. E daquellas doze pedras, que no mystico rio do baptismo se lançara n por testemunho, se lauraram as doze portas da celestial cidade, polias quaes auia de entrar toda a vniuersal multidaõ das gentes redemidas com o sangue do baptizado Cordeiro. E se nessas doze portas, & doze fundamentos estauam os nomes dos doze Apostolos, como nas pedras do Iordão os titulos das doze tribus: o grande Baptista he o Iosue capitam delles, & Architecto dessa obra das doze pedras, & doze portas, que com seu

Greg. Tur.
de Iordã
mar. c. 17.

Bed. deloc.
sej. c. 13.

Sup. cap. 30.
n. 34.

Vide sup. c. 3.
n. 34.

Ben. ali. up.
c. 13.

Rom. 8. n. 1.

Num. 21. n.
8.

Ps. 76. n. 20

Ios. 4. n. 3.

Apos. 21. n.
12.

seu testemunho, pręgação, & precursoria fez laurar essas toscas pedras, que se conuerteram em filhos do abençoado Abraham. E as que eram rudes pedras quando no Iordam entratã, sayam ja pedras preciosas quando se assentã nos fundamentos, & portaes da celestial eidade.

Peroração exhortatoria.

8 **E** Ste he o fundamento, que nenhum outio pode por, senão Christo Iesus baptizando se polla mão de seu Precursor, com humildade taõ profunda, como alto mysterio. Atenta pois bem tu, ò alma Religiosa, que sem mancha, ou necessidade de lauatorio se vai teu Saluader metter debaixo da marca de peccador, & sogeito; & a sobmetterse à mão de seu

inferior em merecimentos, & graça. E naõ queiras presumindo de teus merecimentos, & dignidade, recusar sogetarte a aquelle que por officio está constituido superior no ministerio. Mas de boa vontade te poem a seus pés, & debaixo de sua mão, & obediencia religiosa. Para isso importa tudõ o profundo fundamento da humildade, & exercicio da mortificação, & sogeição; porque com esta se chega de boa vontade ao exercicio de todas as virtudes, & perfeita justiça, & se laua a alma de todas suas imperfeições, ficando polla regeneração da graça approuada por filha querida do Padre, & esposa do Espirito Santo; abrindose os Ceos para te receberem em sua gloria. Amen.

REFEIÇAM SPIRITVAL,
CAPITULO DECIMO.

Da conuersação da agua em vinho nas vodas de Canã de Galileã.

Ioan. 2.

IOMEÇAVA nosso Saluador Iesus Christo a manifestar ja ao mundo sua disposição eterna, & começaua a ajuntar discipulos, & ministros para o officio da pręgação; que deuia ser pollo fim de Outubro. Tinha o testemunhado o Precursor Baptista, preparados os corações dos homens, & tambem lhe auia dado os primeiros discipulos, com os quaes auia ja tido espirituaes, & diuinas praticas. E como ja fosse Mestre, & tiuesse discipulos, aquem tinha dado a entender sua diuindade em secreto; pareceolhe que era tempo ja de confirmar com milagres a authoridade de sua pessoa: porque a authoridade do Mestre, he o credito da doutrina.

L I Ç A M I.

De como Christo se achou nas vodas.

E Assi começou a fazer o primeiro milagre que agora conta o Evangelista S. Ioaõ em o capitulo segundo. Contando em primeiro lugar como Christo se achou nas vodas de Canã com sua Mae, & discipulos; dizendo em o texto. *Fizeram se huas vodas em Canã de Galilea, & estava ahi a Mae de Iesus, & foi tambem chamado o mesmo Iesus, & seus discipulos para as vodas.* Esta manifestação do Senhor he a terceira declaração, que elle fez de si mesmo; & por isso se chama Bethphania, que val tanto como manifestação feita dentro de casa. Aos quantos annos da idade de Christo fosse feita esta declaração de sua pessoa por milagre proprio, se ha deduzir do que fica ditto

ditto no capit. precedente. E ha-se de dizer, que era de mais de vinte & nove annos, pois os tinha feitos, & sobre elles treze dias, quando recebeu o baptismo da mão de S. Ioaõ. E este milagre necessariamente aconteceu algum tempo depois.

Baron. Ann
31.

2 O Cardeal Baronio com muitos Modernos não estão polla tradição vulgar da Igreja, que este milagre succedesse em seis de Janeiro: por quanto cuidam, que se baptizou de trinta feitos. E S. Epiphanyo diz, que este milagre de Canã aconteceu aos cinco dias de Janeiro. Em confirmação do qual refere que ainda em seu tempo avia hũas fontes, que costumavam a converter se em vinho neste dia. Porem ja o commum sentido de toda a Igreja tem que este milagre aconteceu aos treze dias do nascimento de Christo conuem a saber aos seis de Janeiro, hum anno inteiro depois de seu glorioso baptismo: & trinta em

Suar. tom. 2.
3. p. disp. 26.
sect. 1.

ponto da adoração dos Reis. E assim fica, que o Salvador fez este primeiro milagre do sua vida aos trinta annos, & treze dias de sua idade. Mas como o Euangelista diga, que estas vodas de Canã aconteceram ao terceiro dia (particula, que a Igreja omittio no Euangelho desta Dominga) não he facil averiguar donde se ha de contar aquella terceiro dia. Nem parece tão prouavel a opiniaõ de Ruperto, que tem para si que este terceiro dia se ha de contar desde o ultimo testemunho de S. Ioaõ Baptista, & dia primeiro em que o Salvador começou a ter discipulos, & seguidores, por algumas razões, que para isso aponta Iansenio. Pollo que se deve dizer com o mesmo, & com a commum dos santos Padres, que este terceiro dia se ha de contar, ou desde aquelle em que Nathanael veyo a Christo com S. Philippe; ou desde o em que partio de Iudea, que foi quasi o mesmo, & chegou a Galilea. Donde se infere bem com muitos Doutores, & santos

Rup. lib. 2.
sub fin. Mal-
don. hic.

Iansen. ubi
sup.

Suar. ubi
sup.
Barrad. hic.
tom. 2. lib.
43. c. 1. lib.
6. 16.

Padres, que todos aquelles nove, ou dez mezes depois de vir da quarétena, gastou o Senhor em se preparar para a pregação, & foi começando a pregar, & ajuntar discipulos, isto he crentes, & fieis, que o ouuiam & criam. E muitas vezes viria ao Iordam a auivar sua memoria, esperar os testemunhos do Baptista, & começar a ser visto, ouvido, & recebido do pouo pollas inculcas de S. Ioaõ, que o hia dando a conhecer. Até que mandando os de Ierusalem aquella embaxada, o Baptista o mostrou com o dedo. E ao outro dia o tornou a mostrar, & se foram com Christo os dous discipulos de S. Ioaõ, que estiueram com elle aquelle dia, & ao seguinte, em que quiz partir para Galilea, chamou a S. Philippe, & fez crer Nathanael, & da hi a tres dias succedeo o milagre das vodas.

3 E assi não fica improuavel conjectura, que o primeiro dia de Janeiro, trinta annos de sua Circumcisaõ foi mostrado, & intitulado Cordeiro, & Salvador a primeira vez pollo Baptista. E foi como quem hia como Cordeiro buscar ja o rebanho espalhado, & trazer testemunhas para os milagres que queria ir começando a fazer, conforme ao que dizia a Nathanael, que maiores cousas veria que auello visto ausente debaxo de sua figueira. Nem tão pouco carece de mysterio que logo em o Senhor entrando em Galilea ouvesse vodas. Porque as vodas são symbolo de alegria, & finaltambem de uniaõ, & concordia. Galilea, que quer dizer inquietação, he final do mundo, em o qual entrando Deos feito homem, ouue vodas de alegria, & de paz, cantando os Anjos gloria, & paz, que denunciavam aos homens. E falando mais moralmente, por Galilea se entende a alma, a qual naturalmente he inquieta, & está sempre em continuo movimento, donde se lhe causa tristeza de não achar onde naturalmente descance. Pollo qual dizia

Bon. Med. c.
17. diz in fin.
que quando
tornou da
quarentena
tornou pollo
Iordão, &
fez os disci-
pulos. Sed
non potest
stare propter
textum Ioa-
nis, que ensi-
oito dias até
as vodas

Pf. 41. n. 4. dizia o Propheta. Seruirá-me de pão (de manjar, & sustentação quotidiana) minhas lagrimas, em quanto se me dis cada dia: onde está o teu Deos? Por que é quanto este não vem a alma não pode ella ter quietação, ou alegriaalgua. E assi prosegue o Propheta: Com esta lembrança derramei dentro de mi mesmo minha alma; porque ei de passar a hũ lugar de morada admiravel até a casa de Deos. Na voz de prazer, & cõfissão consiste o som (isto he a alegria) do que está em banquete. Para que tens logo mais que te entristecer, alma minha? ou para que me atormentas? Acrescenta a Glossa: Pois que ves cousas tão alegres cõ Deos, não duuides a quelle q̃ ja sentes. E por isso os maos, & mundanos andam sempre em hũa roda viva de tristezas, & melancolias espirituales; porque segundo S. Bernardo, andam buscando, & não acabã de querer achar descanso a seu appetite.

Gloss. ibid.

Pf. 11. n. 9.

Ber. tract. de diligendo Deum.

Pf. 132. n. 4.

Dion. de D. nom.

1. Reg. 16. v. 23.

4. Ou se entēde por Galilea a alma, & cõmunidade inquieta, & discorde; a qual tanto que vem Christo com sua luz, & o Prelado com bõ zelo de justiça (porque Canã significa zelo) logo ha vodas de vnião & concordia. Pol lo qual dis o Psalmista, que alli onde ha paz, & concordia entre os irmãos; alli manda o Senhor sua bençã, & vida para sempre. Chamou S. Dionysio a Deos circulo com centro mas se circumferencia. Por q̃ a circumferencia apparta as linhas tiradas do centro; mas o centro tem virtude de ajuntar todas quantas no circulo se achãrem, por mais diversas que estejam. E assi como em hum mesmo p̃to não cabem dous; assi por certo no circulo, cõmunidade & ajuntamento, onde ouer paz, não tem lugar o demonio; & foge do lugar onde ha concordia; querendo antes estar no inferno que entre concordes, & gente vnida per charidade. Não tinha Saul outro remedio para o deixar o espirito mau, se não mandar tocar a Dauid o seu in-

strumento. Mas ainda que seja verdade que haja alguns remedios naturais para afugentar dos corpos obsessos o espiritu immundo; que virtude podia ter o instrumento de Dauid tocado para afugentar o inimigo? Por certo que nenhũa outra parece, senão a consonancia, & concerto daquelle instrumento tocado por hũa mão fiel, doutra, & attentada.

5. Tal deue ser a mão do Prelado que toque o instrumento todo igual, & destramente & andando elle assi temperado, & apontado em concordia; fugirá delle o inimigo, aquem atormentam consonancias de vontades, & armonia de charidade, mais que todos os violentos remedios. Mas ha homens de seu natural tão peruerfos, & alheyos da paz, que como demonios não aturam onde asentem. O qual foi bem figurado no irmão do Prodigio, de quem diz S. Lucas que não queria entrar na casa do pae, onde se celebraua com banquete, & festa a boã vinda, & apparecimento do irmão perdido. A causa do qual diz S. Ambrosio, que foi por ouir dentro osõ de cytharas, violas, & outros instrumentos musicos, & acordados. Porque não pode ouir o inimigo (dis S. Ambrosio) a concordia do povo, que canta, & se alegra da saluação do peccador cõ novidade de alegria. E he muito de notar que não carece de mysterio o dizerse que veyo o Senhor às vodas ao terceiro dia: Pollo qual allegoricamente se entende, segundo S. Boaventura, que Christo veyo ao terceiro dia, isto he no tempo da lei da graça, que foi a terceira depois da lei da natureza, & da escrita. E moralmente se entendē pollo tres dias as tres partes da penitencia, contrição, cõfissão & satisfacã de pois da qual vem Christo a celebrar, & assistir às vodas do gozo da alma. E ainda se pode entēder q̃ depois da purgatiua, & illuminatiua, se vê a vnitiva, e que o Senhor assiste à vnião da alma com elle.

Luc. 15. d. 28.

Amb. in casten. lib. 7. in Luc.

Bon. hic.

6 E quanto ao lugar em que estas vodas venturosas foram celebradas, diz o Evangelista que era em Cana de Galilea, aqual he hum lugarejo, ou pequena villa, que fica pouco mais de húa legoa da cidade de Nazareth, na repartição do tribu de Zabulon, ainda que outros, que a andaram, dizem que dez milhas, que he pouco mais de tres legoas. E chamase de Galilea, à differença de outra cidade, que conforme S. Ieronymo està junto das de Tyro, & Sidonia. Da região das quaes, era aquella mulher Cananea; & cae no tribu de Afler. E alli affirma Ládulpho q̄ ainda é seu tēpo se via a casa onde estiueram as mesas: & o lugar das talhas da agua. E que a ella se dece por muitos degraos, conforme a disposiçã das casas de Palestina; & também pollas muitas ruinas que por alli tem succedido. Porem quanto aos noiuos, delles não consta das escrituras. Temse vulgarmente que eram de S. Ioão Evangelista, pollo que se diz que estaua ahi a gloriosa Virgem Maria Mado Salvador Iesus Christo. A qual não he de crer que estiuera em semelhante acto, se não fora cousa taõ sua, que fosse o noiuo seu sobrinho. Pollo qual diz o mesmo Carthusiano: Esteue nossa Senhora nestas vodas para as quaes foi conuidada, não como estranha, mas como a que era primogenita, & a mais digna entre suas irmaãs. E assi estaua em casa de sua irmaã como é a sua propria. Pois como sua irmaã Maria Salome molher do Zebedeo quizesse ordenar as vodas de seu filho Ioão, partindose nossa Senhora para Nazareth, que estaua quatro milhas de Canã de Galilea, fez lhe a saber o que passaua. E logo a bemaumentada Virgem veyo primeiro que todos, & adiantouse para concertar, & aparelhar as cousas necessarias ao negocio. A te qui Landulpho, mais piadosa que certamente.

7 E indo nesta opinião foi assi mesmo conuidado Christo, & seus pou-

cos discipulos, com a mesma confiança de primo. E desde estas vodas dixeram que chamou o Senhor a S. Ioão Evangelista, tirandoo do thalamo de espolo, puro, & sempre Virgem, para amado seu, & mais querido. Não o tirou o Senhor de esposado, mas trocoulhe os desposorios; melhorandoo no amor, pois o tirou de hum humano, & arriscado, & lhe deu hum diuino, & seguro. Mancebo era S. Ioão, fermolo, & bello; prudentes seus paes, & de grande, & real geração, ainda que algum tanto humilhados da fortuna, que sempre foi inuejosa à natureza: e de crer he que a espoza que lhe dariam, seria mui moça, fermosa, & discreta, & conforme sua qualidade bem dotada. Mas como era Aguia S. Ioão quis o Senhor acreditarlhe o primeiro voo, de sorte que nelle se visse, que suspendida ao Sol, prouaua ser real, & generosa. Que voõ mais valēte podia ser que apartarse tal esposo de tal esposa no mesmo dia das vodas, & na mesma hora do matrimonio? Por excellencia podia ser o Evangelista chamado amigo do espozoo; pois por amor delle deixou aquella por que se deixa pae, & mae naturalmete. Mas se embargo desta opinião o contrário parece mais certo: & S. Epiphanio nega que S. Ioão estiuesse aqui presete nestas vodas, como abaixo se dira. Outros cuidã que seria de S. Simão, pollo appellido que tem de Cananeo: mas nada he certo, se não que de quem quer que fossem, eram de coisa muito da Senhora. Aas quaes se deixou cuidar Iesus Christo, porque conforme S. Agostinho, sabia que auia de auer pollo tempo adiante herejes que reprobauam sem o Sacramento do Matrimonio; & ja com esta prouidēcia ficassem pollo Senhor condenados. E nota bem S. Epiphanio que de Ioseph se não faz aqui menção, porque sem duuida era morto a este tempo. E da ordem da diuina prouidencia se deue cuidar que lhe daria vida até a idade perfeita de

Arand. tract.
1. c. 4.

Heir. apud.
Maid. h. c.

Land. 1. p. c.
25.

Land. ub. sup

Gen. 2. n. 24

Barrad. tom
2. lib. 3. c. 1.

Epiph. &
Niceph. ibi.

Aug. tract. 9
in Ioan.

Epiph. 1. ep.
72

ta de Christo. Aqual comprida, a saber baptizado o Senhor, & em aquelle tempo que veyo do deserto, deuia morrer o bemaumentado Patriarca, & ficar à Senhora a administração de feu filho. O qual compridas suas exequias trattaria do remedio do mundo começando a manifestarse.

L. 5. A. M. II.

Da falta do vinho & petição da Senhora.

R eferido como Christo se achou nas vodas com lua Mae, & discipulos, cõta se é següdo lugar a falta do vinho, & petição sobre isto da Senhora, dizendo em o texto. *Esfaltando o vinho, dixit a Mae de Iesus ao filho: Nã rem vinho.* Isto he, acabouse (filho) o vinho a estes nossos parentes. & padecerão falta delle, & afronta se vier a acharse. Nem se ha de cuidar que por algũ acalo & accidente faltasse nestas vodas o vinho; mas por altíssima providência de Deos para ter occasião de começar a manifestar a gloria do mysterio da redempção. Porque este he o estylo de Deos, fundar suas sobrenaturaes maravilhas, sobre fundamentos de faltas naturaes. Com este pensamento respondeo nullo Saluador aos discipulos quando lhe perguntarã porque aquelle homem nacera cego; se era por peccados seus, ou de seus paes: Nem est peccou (diz o Senhor) nem seus paes; mas para que se manifeste nelle a gloria de Deos. Por que segundo S. Gregorio, assi se manifesta melhor a virtude diuina quando desfallece a força humana. Porque entã resplandece mais a sabedoria do artifice quãdo vsta, como de materia de coufas poucas, para fabricar coufas grandes. Assi permite agora q̃ he o vinho, para manifestar suas maravilhas na falta delle.

9 E ainda nisto se pode ver que facil cousa he no mundo faltar o melhor, por mais bem preparado que se tenha. Porque como diz Salamam: Mui incertas (isto he mal sortidas de effei-

ros) são nossas providencias. Porque na verdade falta o melhor do que se preuenio, & dispoz, qual he o vinho nas vodas. Etambem quis mostrar na falta do vinho, que he tal todo o gosto que tem alguma cousa de mundano, que sepe e falta no melhor. Em confirmação do qual notou Ruperto, que o diluuiõ sobreuiera em o mes de Mayo, quando o mundo estaua mais florente. He mundo em fim, que sepre no melhor falta, E como o vinho seja symbolo de alegria polla virtude que tem de alegrar o coração do homem; da qui vem que permite as mais vezes Deos a mingoa delle, para que tenha lugar na mesa dalma outro mais suauẽ, & generoso. Como quando sobreuem em hum báquete outro vinho mais precioso, se mandam logo despejar os copos do que primeiro se gostaua; assi he necessario despejar o coração de gostos mundanos para poder receber a suauidade diuina. Onde S. Ieronimo diz que conueniente cousa he que aonde Deos he conuidado deua faltar o vinho da temporal, & falsa alegria: porque com tal vinho como este não se delectam os santos, porque embarça, defatina, & poem em esquecimento a Deos; & acende, & prouoca vergonhosas concupiscencias. O Caliz, ou copo do Ceo, do vinho com que cantã os Anjos, diz o Psalmista, que alheya & embebeda. Porque conforme diz S. Ieronimo, & S. Agostinho, de tal modo alheya, que faz perder a memoria de todas as primeiras vaidades; por quanto não fica lugar à alma de outra alegria, quando goza da suauidade diuina. Mas que muito se Pedro com humo so gotta que gostou no Thabor deste vinho de alegria celestial, se esqueceo de quanta outra gloria lhe podia offerecer o tempo? Falte pois Senhor, nas vodas da maior consolação, & gloria da terra o vinho, para que enpossa mais despejado gozar da suauidade da celestial alegria.

*Ru. lib. 4.
in Gen. c. 25
Ps. 103. n. 15.*

*Ieron. in Glo
hic.*

*Ps. 125.
Ieron. &
Aug. hic.*

*Matth. 17.
n. 4.*

Tex.

Ioan. 9. n. 3.

*Greg. apud
Bon.*

Sap. 9. n. 14.

10 Segue-se em o texto. E como faltasse o vinho, dixe ao Filho a Mãe: quer dizer que o aduertio da falta que o vinho hia fazendo. Porq̄ naquelle ponto ainda o vinho verdadeiramente não faltava, mas hia faltando, segundo S. Agostinho, & a esta mingoa quiz acodir a prouida Senhora, Mãe da miserizordia aduertindo ao Filho da falta. Onde he muito de notar que se não faz o primeiro milagre sem intercessão da Virgem; para q̄ assi se veja que por esta Senhora nos vem todo o bem, & por sua mão he dispensada toda a benignidade diuina: Nem podia o proprio Christo começar seus milagres se não em o nome de Iesus & de Maria. Nem ha que duuidar que esta Senhora seja Alpha & Omega principio, & fim de todas as maravilhas, & milagres de Christo. Ella he a sabedoria que toca de hum fim a outro, forte por intercessão & suave por compaixão; dispondo todas as cousas, compondoas, & ordenandoas com Deos seu Filho. Por que se bem consideramos, o primeiro milagre que o Senhor fez (que aconteceu nesta occasião) por intercessão foi da Virgem Maria. E o derradeiro tambem que fez em sua vida (que foi a conversão do ladrão; de que diz S. Agostinho, que foi maior milagre que o de quebrar-se as pedras, & q̄ todos os outros) por intercessão foi da mesma Senhora, como o affirma Arnoldo.

11 Tambem he muito de admirar a discrição, & prouidencia da Senhora, na oportunidade, & preuenção com que trattava daquelles seus deuotos, & parentes. Ea piedade juntamente das naturaes entranhas de misericordia: porque por ventura ja a falta chegaua a estado que os mesmos noiuos a sentiam por relação dos que tinham a sua conta prouer os copos. Donde diz S. Boauentura: Nisto parece a compassiua piedade de Mãe acerca da falta & desconfiança vergonhosa do esposo, & esposa, & dos outros,

que tinham a sua conta o prouer; E se nota tambem o cuidado da prouidencia da bemaumentada Mãe. Ea urbana cortezia, & disposição de prouer; em que aduertio ao Filho da falta do vinho sem os outros o chegarem a saber. O dito assim he do Doutor Seraphico. E assi andou a Senhora compassiua no ver, prudente no acudir, & discreta no remediar. Donde tens exemplo que em materias de importancia, & da honra, & credito do proximo, fica obrigação, quando não de justiça, pollomenos de charidade, não admittir descuido. Por que na verdade sofrese mal descuido entre amigos em materias de importancia. Angustiado pedia Christo a seu eterno Padre que passasse delle aquelle caliz. Pois Senhor caliz tão preclaro, & que faz a hear de todo o tormento, pedis vós q̄ se vos passe? Mas como não lhe seria difficultoso de tragar vendo lancar a dormir seus amigos, em occasião que elle tanto lhes encomendaua que vigiassem? Sobre o qual diz Francisco George: Por isso rogou ao Padre que traspassasse delle aquelle caliz da paixão pois via tantos ingratos; até os Apostolos que lançados a dormir se descuidauam de vigiar com elle naquelle tão arduo negocio.

12 Enão dixe a Senhora outra palavra mais que: Não tem vinho. Em compendio de breuissima relação da necessidade, deu ao diuino Rei o memorial, que ella tanto queria que elle bem visse. Grandeza he do Rei do Ceo que baste per memorial do que se pede, o apontarlhe a necessidade do que padece: por mais que seja estado dos Reis da terra, nem a grandes relações acabar de deferir. A differença está em que a aquelle obriga o amor natural; & a estes a artificial justiça. Assi mandaram as irmãs de Lazaro dizer ao Senhor: Aquelle, quem a mais está doente. Sobre o qual diz S. Agostinho. Não dizeram vinde; porque quem ama basta fazerenlhe a saber.

Não

Aug ser. 41.
de 20 mp.

Cap. 9. 2. 1.

Aug ser 120.
de temp Ar.
no. de 7. 1. 1.

Bonif. 6. 1.

Luc. 22. n. 42
Ps 22. n. 7.

Vent. tom. 6.
probl. 225.

Ioan. 11. n. 3.

Aug. traç. 19.

Aug.
traç.
ad 19.

Text.

Pell.
Cal.

Ath.
cōr.
Eut.
The.
Nij.
led.
tibi.
omn.
lvin.
Chr.
20.
Ius.
tra.
Au.
fid.
6. 5.

Naõ oufarãm a dizer: Vinde, & faraio; naõ oufarãm a dizer: mandai ahi, & cã serã feito. E porque o nam fariam estas, quando a fé daquelle Centurio por ahi mesmo se louua? Nenhuma destas cousas dixerã estas, senã sãmte. Senhor sabe que aquelle a quẽ tãto quereis estã enfermo. Basta que o saibais, porque naõ costumais amar, & desamparar. Atẽ aqui S. Agostinho. Nem dixẽ a Senhora mais, que duas, ou tres palavras, como quem sabia que Deos naõ se obriga de arengas, nem se leua de oraçoẽs mui comptidas. Porque (como diz S. Agostinho) a oraçaõ em poucas palavras cõprehende muitas cousas. E os monges de Egypto, conforme ao mesmo, costumauã fazer breuissimas as oraçoẽs, por nẽ gastarẽ tempo, nẽ perturbarem a mental.

13 Segue-se em o Texto. *E dixelhe o Senhor: que tenho eu mulher de ver com vosco, nem vòs comigo? Ainda naõ he chegada a minha hora.* Quer dizer: quẽ vòs mette a vòs mulher, ou a nòs que nos vai nisto? E como estas palavras da resposta do Senhor a sua Mãe pareça aos que pouco bem as consideram, de reprezaõ, ou de repulsa, tomaram os hereges deste tempo occasiã maligna de pôr sua boca no Ceo, & notar de peccado, & de ignorancia a Mãe purissima, & prudentissima Virgem. Por onde a respeito disto se haõ de ler com muita cautela sobre este lugar S. Athanasio, Euthymio, & Theophylasto, em quanto dizem que o Senhor a reprende; & S. Gregorio Nyffeno em quanto diz que naõ quiz o Senhor aceitarlhe o conselho; E S. Irineo em quanto diz que foram palavras de repulsa. E com mais cautella que todos S. Ioaõ Chrysofomo, em quanto diz que naõ só foram palavras de reprezaõ, mas ditas com indignaçã asperamente. Porque (como aduirte Iustino Martyr) naõ foram estas palavras de reprezaõ; senã de aduertencia de algum particular mysterio, como ensina S. Agostinho. Donde veyo

que a Mãe naõ tomou a mal as taes palavras; antes ensinada já do mysterio dixẽ aos ministros: que fizessem o que elle mandasse. E tãõ alheya foi de repulsa; ou escusa a resposta, que por amor da Senhora fez Christo o milagre. Donde S. Gaudencio explica. Naõ o dixẽ o Salvador a Mãe por reprezaõ, mas quasi que lhe quiz mostrar isto: Naõ somos nòs outros os q̃ temos a nossa conta o vinho, que nas vodas se gasta; com tudo por amor de vòs já que leuais gosto, naõ vos agasteis; Dizei aos ministros que façam o que lhes eu dixẽr.

14 E no que acrescenta: *Ainda naõ he chegada minha hora:* Naõ quiz dizer o Senhor que a Mãe pedia temporã quanto ao tempo de começar a manifestarse ao mundo por milagres (porque esta hora já era chegada) se naõ que ainda a falta do vinho se naõ sentia, & que em a sentindo, elle teria cuidado de acodir-lhes a sua hora. Nem a Senhora em sua petiçaõ queria que logo em continente se fizesse o milagre; se naõ que manifestou para quando, & como o entendesse o Filho conuinha fazerse. Bem parece logo, que a Mãe prudentissima naõ obrigou o Filho ao milagre, que elle como Deos aula de fazer, & naõ como só homem; nem ainda se entremetteo nos meyo por onde auia de obrar a maravilha. Antes com humildade, & sãgeiçaõ se chegou a orelha do Filho por evitar a especie de vã gloria, & lhe deu conta do que passaua como piedosa. E por isso mesmo parece que lhe naõ chamou Filho quando intercedia para obra tãõ diuina; porque como diz S. Agostinho, ella era Mãe da carne, Mãe da humildade, & Mãe da enfermidade; & o milagre, que elle auia de fazer, segundo a diuindade era, & naõ segundo a humanidade. Pollo qual tambem o Filho em aquelle modo de falar, negou em certo modo ter neste particular alguma cousa commua com ella, E por isso a tratou

V iij de

Aug. in Gloss.
tract. 6. idem
ad Probam.

Text.

Pellican. &
Calu. hic.

Athan ser 4.
cõtra Arian.
Euthim. &
Theophil. hic
Niss or. ad I.
Iud. quando
tibi subjecit
omnia.
Irin. lib. 3. c. 18
Chrysof. ho.
20. in Iann.
Iusti q. 16. cõ.
tra Gent.
Aug. lib. x. de
fid. ad cathoc.
c. 5.

Gaud. tract.
9. q. 2. loc. de
Euang.

Text.

Tolet. hic.

August. 8. in
Iuan.

Bern. ser. 2. do
hac Dom.

de mulher, & não de Mãe por nosso
ensino, segundo S. Bernardo; porque
nas materias de Deos, & da Religião
não ha que conhecer carnal parentef-
co. Ainda que até em caso em que elle
ficaua tão liure de sua sujeição, lhe
respondeo com devida cortesia de
Mãe, per interrogação, & não por af-
firmação. Porque segundo Caetano,
mais modestamente negamos pergün-
tando, quasi deixando ao juizo da-
quelle a quem falamos, que não ne-
gando formalmente.

Cant. bic.

LIÇÃO III.

Da materia de que se fez o milagre.

15 **V** Isto o que entre o Filho,
& a Mãe passara se aponta
em terceiro lugar a materia de que se
fez o milagre, dizendo em o texto.
*E dixit a Mãe do Senhor aos que ser-
uiam à mesa: Qualquer coisa que
meu Filho vos dixer, facite.* Isto he
que a Senhora aduertida do mysterio,
& certificada do effeito de sua petição,
chamou a parte os que seruiam, & ad-
uertio-os como a quem tinha na casa
tanta authoridade, que fizessem tudo
o que seu Filho lhes mandasse fazer.
Porque não acertassem elles de não
quererem, por lhes parecer fora de
propósito que mandasse encher as ta-
lhas de agua com aquellas particula-
ridades que ao diante se seguiram. Se
por ventura o Senhor reuelou a sua
Mãe o modo particular, como o vinho
de que auia de prover, auia de ser fei-
to da agua; não se pode determinar.
Sò se tenha por aueriguado que ella fi-
cou certissima em que se auia de fazer
milagre na materia. E por isso cha-
mou os seruentes, & os aduertio de
que fizessem tudo o que lhe elles man-
dasse. Sospeitando por ventura que af-
si como Deos tirou agua da pedra an-
tigamente por ministerio de Moyses;
assi tambem faria elle tirar vinho da
agua, ou de outra materia com algũas
semelhantes diligencias; para as quaes;
aduertia aos ministros.

Text.

16 E ainda parece nisto quanto
Deos nosso Senhor se obriga da ora-
ção de muitos, se bem he verdade,
que a intercessão da Mãe val por to-
das as que se lhe podem metter. Que
como diz S. Ambrosio: Muitos pe-
quenos cõgregados vniuniformemete são
grãdes, & os rogos de muitos impossí-
uel cousa he serem desprezados. E S.
Ioaõ Chrysofomo dà a entender que
a Mãe benditta chamou aos ministros
para que elles manifestassem ao Se-
nhor a necessidade, & lhe pedissem
tambem de sua parte lhes desse algum
remedio. Porque diz o Santo, que
chamou aos ministros sabiamente, pa-
ra que a petição fosse feita por mui-
tos. Donde parece claro quanto me-
lhor acabem com Deos as oraçoens
feitas de muitos, & em communida-
de, que as particulares desses mes-
mos. E bem aduerte a prudentissima
Senhora aos seruentes que façam o
que lhes mandar Christo, por nos en-
finar, que marauilha tão gloriosa não
podia deixar de ter seu fundamento
na obediencia, a qual o he de todas as
grandes obras. Os grandes bens, que
se pertendiam nro estado humano da
justiça original, em obediencia se fun-
daram, segundo S. Agostinho. As
grandes venturas de Abraham, & de
sua geração em obediencia, segundo
S. Ioaõ Chrysofomo? E finalmente
os fauores de Iacob a obediencia lhos
grangeou, segundo S. Gregorio. E S.
Bernardo achou que nem o estudo da
boa acção, nem a porta da santa con-
templação, nem as lagrimas de pe-
nitente (que parecem ser as tres occu-
paçoens da vida Religiosa) podiam
estar fóra de Bethania. Porque Betha-
nia quer dizer casa de obediencia, fó-
ra da qual não ha bem algum. Nem
cousa algũa pode ser difficultosa de
obrar, leuando por fundamento a obe-
diencia, segundo S. Isidoro. E por isso
a discreta Senhora quiz fazer fundar
as marauilhas de Christo, que neste
milagre se começauam, na obediencia,

Amb. lib. de
panis.Chrysof. hom
21. in Ioan.Gen. 2. nu. 16.
Aug. ibid. 6.
14. de lin. 12.
Sen. 22. n. 18.
Greg. mo. 10.
Gen. 28. n. 16.
Greg. in 1.
Reg. 3.
Bern. de noui
milit.Isid. de sum.
hom lib. 1 e 13
sent. 11.

cia, dizendo: Tudo quanto meu filho vos mandar, ponde por obra. Segue-se em o texto. *E estauam abi postas seis talhas de pedra, segundo a purificação dos Iudeos; que leuaua cada huma dellas duas, ou tres metretas.* Estes vasos não eram potes, nem cantaros communs, se não vasilhas grandes, que entre nos se chamã commumente talhas, & são de barro não so da India, mas da terra para diuersos vsos de azeite, vinho, & pão. E se chamam em algumas partes tambem potes; & ha alguns de excessiua grandeza. Pois no que diz que eram de pedra, se mostra a materia: Segundo o uso da terra é chamar hydrias, denota a forma: em as metretas se ensina a quantidade: & em dizer que estauam segundo a purificação dos Iudeos, se affina o effeito, & fim. E chamaõse hydrias pollo uso da agua, que em Grego se chama hydros. Metreta he nome as vezes appellatiuo, & commum a toda a medida; porque metros em Grego he o mesmo que medida. E outras vezes, como neste lugar, se toma por certa, & determinada medida. E ainda que affinam varias diuersos Authores, não importa cançar muito, porque parece mais corrente que cada metreta leuaria almude & meyo de nossa medida velha. Assim que cada talha a duas metretas leuaria tres almudes de agua: & a tres metretas perto de quatro almudes, & meyo: ou se he mais certa a conta dos que interpretam huma metreta dous almudes, veriam a leuar cada huma quatro, ou seis almudes de agoa. E o fim para que alli estauam era não para se alimparem de todas as irregularidades, que por tocamento de cousas immundas, conforme a lei se contrahiam; se não para fazerem as purificaçoens introduzidas per tradição dos maiores, que os Phariseos faziã pontualissimamente guardar, segundo o conta largamente S. Marcos. E tambem para a limparem & lauare ma l-

guns vasos, & outras cousas necessarias para o ministerio do banquete. Pollas seis moralmente segundo S. Antonio de Lisboa se entẽdem seis actos, que purificam a alma. A saber; contrição, confissão, oração, jejũ, esmola, & perdão de injurias.

17 E porque em semelhantes ministerios se auia ja gastado graõ parte da agua por ir ja quasi no fim o banquete; dixẽ o Senhor aos que seruiam à mesa: *Enchei essas talhas de agua.* Isto he, acabaias de encher, & refazer da agua, que se ha gastado. Elles como estauam ja aduertidos polla Senhora, não puzeram duuida, nem perguntaram o fim para que mandaua fazer obratão escusada, & trabalhosa. Porque como diz S. Ião Chrysoffo, aquella terra he mui falta de agua, & por isso para semelhantes occasioens tinham vasilhas grandes em casa onde a recolhiam para que não faltasse ao seruiço, & limpeza das casas: mas foram a hum poço, que alli dizem que està fora daquelle lugar de Canã, & fizeram perfeitamente o que Christo mandara. E isto he o que se diz em o texto. *E encheramnas te o summo.* A saber até as bocas. Por ventura que induzidos a isso polla gloriosa Virgem Maria, & por S. Ião, como dis Hugo Cardeal. E bem se pode crer, que a Virgem como mui discreta, em vendo que seu Filho Iesus Christo mandaua encher as talhas de agua; desse logo na traça do milagre. E por isso pollo fazer mais abundante, & maravilhoso, auisasse aos seruidores que enchessem os vasos quanto elles pudessem leuar.

18 Desorte que a materia, de que o Senhor fez este famoso milagre, foi agua, a qual estaua em vasilhas de certa medida, cheyas ate o summo, pollos que andauam seruido à mesa. E quanto a tomar o Senhor para fazer o milagre materia creada prejacente, parecendo que mais maravilhoso fora fazello de nada, & crear o vinho de nouo;

Padu. ser. hujus Dcm

Tex.

Chrysoff. hom. 21.

Hug. hic.

Bud lib. 5. de Affe.

Dioscor. lib. 5

Mald. hic.

Cardos. de mensuris.

Georg Agric apud Barra. hic.

Iansen. vb.

sup.

ter. in Prof.

Mar. 7. n. 3.

*Crysoft. hom.
22. Boh. hit.*

nouo; dà S. Boaventura algumas razões tiradas de S. João Chrysoftomo. A primeira, porque muitas vezes corta Deos polla grandeza dos milagres, para que assi fique mais acomodados para se receberem sem sospeita. Porque se alli apparecera de repente vinho feito de nada, sempre ficara sospeito de sua verdade, & cõ razões de se duuidar da sua realidade. Onde parece que as obras, que fazem os grandes da Igreja não deuem ser em ostentação maior de suas forças, & sabedoria; se não a maior proueiro, & commodidade do pouo. E esta he a causa porque ja mais Deos por maiores, que quizesse fazer, creou de nouo materia, se não que de nouo introduz miraculoza forma na materia antiga. Que isso tem Deos de prudentissimo governador, & conseruador do vniuerso; não se meter com sua potencia absoluta, se não onde de potencia ordinaria não chegam os inferiores agentes. Assi para secar o caminho do mar vermelho miraculosamente abetto, não o quis fazer per sua omnipotencia; como auia feito o mais; se não que mandou ao vento que o secasse. Porque (como diz Oleario) este era officio do vento, em que elle naturalmente fazer podia. A segunda razão foi, porque com esta transmutação de hũas cousas em outras confutasse claramente os hereges, que diriam que o Senhor não creara estas cousas visiveis; ou que outro principio as creara, que não era elle. O qual fica bem reprobado com o mutuo uso de hũas para outras creaturas.

*Exod 10 n.
19.*

Oleario. ibid.

*Chrysoft.
ubi. sup.*

19 E quanto a tomar por materia a agua da aquellas talhas, diz o mesmo S. João Chrysoftomo que foi para tirar toda a sospeita. Por quãto aquellas vasilhas nũca auiam seruido, nem seruiam de vinho, como era manifesto; para que se pudesse cuidar que nellas aueriam ficado algumas borras de vinho; donde, com somenos marauil-

lha tirassem outro de nouo. Do qual tambem se pode colher bõa doutrina, que aquelles que na Igreja tem por officio fazer marauilhas de obra, & de palavra, como são os Religiosos, Sacerdotes, & Prégadores; deuem fugir de tomar por materia dessas suas marauilhas cousas, em que possa cair sospeita, por pequena que seja, de corruptas, & reprobadas; usando de materias peregrinas, & que nenhum dos ouintes, ou mui poucos, sabem donde vieram, & alli appareceram. Do poço da Escriptura sagrada, em quem Philo Carpãthio entende o poço de aguas viuas dos Canticos; & das talhas que sempre seruiram de agua limpa, & pura para seruiço da Igreja, & nunca tiueram outro liquor diferente do commum sentimento della, que são os santos Padres, & Doutores Positiuos, & Escholasticos; que do poço da Escriptura a conseruam em si mesmos, como pedras de firmeza da Fe: cubertos com o espirito diuino, & cheyos até o summo per continuação de estudo, & operação de exemplo. Contra o qual fazem muitos pregadores, que de proposito tomã por materia de seu sermão cousas, & authores exquisitos, & que não sabemos de que seruiram; se são aguas puras, ou fezes de vinho.

*Cant. 4. m.
S.
Carpãthio
ibid.*

20 E quanto a querer o Senhor tomar por materia do milagre a agua, & não outra cousa, nem elemento, parece ser a causa polla vizinhança de natureza, que ha entre a agua, & o vinho. E como Deos sempre como sapientissimo, tome por materia dos milagres as cousas mais acomodadas em sua natureza: daqui vem que tomasse esta, porquanto mais facil he conuerterse a agua em vinho; que fazerse o vinho doutro liquor, ou elemento. Assi tambem quando quiz dar agua no deserto a fez tirar da pedra, que com ella tem natural sympathia. E respeitando particular mysterio, parece que o Redemptor quis consagrar o prin-

*Num 10 n.
11.*

o principio de seus milagres ao mysterio diuinissimo de seu corpo & sangue sacramentado. E que quiz entay- ar os animos à Fé dos Christaos para se costumarem a crer conuersões da diuina omnipotencia de hūas cousas, em outras. Porque quando duuidassem os Iudeos, & os hereges: como nos pode este dar seu corpo para comer, & seu sangue para beber? Responde a Igreja. Do modo com que pode conuerter a agua em vinho nas vodas de Canà de Galilea. Porque huma vez concedido que hūa substancia se pode conuerter, & de feito se conuerteo em outra, que razam pode ficar para duuidar que o vinho se conuerte em sangue, & o pão em carne? Por ventura dista mais infinitamente o sangue do vinho, que o vinho da agua? Antes diz S. Cyrillo Ierosolimitano, que maior milagre foi conuerter entã a agua em vinho, que agora o vinho em sangue; por quanto o vinho he mais vizinho ao sangue. Se bem para ser entre todos singular esta marauilha, não se mudaram os accidentes como em Cana, mas ficaram alli; para que como ensina o Doutor Angelico, a Fé tiue seu lugar, & os sentidos se não enganassem. Por se enfayar pois o Senhor para a conuersam das vltimas vodas, fez esta transubstanciação em estas primeiras.

21 Falando espiritualmente, pollas seis talhas de agua, que ahi estauã postas entende S. Agostinho as seis idades do mundo que foram cheyas de profecias, & promessas ate sima, isto he ate o fim dos tempos, em que Deos mandou seu Filho ao mundo. E entam conforme ao mesmo santo Agostinho, se conuerteo a agua em vinho, quando se entenderam, & cõpriram de Christo. Das quaes leua cada hūa duas ou tres medidas, porque em os dous preceitos da charidade consiste todo a lei, & profecias: ou porque na Fé da Trindade implicita

foram sempre cheyas de graça. E segundo S. Bernardo, as seis talhas em quanto estam postas para purificação, & limpeza, significam seis obseruancias com que se purificam os Religiosos, que pollos Iudeos, (isto he confitentes) se entendem. A saber, silencio, choro, vigilia, jejum, obra de mãos, & disciplina. E cada hūa destas leua duas, ou tres medidas; que são, ou a perfeição do Euangelho em os dous preceitos da charidade com Deos, & com o proximo; ou os tres votos essenciaes, que enchem até o summo de merecimento a cada hūa dellas. E bem diz neste sentido, que erã de pedra, & estauam ahi postas, isto he onde as punham, porque o Religioso ha de ser pedra no sofrimento, & repouso do animo, que se não altere, nem mude facilmente; & posto polla mão dos ministros (q̄ he da obediencia) onde quer que elles quizerẽ, & entenderem que comuem para o seruiço da casa, & da Religião.

22 E tambem pollos que andam seruiundo nestas vodas, se entendem moralmente os ministros do Euangelho Sacerdotes, Pregadores, & Confessores, que seruem a cada hum no que ha mister para seu espirital alimento, & regalo. Os quaes tiram agua do poço de Canà, que quer dizer zelo, & por mandado de Christo, & favor da Virgem enchem as talhas, que são as almas dos fieis, de espirital abundancia até sima, que he a consummação desta vida presente, a qual acabada he conuertida em vinho de eterna alegria, & gloria bemauenturada. E diz que eram de pedra, polla firmeza da Fé, sobre a qual sò assenta, & sem detrimento se conserua a doutrina, & graça. Conforme aquillo que em Ieremias està escripto: Por ventura pode faltar da pedra do campo a neuẽ, que vem da serra do Libano? Como se dixerã: Não pode faltar influencia do alto à alma, que como pedra està na Fé firme. E eram seis, porque tan-

Ioan. 6. n. 56

Cyrl. Hier. in 4. myst. Catech.

D. Tho. in epusc.

Aug. tract. 9. in 10.

Ber eis ser. d.

Hier. 18. n. 16

tos são os estados da gente, que na Igreja pode ser cheya da doutrina, & graça. A saber, virgens, casados, continentes, solitarios, clérigos, & Religiosos. E cada hũa leua duas, ou tres medidas; porque cada huma dellas se enche, & perfeiçoa com os do-
us preceitos da charidade, & Fé das tres pessoas da Santissima Trindade.

LIÇÃO IV.

Da manifestação do milagre.

23 **A** pôtada a materia de q̄ Chri-
sto auia de fazer o milagre:
Declarase em quarto lugar, qual foi a
manifestação delle dizendo em o tex-
to. *E atxe o Senhor aos ministros: Ago-
ra tirai dahi, & leuai ao Architrcli-
no.* Agora, entendese depois da agua
ja conuertida em vinho & postos em
extrema falta os conuidados. E diz
(agora,) quer dizer, logo, feito o
milagre, no mesmo ponto; po que
naõ haja cousa, que faça sospeitar ar-
teficio, que desacredite o repentino
delle. Por isso diz, Agora; porque
esta era a sua hora que elle dizia à Mae,
que não era ainda chegada, quando
ella aduertio a falta, que se hia en-
correndo. Agora si, que ja he tempo;
porque todas as cousas tem sua hora.
Principalmente quando essa hora de-
pende da liberalidade diuina. Os relo-
gios mundanos, como andam de con-
tinuo errados, nunca a mão delles a-
caba de mostrar a desejada hora. Co-
mo desconcertados daõ (quando che-
gam a dar) quando & como não de-
uem. Donde hum Filosofo para en-
sinar a fugir este vicio, & desacerto,
tirou por empresa hum relogio, com
hũa letra que dizia: Faze assi. Mas
a mão diuina, que não pode descon-
certarse, sempre dà, & dà ao certo.
E assi chega sempre sua hora ao me-
lhor tempo. Donde dizia o Prophe-
ta: Ajudador fois vos Senhor nas op-
portunidades. Isto he à melhor hora
chegais com vossa mão a ocorrer ne-
cessidades. Por isso se segue; Esperem

em vos os que conhecem vosso nome.
Nome quer dizer obrigação, ou of-
ficio, como quando se dis no Apo-
calypse: Tens nome que vivas. Isto
he, officio de viuer, & dar vida, pois
es Prelado. E S. Ieronymo explica
nome por potencia, & liberalidade
em Deos. Esperem logo Senhor, só
em vós, & zombem do mundo, os
que sabem como chega abom tempo
vossa hora. E quem isto não sabe, he
só o que espera horas do mundo.

24 No que diz: Tirai dahi: se en-
tende das talhas, que tinham cheyas
de agua até sima; & se explica a for-
ma dellas, que eram de bocas largas,
de modo que não lançauam com ellas,
como com quartas, se não que met-
tiam outros vasos menores com que
tirauam liuremente todo o que a ellas
hia. E nisto se declara bem a liberali-
dade do Redemptor no favor do mi-
lagre; pois não fez escassamente o
que auiam mister para suprir a falta do
vinho, que ja não podia ser de muita
quantidade; se não também tanta co-
pia, que conforme as contas que dei-
xamos asima feitas, & são as de some-
nos quantia, vieram a ser pollo me-
nos de zoito almudes da nossa medida
velha, ou vinte, & dois & meyo al-
mudes, dando a cada talha hũa por
outra a duas metretas & meya: ou fi-
nalmente trinta & seis almudes na o-
piniaõ de maior quantidade, que he
cada hum de doze canadas de quatro
quartilhos communs. Com semelhan-
tes liberalidades reprende Deos em
suas dad' uas as escassezas do mudo. A
vara de Araon prometteo Deos que
em final de sua eleição floreceria, ou
quando muito daria hum fruto; &
quando foi a dar, não só floreceo &
deu fruto; mas ainda deu muitos, &
de muitas diuersas castas. Sobre o qual
diz Origenes: Hum fruto promet-
teo Deos na vara, & deu muitos; pa-
ra que attentemos como a liberalida-
de diuina he mais larga que suas pro-
messas: No mundo ha muitas folhas
quando

Apoc. 3. n. 1.

er. in Pf.

Tea

Amirat. del
le Empreffe.

Pf. 9. n. 10.

Num. 17. n.

Orig. homi.
9. Num.

Gen. 23. n. 17.

Lyr ibi 2.

quando muito, & nenhum fruto: ha muitos Hebreos como Ephron, que são larguissimos em palauras, & quando vem às obras nada fazem, qual diz Lyra que foi Ephron com Abraham. Porém Christo poucas palauras dixe, & essas à primeira vista secas; mas quando veyo às obras, excedeo como costuma, até os desejos de que necessitava.

25 E dixe o Senhor: Tirai agora, & leuai ao Architriclino. Architriclino he nome Grego, & quer dizer principe da mesa porque vem deste nome Archos, que quer dizer Principal: & deste, Clinos, que significa propriamente cama, ou leito, ou casa onde se descansa: E tomase pol-la mesa, porque nella costumauão os antigos comer de recouado em huns leitos, ou camilhas, que para isso tinham como agora as cadeiras. E dahi vem que Triclinium, quer dizer casa de tres camaras, ou de tres ordens de encoistos. E assi vem aqui a ser Triclinio, casa em que estauam tres ordens de mesas, como costuma auer em os Refeitórios dos Religiosos. Das quaes a que atreuessa he a mais honrada; & depois se seguem pollos dous lados as duas ordens segundo seus graos superiores, & inferiores. E parece que o sentido vulgar tenha por Architriclino o maioral dos seruidores, que não está assentado a comer, mas anda em pe dando ordem a todos os que ministram, como mordomo, ou mestre sala. E a cargo do Architriclino, conforme a esta significação, está o prouer de vinho, não como Senhor, mas como economo, & prouar os que se haõ de dar, & repartir com cortezia. E para isto ha de andar sem jantar, para que possa perceber a bondade dos vinhos. E por isso o Senhor mandou, que leuassem do vinho milagroso ao Architriclino, para que elle o visse, & o prouasse. No qual se ve que o gosto estragado não pode perceber, nem julgar da pre-

Chrysol. in
Seuer. in Ca-
ten Greg. 1. a
ubi supra
Dialdo. in cõ-
munis apud
Barrad. cit.
tom 2. lib. 3. c.
2.

ciosidade do vinho, que he, da suauidade do espirito. Necessario he que ande despejado de gostos somenos das alegrias da terra, a quelle que ouer de perceber a suauidade celestial. Doce era à garganta da esposa o fruto do esposo; mas porque estaua mui faminta; que bem o mostra dizendo: Afenteime (como de desfallecida) debaixo da sombra daquelle, que muito desejava (para me dar de beber de seu Caliz preclaro) & seu fruto foi doce à minha garganta.

26 Mas se este era o Architriclino, como chama ao esposo para reprehendello? Como se era maioral dos ministros não sabia delles, que vinho era aquelle. Como se o tinha a seu cargo dispenfallo, lho não entregou o esposo, & a este Christo, & não ao Architriclino? Por estas difficuldades affirma o Doutor Angelico, Landulpho, & outros, que Architriclino era o principal dos conuidados & parece tirallo do Mestre das historias. Diz pois assi Landulpho: Couza he de crer que este Architriclino era algum Sacerdote Hebreo dos daquelle tempo, que estaua por principal em aquellas vodas, para benzer as mesas, & para ensinar como auiam de proceder no mysterio do banquete segundo a lei, & segundo a ordenação dos antigos. Pois quiz Nosso Senhor que o principal dos conuidados gostasse primeiro daquelle vinho, porque o parecer do que presidia fosse mais acci-to, & mais criuel, porque o milagre fosse mais conhecido, & aprouado. Desta maneira deuemos offerecer todas nossas cousas ao Prelado, para que as examine, & aproue. O de cima he do Cartusiano. Da qui se podem tirar duas cousas dignas de aduertencia. A primeira he a cortezia do Salvador em mandar primeiro leuar ao Architriclino, & cabeça da mesa, porque não he fazer exceição de pessoas, segundo S. Agostinho, quando honramos a cada huma conforme seu grao, &

Cart. c. 2. n. 3

Land. cit. c.
25.
Mag. apud
Bon hic. alij
apud cit.
Barrad.

Aug apud
cit. lond.

dignidade; antes he discriminação dar a cada hum o seu, como o manda, & encomenda S. Paulo. E no templo de Ezechiel auia porta particular para o Rei, por onde elle to, & não outro entrasse. A segunda he a humildade do mesmo Senhor, que pois mandaua que leuassem ao Architriclino, bem mostra quam longe estaua d'elle; em o infimo lugar, como depois auia de ensinar que fizessem os que fossem conuidados às vodas.

eccl. 46. n.
Luc. 4. n. 8

Tex.

27 Segue-se em o texto. *E como gostasse o Architriclino da agua feita vinho, & não soubeff. donde fosse*, Ficou pasmado da preciosidade do vinho, & tanto mais pasmaua, & o julgaua por milagroso, quanto menos sabia donde poderia vir. Porque, ou fosse mestre sala do banquete, ou presidente, & cabeceira da mesa das vodas; por força auia de ter noticia de todos os bons vinhos daquelles contornos; & assi se pasmaua não sabendo donde podia vir amostra tão singular. Mas como não seria preciosissimo o vinho feito por milagre? A cerca do qual diz S. Ioaõ Chrysofomo, que cousa geral he em todos os milagres terminare-se no mais perfeito que a natureza pode. Tal foi na vista restituída ao cego; & na dereitura do coxo, neste vinho, & noutras semelhantes coufas que por milagre se fizeram. Tal testemunha S. Boaventura que foi também o vinho, que N. glorioso Padre São Francisco fez no hermo de S. Urbano, conuertendo de agua em hũa necessidade porque se não achaua entre os frades pobres. Mas os ministros sabiam donde era o vinho, & como fora feito, porque o tinham tirado das talhas cheyas até cima de agua. Poré não lho dixeram por então, por ventura que por aduertencia da Senhora, ou de seu Filho, para que elle approuasse ser verdadeiro, & bonissimo vinho, & ficasse o milagre mais sem sospeita quando se diulgasse. E assi ficou o Architriclino por testemunha

Chrysof.
hom. 21. in
1. cor.

Bon. in vit.
S. Francis.

do milagre com os ministros. Falando allegoricamente, por esta ignorancia do Architriclino se mostra a da Synagoga a respeito dos mysterios diuinos, conforme ao Doutor Serafico. E pollos ministros são entendidos os Prophetas da lei, que tiraram este vinho, & lho entregaram: mas ella ficou ignorante d'elle em quanto sobre seus olhos está o veo do rosto de Moyses. E segundo moralidade pollo Architriclino se entende a vontade, que he principal das potencias, que vendose entrada do gosto da espirital alegria não sabe donde lhe vem, porque só sabe sentir, & não sabe julgar. Mas o entendimento, & as outras potencias inferiores bem sabem, porque à custa de sua mortificação, & direcção a grangearam. Ou também pollo agua conuertida em vinho se entendem as lagrimas desta vida conuertidas em gosto do premio, das quaes diz o Senhor: Bemanenturados os que chorã, porque elles serão consolados. Estas são de tres castas segundo S. Bernardo. Humas de deuação figuradas nas de Christo no presepio; outras de penitencia, nas aguas do Jordã; outras de compaixão procedida da charidade nas destas vodas. Mas só estas como mais meritorias se dizem conueterem-se em vinho.

Bon. hic.

Matth. 5. v.
6.

Bern. ser. 3.
de Epiph.

28 Segue-se o texto. *Chama ao esposo o Architriclino, & diz-lhe: Todo o homem em poem primeiro o bom vinho. E quando estiuarem ja satisfeitos então da o que he somenos. Mas vos guardastes o bom vinho até agora.* Isto dizia o Architriclino de admirado, reprehendendo de pouco atilado ao Noiuo, pois guardara para o fim o melhor vinho, a uédoode dar no principio. E não ha duuida que esta seja a bõa disposição dos discretos que dão banquete; porque no tal tempo está o sentido mais esperto, & vivo, & pode perceber, & julgar a bondade do vinho: O que não tem depois quando o estamago ja cheyo depraua o gosto, & estraga o sentido

Tex.

sentido de forte que o melhor as vezes parece de menos preço, & recebe mais facilmente o fomenos, & aguado. Este he o estilo dos bāquetes da terra & gosto mūdano, e q̄ saõ mui discretos todos os filhos deste mundo. Poẽ o melhor diante, mas no fim sempre o gosto se acaba em pranto. A razãõ he porque (como Moyses dizia) o posto donde bebem, he da enganosa Sodoma, & dos bairros da falta Gomorra; Donde as uvas saõ de fel, & os cachos amargosissimos. fe de Dragaõ o vinho, & peçonha de aspides incurauei. E bem chama Moyses ao vinho do mundo peçonha de aspides, por que como das viboras, de que os aspides saõ especie, diz S. Boaventura; de fóra saõ mui pintadas, & fermosas, & de dentro cheyas de peçonha. E ainda porque sem se sentir no principio vem em fim a mattar. Concluye pois Moyses por Deos. Por ventura ha tal vinho como este em minha casa? Naõ por certo; porque nella sempre o melhor vinho se guarda para o fim, pollo qual perpetuamente fica a boca doce; com que se louue para sempre o creador. E ainda o Doutor Serafico quer que isto de dar no fim o vinho fomenos, & aguado, seja miseria do mundo, que naõ pode a-turar o banquete com a mesma precisosidade de vinhos com que começa. Mas o vinho celestial sempre polla liberalidade, & magnificencia do grande pae de familias, se vai pondo cada vez melhor. Ao qual a Egreja em continuas aclamaçoens louua sempre dizendo: Cada vez Senhor, ides guardando melhor vinho.

LICAM V.

Do effeito, que do milagre se seguiu.

29 **M**anifestado o milagre, concluese em vltimo lugar com o effeito, que d'elle se seguiu, dizendo em o texto. *Este foi o principio dos milagres, que Iesus fez em Canã de Galilea, & manifestou sua gloria, & creeram em elle seus discipulos.* Esta

conclusãõ do Euangelista parece falta, em quanto naõ declara o como se aueriguou para manifestaçãõ do milagre, que aquelle vinho fora feito daquela agua. E assi parece que se deue supprir, & entender, que o Architriclino perguntou ao esposo, (aque para reprehello tinha chamado) que vinho era aquelle, ou donde viera taõ milagrosa amostra. E os ministros entãõ contariam por ordem todo o caso. como o vinho hia faltando. & sua Senhora Maria os chamara, & os aduertira que fizessem o que seu Filho lhes mandasse. Elle lhes ordenou que enchessem todas as seis talhas de agoa ate sima, & estando assi cheyas lhes mandara tirar dellas, & levar a elle Architriclino. Elles saõ testemunhas que tiraram no mesmo ponto aquelle vinho de bonissima, & perfectissima cor. que elle dito Architriclino gabaua com tantos extremos. Donde S. Ioaõ Chrysostomo diz, que as testemunhas d'este milagre foram os ministros, que seruiam a mesa, o Architriclino & o Noiuo. Entre os quaes se passou o mysterio, & naõ entre os outros, nem eram necessarios para credito do milagre, pois o ouiriam de pois de boca de tantas, & taõ boas testemunhas.

30 Nem o Senhor, como a mais humilde de todas as creaturas, consentiria que elle passasse d'elli: antes mandaria estreitamente com sua authoridade que o milagre se naõ publicasse, que importaua assi, q̄ seu tempo teria. E aeste milagre assi concludo, começado com piedade, proseguido com poder, acabado com humildade, chama o Euangelista o principio dos milagres de nosso Redemptor Iesus Christo. Dõde se proua ser falso qualquer liuro que dos milagres de Christo em sua mocidade possa apparecer, como ja outras vezes fica assentado. Porque ainda que o Euangelista diga que aquelle foi o principio dos milagres que o Senhor fez em

X iij

Canã

Pf. 14. n. 13.

Deute. 32. n. 32.

Bon. in illud. hic 3. genim. vip. vorum.

hic.

Chrysost. hom. 21. post. med.

Canà de Galilea; não quis por isso dizer que fora o primeiro dos que fizera em aquelle lugar de Cana; por que nem alli se lem outros feitos, de que este fosse o primeiro, nem importava cançar tanto em contar ao largo hum milagre só por ser o primeiro, que fizera em Canà de Galilea. Mas quis apontando o lugar onde acontecera, explicar como aquelle fora o primeiro milagre, que o Senhor Iesus em sua vida fizera. Porque como tinha de contar tantos, necessario lhe era em razão de bom Chronista contar o primeiro donde se deu principio a todos os mais. Mas como se chama este o primeiro milagre, pois sabemos que antes deste ouue outros, como foi a claridade da noite de Natal, & a Estrella da Epiphania, & outros desta sorte? Por isso responde S. Ioaõ Chrysoftomo, que este foi o primeiro, não de todos os de sua vida, mas dos que fez depois do baptismo.

31 Sem embargo da qual reposta se deue dizer, que absolutamente este foi o primeiro milagre que o Senhor fez em sua vida em sua humanidade, polla qual obraua, applicandoa como instrumento das operaçoens dessa pessoa diuina. E ainda que he verdade q̄ effoutras obras fossem miraculosas; toda via não foram particularmente attribuidas à pessoa de Christo; antes ao Padre eterno, como tambem o apparecimento da Pomba, & voz do Iordaõ. E destes seus proprios he de saber, que os que referem nos Euangelhos em particular (fóra doutros da multidão) são quarenta ou quarenta & hum; conuem a saber doze no primeiro anno de sua pregaçãõ, O primeiro foi o presente da conuersão da agoa em vinho. O segundo a saude do filho do Regulo em Capharnaum. O terceiro a abundancia extraordinaria de peixes na barca de S. Pedro. O quarto a cura do endemoninhado em Capharnaum. O quinto a saude da sogra de S. Pedro. O sexto a de muitos

doentes, & demoninhados em que ahi mesmo poz suas mãos. O settimo a tranquillidade da tormenta de S. Pedro no mar. O oitauo o liuramento dos dous endemoninhados, cujos demonios permittio irem aos porcos em Genesareth. O nono a cura do entreuado, que pollo tecto da casa lhe lançaram em Capharnaum. O decimo a saude da que padecia fluxo de sangue auia doze annos. O vndecimo a resurreiçãõ da filha do Principe da Synagoga. O duodecimo a cura do endemoninhado, & mudo.

32 O segundo anno de sua pregaçãõ dez; conuem a saber, o primeiro foi do entreuado da Piscina em Ierusalem. O segundo a cura do que tinha a mão seca. O terceiro o alimpamento do Leproso vindo do monte. O quarto a cura do criado do Centurio em Capharnaum. O quinto a resurreiçãõ do filho da veuua de Naim. O sexto a cura do endemoninhado cego, surdo, & mudo. O settimo a retirada, que fez das mãos de seus naturaes os Nazarenos, que o queriam despenhar. O oitauo a fartura dos cinco mil homens de cinco paens, & dous peixes no deserto. O nono o apparecimento aos seus andando sobre as agoas. O decimo o fazer vir a si S. Pedro sobre as mesmas agoas. O terceiro anno doze ate a resurreiçãõ de Lazaro: A saber o primeiro a cura da filha da Cananea. O segundo a saude do surdo, & mudo em Galilea. O terceiro a fartura dos quatro mil homens de sette paens, & poucos peixes. O quarto a vista do cego em Bethsaida. O quinto a transfiguraçãõ no monte. O sexto a cura do moço endemoninhado. O settimo a pescaria do peixe de S. Pedro para pagar por ambos o tributo. O oitauo o alimpamento dos dez leprosos em terra de Samaria. O nono o esconder se dos olhos dos Iudeos no Templo. O decimo a vista do cego de nacença. O vndecimo a dereitura da mulher derreada pollo demonio. O duodecimo

*Vt contra.
Mag. hist. &
Amon in Ca
te Grec. tenet
communis,
de qua Mald
hic.*

*Chrysoft.
hom. 22.*

Luc. 7. hic. 2.

IOAN. 6.

dicimo o escape, que fez das mãos dos Iudeos no Templo na festa dos Tabernaculos,

33 Finalmente desde a resurreição de Larazo até subir aos Ceos se podem contar sette milagres. O primeiro a Resurreição de Lazaro. O segundo a vista do cego do caminho de Iericó. O terceiro outra semelhante vista a outros dous cegos ao sair de Iericó. O quarto a restitução dos cegos, & coxos no Templo. O quinto a maldição com que secou a figueira no caminho de Ierusalem. O sexto o milagre dos milagres a conuersão de pañ & vinho em seu corpo, & sangue. O settimo a cura da orelha do criado do Pontifice no Horto. Porem nesta conta não entram milagres sem numero, que os Euangelistas enuoluem: porq̃ só os de determinada pessoa, ou pessoas são os apontados. Mas as muitas vezes, que respondia, & obraua penetrando pensamentos, & cousas, que só interiormente passauam, não se contam por milagres; porque de mais de serem em o Senhor cousas cotumadas, eram tambem quasi deuidas áquelle homem Deos. Como nem tambem se conta a remissão dos peccados; que deu a algũas pessoas, porque isso era acto de authoridade diuina, & que elle como Deos fazia sem vsar ahí da humanidade como instrumento. Como nem tambem se conta por milagre a instituição do diuino Sacramento em quanto tal; senão só em quanto a actual conuersão, que fez de hũas substancias em outras, como nestas vodas de Canã auia por seu modo acontecido. Donde vem que muitos dos Padres, & Doutores da Igreja tomam este milagre da conuersão da agoa em vinho por meyo efficaç para prouar a possibilidade do outro mysterio sobre todos soberano, como ja asima na lição terceira fica tocado.

34 E porque o milagre nunca se ha de julgar feito occiosamente, se não para algũ grande fim; esse he o q̃ agora

declara o Euágelista dizendo, que manifestou sua gloria, & crearam nelle seus discipulos. E certamente este como tambem principiado bastara; pollo q̃ aduertidamente houue quem dixesse, que o chamar o Euangelista a este milagre o primeiro, não foi querer contar somente aquella obra por primeira; mas foi querer notar qual fora o principio, que o Senhor Iesus deu a suas obras, porque da grandeza desta se podesse collegir quaes seriam as outras. Pois sobre taõ glorioso principio bem assentaua a crença de ser aquelle Senhor milagroso, & glorioso. Esta gloria neste, & noutros milagres se diz que manifestou o Senhor a gloria de sua encuberta diuidade a qual manifestou em operaçoens sobre naturaes, & que só podem ser de pessoa diuina. Porque ainda que como diz S. Agostinho, não he maior milagre multiplicar de poucos pañ copia com que fartar muitos milhares de pessoas, que de poucos graõs fazer crescer tantas sementeiras: Nem he maior milagre fazer conuerter de repente a agoa em vinho; que conuerter por sua continuacão a agoa em vinho, como parece nas vides, que produzem o vinho das embebidas agoas; mas estas cousas ordinarias com a continuacão se fizeram de menos caso. Por isso nosso Senhor em outras obras não maiores, mas mais raras, & desacostumadas quer fazer aduertir aos homens sua potencia, mostiandose Senhor de todas suas creaturas, pois as muda, & conuerte como lhe parece. E o que polla regra geral de proceder da natureza faz em muitos dias, ou meses, fez aqui de repente, para manifestacão de que elle era aquelle Deos, que faz essas maravilhas mal aduertidas dos homens, se não nestes particulares, & raros casos.

35 E porque se veja que as obras são as que obrigam aos homens, mais que todas as maravilhas, diz em o texto, que crearam em elle seus discipulos. O qual se pode entender de dous

*Lu d. Natõ
ut i. p. Encõ
14. Disc. 11.*

*Aug. tract.
24. in Ioan.
id. tract. 9.*

dous modos: o primeiro que creram em elle entã os que depois vieram a ser seus discipulos; & este entendimento he de S. Agostinho. O outro modo he que acabaram de crer em elle os discipulos, que ja entã tinha, & se firmaram na Fé de que elle era o verdadeiro Messias: ou se ja criam ser elle o Messias, acabariam de crer que era mais que homem, & iriam crendo que era Deos. Este sentido parece mais commum conforme com a letra. Porque ainda que bem seja verdade q̄ os poucos discipulos, que ate entã o seguiam, criam nelle; toda via não era com aquella firmeza, que tal Fé requeria. E assi he, que em quanto a obra não he perfeita não se julga por feita. Quarenta annos auia que Deos tinha tirado o pouo de Egypto, & confundida a barbara potencia, tirando do cattiveiro aos Israelitas, & deixandoos liures, & honrados; com tudo quando foi ao tempo, que passados o Jordão firmaram a posse da terra de promissão com o proprio sangue da Circumcisaõ, que alli fizeram, entã dixe o Senhor a Iosue: Hoje tirei o opprobrio de Egypto dos filhos de Israel. Não porque lho não tiueffetirado auia todos os quarenta annos; se não porque entã se julgou aquella grande obra feita, quando chegou a ser perfeita; & antes se julgaua por tal, porque estava ainda imperfeita. Por onde diz o Euangelista, que entã se julgãra que creram em elle seus discipulos, & não antes; porque antes era a fé mui imperfeita, & pouco firme. Porem por este famoso milagre se ficou arraigando em seus coraçoes; porque os milagres são o humor, que sustenta, & fixa as novas plantas da Fé catholica. Mas quem fossem estes discipulos que creram, & com elle foram conuidados, não consta: antes S. Epiphanio sente que não foi Ioaõ, nem Pedro, nem algum dos irmaõs destes, que depois foram chamados; mas que seria Nathanael; & Philippe, & alguns outros,

que depois não chegaram a ser do numero dos doze. Porem S. Ambrosio, & outros tem para si que alguns eram dos que depois foram Apostolos. E parece que como testemunhas, que auiam de ser, não lhes negaria o Senhor a vista do primeiro milagre seu.

Amb ser 20
Barra d. hic.

Peroração exhortatoria.

36 **P**ois cõsidera agora tu, qualquer q̄ para as vodas espirituales da alma queres ser cõ teu Mestre Iesus Christo, & cõ sua Mae, & discipulos conuidado; como te he necessario faltarte nellas o vinho da temporal consolação, a gloria, & alegria mundana, para que haja lugar de socorrer teu coraçã com a diuina. Olha a grande, & piadosa tanto como poderosa intercessora que tens na Virgẽ Maria; & quanto te importe com ella a singular deuocãõ para socorrerte em tuas necessidades. Aduerte quanto importa andarem teus sentidos interiores, & exteriores obedientes, como fãeis ministros, & seruidores sollicitos das vodas da alma para que façam presta, & pontualmente quanto o Senhor por suas diuinas inspirações, & auisos te ordenar. Considera bem quanto importa saber encher de agoa de penitencia, & compunção todos os vasos de tua alma, & enchella ate cima, de sorte que te não fique lugar de encher outro pensamento alheyo, que não se possa conuerter em vinho de contentamento eterno. Não tenhas o alma lugar de em cousa algũa costumar o mundo a presentarte alegrias vaãs, como bom vinho do principio; antes aprende religiosamente prouida, a guardar para o fim das vodas o melhor vinho de espirital cõsolação, cõ que teu appetite se admire de contente. E dê ao creador, & Redẽptor infinitas graças, que por ti, & para ti se quis seruir de começar tâtas obras maravilhosas, como cada dia obra, para manifestar sua gloria, & nos outros o creremos firmes, esperar mos alegres, & amarmos sã fim para sãpre Amen.

DA

August. de
Concord
Euang. lib. 3
c. 17.
P. P. apud
Barra d. hic.

Ios. 5. m. 9.

Epiph. her. 51

REFEICAM SPIRITVAL

CAPITULO VNDECIMO,

De como Christo nosso Saluador alimpou o Leproso; & curou
o criado do Centurio.

INHA nosso Saluador con-
cluido com aquelle altissimo
sermão do monte, & decendo
delle auia curado varios enfermos de
diferentes males; quando fez o pre-
sente milagre da cura do leproso. O
qual obrou o Senhor em Galilea de po-
is da segunda Paschoa de sua prega-
ção, quando ja S. Ioão Baptista esta-
ua preso. O monte de que o Senhor
decia, era aquelle aonde sentado auia
pregado os preceitos principais de seu
Euangelho a seus discipulos. Enão era
este o monte Oliuete, como alguns
(que S. Ieronymo refere) dizem;
naõ aduertindo que este monte onde
o Senhor prégo era em Galilea supe-
rior, & junto de Capharnaum, & o
das oliueiras, ou do oliual, he pega-
do a Ierusalem. E o Senhor andaua au-
sente de Iudea o segundo anno de sua
pregação, polla prisão do Precursor:

Ier. apud.
Mald. hic.
Matth. 5.
Postill. Guill.

LIG. AM. I.

Da petição de Leproso.

DIzem que succedeo o mila-
gre em hũa quinta feira a
quatorze de Iulho; & o refere o Euan-
gelista São Mattheos em o capitulo oi-
tauo, relatando em primeiro lugar a
petição do Leproso: pollo qual diz em
o texto. *Decendo o Senhor do monte se-
guiu grãde multidão de gentes. E eis que
hum Leproso o adoraua dizendo: Senhor
se quereis, bem me podeis alimpar.* E a
cauza porque tanta multidão o seguia
descreue S. Lucas dizendo, que vi-
nham de toda Iudea, & Ierusalem, &
lugares maritimos assi de Tyro como
de Sydonia para ouuillo, & serem cu-
rados de suas infirmitades. E todos

Luc. 8. n. 17.

procurauamto callo, porque sahia delle
virtude, que curaua a todos. Nem he
de espantar que ao decer do monte fos-
se o Senhor tão seguido, & esperado;
porque tanto grangea com o pouoa
benignidade, & esperança de interes-
se, juntamente a confiança de cuida-
rem que tem Prelado, & Principe que
deixará tratar-se, & rogar-se para re-
mediar necessidades. E esta differen-
ça de seguimento se vio até em Deos,
decido da alteza do Ceo, & vindo
ao razo da terra. Pollo qual diz Hay-
mon: Pollo monte em que o Senhor
estã sentado se entende o Ceo, do
qual estã escrito: O Ceo he meu as-
sento. Mas quando o Senhor estã
sentado no monte, sós os discipulos
se lhe chegam; porque antes que to-
masse a humanidade de nossa fraque-
za, sò em Iudea era Deos conheci-
do; porem depois que deceo do mon-
te de sua diuindade, & tomou a fra-
queza de nossa humanidade, grande
multidão de nações o seguio. Desta
graça estã escrito em o Psalmo: Man-
dais as fontes aos valles, beberão to-
dos os animaes do campo, & espera-
rão os saluagēs em sua sede; do fruto
de vossas obras se fartará a terra.

Haym. in
Cat. & Bed.
in Luc.
Isa. 66. n. 1.

Pf 103. n. 10.

2 Etoda esta gente esperaua ao pé
do monte que o Senhor decesse, por-
que carregada de varios achaques não
podia subir com os discipulos as la-
deiras da perfeição. Por amor do qual
diz Origenes: Ensinando o Senhor
no monte, estauã com elle os discipu-
los, aos quaes era dado conhecer os
segredos da celest al doutrina. Mas
agora decendo elle do monte o segue
a multidão, que de nenhũ modo po-
dia

Greg. hom.
ex varijs.

Y dia

dia subir ao monte. Porque aquelles aquêa carga dos peccados abate, não podem subir aos altos do mysterio. Porem decendo o Senhor, isto he, inclinandose à fraqueza, & impotencia dos mais, se compadeceo de sua imperfeição, & infirmitade. Até qui he de Origenes. Onde se ve que a carga dos peccados, & vicios do mundo não deixam surgir o espirito a alteza da intelligencia dos mysterios diuinos. Por este respeito parece que o Salvador Iesus Christo, quando emfima do monte se vio sò com seus discipulos, rompeo em beatificar, & aditar os pobres de espirito, dizendo:

Math. 5. n. 3. Bemaventurados os pobres de espirito. porque delles he o Reino dos Ceos. Como se dixesse: Sabeis quem acha de par e par as portas do Ceo, & pode ver claramete os mysterios do Reino? Não aquelles que ficam com suas cargas na campina, mas os que sem cofa, que possa pejallos, sobem desembarcados a qualquer alteza por mais costa arriba que seja. E que muito, se nós vemos que o capitão de toda esta ligeira companhia, que penetrou os Ceos Iesus Christo (como diz o

Heb. 4. n. 14. Apóstolo) até do sangue proprio se descategou fazêdo o esgoutar na Cruz; & até o parentesco mais estreito, & affecto mais licito se desobrigou, e comêdado a Mae ao discipulo, & o discipulo a Mae para poder penetrar os Ceos?

Joan. 19. n. 27. E bem se deixa ver nestas duas sortes de gente, discipulos, & multidão, o estado da Religião, que pollo caminho da perfeição segue a Christo pollo mais aspero, & alto do monte; & o dos seculares; que por Fé esperam polla misericordia do Senhor, que venha a saluallos. E ainda mais viuamente tem em Christo exemplo os Pregadores, & Prelados de como tem obrigação de accommodar se com todos os ouuintes, & subditos, condecendendo a sua fraqueza, adocendo com todos como S. Paulo de si dizia: & conhecêdo se como elle deuedor aos sabi-

os, & aos ignorâtes Pollo qual diz Hay *Rom. 1. v. 14.* mon: Sobem ao monte os Doutores, *Haym. incanena.* quando aos perfei os mostram os preceitos mais excellentes; & decem *Chryso. hom. 22.* quando aos mais fracos ensinam os mais leues. E S. Ioão Chrysofomo diz: Porque o Senhor ensinava como que tinha poder, para que não se estimasse por ostentação este modo de doutrina, faz o mesmo com as obras, como quem verdadeiramente tinha poder de curar. E tal vez he necessario deixar a alteza da cõtemplação, & a doçura da oração, & decera acudir às necessidades do proximo, & às obras de charidade. Não està a alma *Cant. 5. n. 2.* santa mais segura de perder o repouso do espirito, & de se lhe ausentar o esposo diuino, quando se gaba, que dorme, & descansa nas obras corporaes actiuas, & seu coração vigia per oração, & cõtemplação. Antes então se seguem logo os sobressaltos do esposo q̄ em seus pobres, & necessitados bate à porta. E porque a alma douida de se levantar, & ir a abrir por obras de charidade, & inquietar se por diligencia de piedade; se ausenta o Esposo, & se deminua a virtude. E queixado se diz. Busqueio, & não o achei, chameio, & não me respõdeo: lhe he forçado ser despojada do manto, & ferida dos que a encontram sem seu Deos. Em confirmação da qual doutrina se conta *Chron. Mip. 2. p. c. 45.* na chronica dos Menores, que como hũ Religioso chamado frei Accursio tiuesse a seu cargo os enfermos no Conuênio de Florença, & estiuessse em pratica celestial com a Virgem Mae de Deos que lhe hauia apparecido, gozando da doçura de conuersação tão suave; ouuio hum gemido de hum enfermo, que se queixava. Mas elle deixando a suavidade da conuersação da Senhora, & deixando a com a palavra na boca se foi a acudir ao enfermo. E fazendo lhe o que era necessario, tornado à oração, lhe tornou apparecer a Virgem sacratissima Mae de misericordia, & lhe agradeceo o termo que

tiuera,

tiuera, & o auella deixada a ella por acodir a obra de charidade.

4 Ao decer pois Christo do monte, & curados outros enfermos, se lhe poz diante de geolhos hū leprozo, do qual por exaggeração do milagre diz S. Lucas, que estaua mui cheyo de lepra. Não ao pedo monte logo onde ja tinha curados outros enfermos, se não vindose ja recolhendo, & entrando nos arabaldes da cidade, como expressamente se tem em S. Lucas; porque os leprosos ainda que não podiam entrar na cidade, podiam estar junto della, onde ja se chama cidade. Esta he aquella celebre cidade de Capharnaum, que quer dizer terra de consolação, polla grande frescura, & fertilidade della: chamada no Euangelho patria de Christo polla continua habitação, & grandes milagres, que ahi fez, como mais largo se dira na segunda parte no capitulo vinte. E muito de ponderar he neste passo a grandeza da benignidade diuina, aduertida por seu Euangelista, na palaura com que a conta. Porque diz em o texto: Eis que veyo hū leproso. Com a mesma particula mysteriosa, diz noutro lugar: Eis que vieram do Oriente os Magos. Como q̄ tanto estima o Senhor a occasião de fazer bem a pobres, como a de ser adorado de ricos; tanto a do beneficio dos miseraueis, como a da honra que a sua propria pessoa se deue. E diz que o adorou, isto he pondose de geolhos diante d'elle por reuerencia juntamente, & deução. Postura verdadeira, & accommodada de quem quer pedir; porque a valia de quem pede he a principal a humildade. Conforme ao que no Ecclesiastico se diz, que a oração do justo penetra os Ceos. Onde em outra letra, ou parafrasi se le: A oração do que se humilha, & em quanto la não chega não tem consolação, & não se torna até que o altissimo lhe ponha os olhos. Assiorou Abraham, Moyses, Dauid, Iudith; & outras grã-

des pessoas da Escriptura. E isto quer S. Gregorio que signifique o mandar Deos em a lei que fosse de humilde hylopo o instrumento que fizesse grato o sacrificio mais famoso daquelles tempos. E porque nossos primeiros paes não souberam vsar desta valia da humildade no paraíso, foi por ventura menos bem olhada sua causa, conforme ao que delles S. Agostinho sente.

5 Segue se em o texto. E dizia: Senhor, se vós quereis, bem podeis alimparme. Senhor, dixepor confissão da boca o que tinha adorado por fé de coração. Porque com o coração se cre para a justiça, mas com a boca se faz a confissão para a saude. Donde S. Ioaõ Chrysostomo diz: Não o rogaua como a homē, mas adoraua como a Deos. E a oração perfeita he Fé, & confissão. A obra da Fé comprio o leproso adorando, mas a da confissão dizendo. Senhor se vós quizerdes, bem me podeis alimpar. E assi em premitir a oração à manifestação de sua necessidade, andou cortez, & prudente, que são os dous descobridores do remedio nos trabalhos: Cortez em quanto diz, Senhor; & não falou sem cortesia, nem venia. E prudente em quanto para ser bem curado, primeiro offereceo a paga, que recebesse a saude. Conforme diz S. Ioaõ Chrysostomo, que ao espirital Medico, offereceo o leproso espirital paga: porque assi como os Medicos se leuam do dinheiro, assi este Senhor da oração. E esta deue ser a razão porque se quer taõ rogado Deos; não porque enuejoso do remedio dilate despachos; mas porque cobiçoso da paga espera interesses. Oh que medico taõ facil de pagar: oh que paga taõ facil de contribuir. Isto he o mais de que S. Gregorio Nazienzeno com razão se espanta; de que mande Deos buscar a sua botica sem dinheiro, & sem outro genero de interesse, vinho para os fracos, & leite para os enfermos.

Greg in Pf.
10.

Aug 14 de
ciuit.

Rom. 10. n.
20.

Chrysost.
hom. 21.

Chrysost.
vb. sup.

Naz. in S.
Eapti.
Isai. n. 55.

Luc. 5. n. 12

Veja se para
isso Barrad.
tom. 2. lib. 5.
c. 1.
R. feif. 2 p. c.
20 n. 1
Diaz ser. 1. n.
14. de hac
Dom.
Matth. 2. n. 1

Ecli. 31. n. 21

Num. 19. n.
6.

Como diz em Ifaias.

6 E ainda ſe deixa ver a grande diſcriçãõ deſte leproſo em remetter a vontade de Deos ſeu remedio, & cura ſegundo S. Ioaõ Chryſoſtomo. Porque confeſſando o poder, em quanto diz: podeis; não duuida da vontade, dizendo: Se quizerdes. Mas comette a Deos todo o negocio, como a aquelle, que ſabe melhor o que nos conuém quando pedimos Quer Deos em noſſas petiçõẽs que lhe deixemos a elle a vontade liure, nem que como os Sacerdotes polla ſabia Iudith reprimidos, demos a Deos o modo de conceder, & o aranzel de obrar. Porque o pedir conſtrangendo he pedir diuida ao Senhor, & não fauor a pae. E na oraçãõ que o Senhor por palaura, & por obra nos enſinou, ſempre nos aduertio que foſſe pedindo como a pae. Olhai que quando orardes diga is aſſi: Padre noſſo, que eſtais em os Ceos. E eſta foi a cauſa porque enſinando o Senhor ahi a orar, diz que primeiro digamos: ſeja feita a voſſa vontade; como preſuppoſto da petiçãõ, & depois apontemos embora a materia da neceſſidade, pedindo o paõ quotidiano. E na que por obra em ſeu exemplo nos enſinou no Horto pollo titulo de pae começou a oraçãõ, & a proſeguiu reſignando ſe primeiro em ſua diuina vontade; proteſtando a que tudo lhe era poſſiuel: & acabou pedindo o que por entãõ mais o agonizaua, que era que paſſaſſe delle aquelle caliz amargõſſimo.

7 E ſe as palauras do leproſo trazẽ conſigo algũa eſpecie de duuida, ella he por certo mui a propoſito. Porque conforme o meſmo Chryſoſtomo, não duuidaua da vontade, mas da materia; porque como era beneficio corporal o que pedia, não ſabia ſe lhe conuinha, ou não. Porque ſe bem he verdade que Deos quer tudo o que he bom; não ſabia o leproſo ſe era bom o que pedia, para Deos tambem o querer. Duas ſortes de cauſas podemos

pedir a Deos noſſo Senhor: hũas ſãõ meramente eſpirituaes, como he pedir-llo a elle meſmo, ſua graça, & bema-uenturança. Outras temporaes como ſaude, liuramento de perigos & acrescentamentos publicos, ou particulares. Dos eſpirituaes não he neceſſario dizer: Se quizerdes Senhor, ou ſe for voſſa ſanta vontade; porque eſtã ſempre eſta mui apparelhada a dar ſe a ſi, & a ſua graça, que não falte de noſſa parte diſpoſiçãõ conueniente. Donde coſtumaua dizer o ſanto frei Egidio antigo companheiro do Patriarcha ſeraphico, que de toda a graça recebida, & não recebida, tinha o homem de dar contra a Deos. Da recebida porque a não aproueitou: & da não recebida porque a engeitou. Mas os bens temporaes como algũas vezes não cõuenhã, he neceſſario premitir: Se Deos for feruido, ou for ſua ſanta vontade. He doutrina, que parece auer enſinado o Apõſtolo S. Paulo a ſeu diſcipulo Timotheo quando diz: Fiel permanece ſempre Deos, não ſe pode negar a ſi meſmo. Logo bem ſe ſegue que pode negar outras coſas, & ſerãõ as que ſãõ fora delle. Bem logo podia duuidar o leproſo da vontade do Senhor a cerca de ſua cura.

LIÇAM II.

Do modo da cura do leproſo.

8 **R**elata da petiçãõ do leproſo ſe poẽ eſegũdo lugar o modo da cura deſſe meſmo enfermo, dizẽdo em o texto. *E eſtẽdẽdo o Senhor a mão tocou, dizendo ſi queres ſer limpo.* Tex. Como a quelle que nenhũa outra cauſa deſejaua tanto, como eſtender as mãõs, & alargalas liberalmente para a ſaude dos homens. Nem foi outra cauſa eſtender a mão para o leproſo, ſe não moſtrar, que os beneficios ſe auiam de fazer com liberalidade, & diligencia: & não com mão encolhida, & de vagar. Donde parece que vai grande differença, ſegundo Euthimio, entre eſte modo de curar o leproſo,

Chryſoſt. ub. ſup.

Judith. 8. n. et.

Matth. 6.

Serr. ibid.

Matth. 26. n. 39.

Chryſoſt. ub. ſup.

Chryſoſt. 1. p. lib. 2.

1. Tim. 3. m.

3. Dias ſer. 2. n. 33.

Euthimio.

profo, que vsou Christo; & o que vsou Eliseo. Porque Eliseo nem estendeo a mão, nem tocou o leproso Naaman (como o aduertio S. Ioaõ Chrysofomo) mas remetteo ao Iordam; & Christo nosso bem hũa, & outra coula fez; nem o remetteo a outrem se não depois de curado. Ia se não queixará o homem de Deos, como Naaman de Eliseo, que nem viera a elle, nem tocara. Porque de hũa maneira costuma sarar, & remediar Deos; & doutra os homens; que como de si muitas vezes não podem, & as mais vezes não querem: nem val gabar delhes o poder, nem monta o fazer lhes confiança da vontade, para que alarguem a mão, & toquem no negocio que lhe propondes, & vos não remetram por dilação, a quem lhe vai pouco em vosso remedio. Por isso o clementissimo Rey estende a mão sem detença, & toca misericordiosamente ao leproso. Sobre o qual diz S. Antonio: Oh mão feita ao torno cheya de jacinthos, a cujo tocamento o vinculo da lingua do mudo se desfata, a filha do Archisynagogo se refucita; o leproso se alimpa; daqual Isaias: Todas estas cousas fez a minha mão. O ditto he do S. Portuguez. Pollo que aduertidamete apontou S. Marcos, que o Senhor tiuera compaixão do leproso, & por isso estendera a mão, & o tocara.

9 E ainda o aduertirem com tanta curiosidade os Euangelistas que para o Senhor tocar o leproso estendera a mão, sendo que não podia tocalle sem estendella: foi querer significar conforme a Iansenio, que polla extençaõ das mãos em acruz auia de saluar o genero humano. E quanto o tocar Christo ao leproso contra o que a lei nisso dispunha, segundo Theophilatto com S. Ioaõ Chrysofomo, não ha duuida que o fez como mostrádo que elle era sobre a lei, como noutras muitas obras foi mostrando, não se fogeitando a ella. Posto que outros sentem com

mais subtiliza, que ainda que a lei mãdaua que os leprosos não entrassem nos pouoados, não prohibia que tocassem nelles, ainda que pollo tal tocamento se contrahia irregularidade, mas nem esta ficaua contrahindo o Senhor tocando para miraculosamente o sarar. Donde S. Ioaõ Chrysofomo diz: Como pudeffe sarallo com a vontade, & com palaura, acrescentou a mão, & tocamento, para mostrar que não estaua fogeito à lei, & que a quem he limpo nada pode auer immundo. E daqui temos doutrina que aos Confessores, & mais pastores, q̄ tem por officio curar a lepra dos peccados, não deue fazer mal o entender com a immundicia delles. Porque se estes são Sol, & luz do mundo, segundo a comparação de Christo; aos rayos do Sol não sujam os lugares mais indignos, em que obram, & resplandecem. Pollo que a S. Pedro que recusaua não só tocar, mas comer todo genero de animal, foi ditto: O que Deos fez limpo, não lhe chameis vos immundo. Porque quem tem officio de entender com peccados, & alimpallos per authoridade diuina, não deue reputallos por immundos de tal sorte q̄ possam a elle contaminallo. E esta foi a causa, segundo o mesmo Chrysofomo, porque o Salvador não duuidou tocar ao leproso.

10 E não só procedeo o Senhor ao milagre por extençaõ da mão, & tocamento do enfermo, mas tambem com palauras; para ir auezando os homens aos sacramentos da Egreja, que elle auia de instituir com certos sinaes, & palauras, como sensiueis, & visiueis accommodados com a mesma natureza dos enfermos, que por elles auiam de ser saluos. E como alepra seja expressa figura do peccado, & mancha da alma; ja desde aqui ensinou o Senhor em figura como auia de curarle pollo Sacramento da Penitencia, onde o Sacerdote estende a mão, polla confiança, que da miseri-

3. Reg. 5. n. 10.
Chry. jt. hic.

Padu. ser. hu
ius Dom.

Isai. 66. n. 2.

Marc. 1. n. 40.

Ianf. Conc. e.
44.

Theoph. hic.

Barrad. hic.
in Abulens.

Chrysof. ub.
sup.

Matth. 5. n.
13.

Act. 10. n. 15.